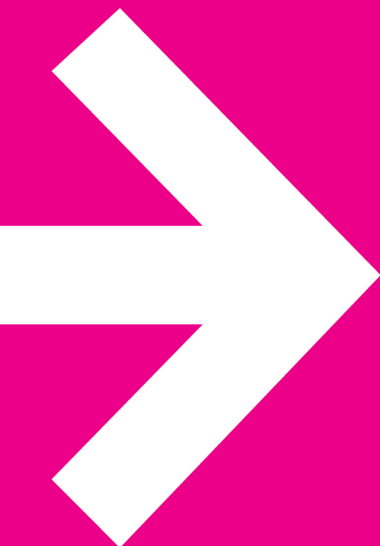




CRESCER FORA DE ÁGUA?

**EXPRESSIVIDADES,
POSICIONAMENTOS E NEGOCIAÇÕES
IDENTITÁRIAS DE JOVENS DE
ORIGEM AFRICANA NA REGIÃO
METROPOLITANA DE LISBOA**

**MARTA VILAR ROSALES
VANESSA CANTINHO DE JESUS
SUSANA PARRA**

37

NOVEMBRO 2009



CRESCER FORA DE ÁGUA?

**EXPRESSIVIDADES, POSICIONAMENTOS E NEGOCIAÇÕES
IDENTITÁRIAS DE JOVENS DE ORIGEM AFRICANA
NA REGIÃO METROPOLITANA DE LISBOA**

**MARTA VILAR ROSALES (Coord.)
VANESSA CANTINHO DE JESUS
SUSANA PARRA**

ROSALES, Marta e outros

Crescer fora de água?: Expressividades, Posicionamentos e Negociações Identitárias de Jovens de Origem Africana na Região Metropolitana de Lisboa (Estudos OI; 37)

ISBN 978-989-8000-94-1

I – JESUS, Vanessa Cantinho de

II – PARRA, Susana

CDU 316

314

PROMOTOR

OBSERVATÓRIO DA IMIGRAÇÃO

www.oi.acidi.gov.pt

COORDENADOR DA COLECÇÃO

ROBERTO CARNEIRO

AUTORAS

MARTA VILAR ROSALES (COORD.)

VANESSA CANTINHO DE JESUS

SUSANA PARRA

EDIÇÃO

**ALTO-COMISSARIADO PARA A IMIGRAÇÃO
E DIÁLOGO INTERCULTURAL (ACIDI, I.P.)**

RUA ÁLVARO COUTINHO, 14, 1150-025 LISBOA

TELEFONE: (00351) 21 810 61 00 FAX: (00351) 21 810 61 17

E-MAIL: acidi@acidi.gov.pt

EXECUÇÃO GRÁFICA

VERBISIBERIA

PRIMEIRA EDIÇÃO

750 EXEMPLARES

ISBN

978-989-8000-94-1

DEPÓSITO LEGAL

LISBOA, NOVEMBRO 2009

ÍNDICE GERAL

NOTA DE ABERTURA	5
NOTA DO COORDENADOR	7
CRESCER FORA DE ÁGUA? EXPRESSIVIDADES, POSICIONAMENTOS E NEGOCIAÇÕES IDENTITÁRIAS DE JOVENS DE ORIGEM AFRICANA NA REGIÃO METROPOLITANA DE LISBOA	9
AGRADECIMENTOS	11
CAP. 1. APRESENTAÇÃO	13
1. OBJECTIVOS DA PESQUISA	18
2. ENQUADRAMENTO DO ESTUDO	20
2.1. Migrações africanas, especificidades portuguesas: um retrato breve	20
2.2. Segundas gerações: culturas juvenis, expressividades identitárias	21
2.3. Culturas materiais e consumos contemporâneos	32
CAP. 2. METODOLOGIA	37
1. PLANEAMENTO DA PESQUISA	37
2. SELECÇÃO DOS TERRENOS E DOS INFORMANTES: PRIMEIRAS INCURSÕES NO TERRENO	40
2.1. Breve caracterização dos terrenos: os concelhos de Loures e Odivelas	41
3. INSTRUMENTOS DE SISTEMATIZAÇÃO E ANÁLISE DA INFORMAÇÃO: DESENHO E OPERACIONALIZAÇÃO	46

CAP. 3. SOCIOGRAFIA DOS GRUPOS ESTUDADOS	49
1. OS INFORMANTES: BREVE APRESENTAÇÃO	49
2. SOCIOGRAFIAS	51
 CAP. 4. QUOTIDIANOS JUVENIS: OS TEMPOS, OS RITMOS E OS ESPAÇOS DO DIA-A-DIA. <i>SOCIABILIDADES, ASSOCIATIVISMO, ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS</i>	59
 CAP. 5. EXPRESSIVIDADES JUVENIS: MÚSICA, DANÇA, DESPORTO	73
 CAP. 6. CONSUMOS	77
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
 BIBLIOGRAFIA GERAL	105
 BIBLIOGRAFIA COMENTADA	119
 ANEXOS	137

NOTA DE ABERTURA

Alguns episódios de violência atribuídos a jovens residentes em bairros situados na Área Metropolitana de Lisboa, trazem regularmente para as primeiras páginas da informação, estereótipos relacionados com a integração das chamadas “segundas gerações” de imigrantes.

Internacionalmente, tem vindo a ser amplamente recomendada a intervenção de programas de inclusão social de crianças e jovens de contextos sócio-económicos vulneráveis com modelos “bottom-up”, permitindo que sejam os parceiros locais (melhores conhecedores da realidade) a desenhar as estratégias de intervenção.

O Programa Escolhas — reconhecido internacionalmente por utilizar este modelo — tem demonstrado ao longo dos nove anos de actividade, que a exclusão não deve ser associada à origem étnica ou imigratória, mas sim ao contexto sócio-económico em que determinados grupos vivem, e por isso tem apostado numa busca permanente de igualdade de oportunidades para todas as crianças e jovens beneficiários.

O estudo que aqui se publica contribui para o melhor entendimento das expressividades, posicionamentos e negociações identitárias de jovens de origem africana na Área Metropolitana de Lisboa.

Estes jovens descendentes de imigrantes constituem uma população multifacetada e complexa que, no entender das autoras, urge ser melhor conhecida, quer no quadro dos estudos sobre migrações contemporâneas, quer no quadro dos estudos sobre culturas juvenis em Portugal.

Com o expressivo título “Crescer fora de água?”, este estudo da autoria de Marta Vilar Rosales (coordenadora), Vanessa Cantinho de Jesus e Susana Parra, chama-nos a atenção para o potencial integrador que práticas culturais expressivas nos domínios das artes plásticas, música, dança, e teatro, representam para a afirmação identitária destas populações jovens, tanto nas escolas como nas associações comunitárias.

O ACIDI, IP manifesta o seu reconhecido agradecimento às autoras pela oportunidade da investigação realizada e, sobretudo, pelas recomendações que apresentam no final do trabalho. A sua utilidade é indiscutível para a prossecução da missão deste Instituto, com particular incidência na condução do Programa Escolhas, cuja 4.^a geração está a chegar.

ROSÁRIO FARMHOUSE

ALTA COMISSÁRIA PARA A IMIGRAÇÃO E DIÁLOGO INTERCULTURAL

NOTA DO COORDENADOR

O estudo que agora se publica analisa os processos de integração social e (re)construção identitária das “segundas gerações” de origem africana na área metropolitana de Lisboa.

Tarefa complexa e rodeada de escolhos metodológicos, mas que se encontram bem torneados pela investigadora.

As periferias urbanas das grandes cidades europeias são verdadeiros laboratórios sociais. Nelas se entrecrocavam pertenças múltiplas e vazios de pertenças. De certa forma, é no sucesso da integração dos descendentes directos dos imigrantes que se afere boa parte da eficácia da política de acolhimento e os valores de fraternidade sustentados pela cultura maioritária. A *contrario senso*, a falência dos processos integradores das “segundas gerações” origina conflitualidades sociais de rua que podem ser dificilmente controláveis como se observou recentemente na região parisiense.

Crescer fora de água é uma fantástica metáfora.

Importa que as “segundas gerações” se sintam bem fora das águas dos seus pais e antepassados. Que façam suas as novas águas, quantas vezes turbulentas, em que crescem. E que façam um esforço pessoal e intercultural para conviverem com os demais — nativos ou grupos socioculturais minoritários — sem *capitis deminutio*.

As margens da cidade contemporânea são cadinhos de criatividade social e de inovação cultural.

Nunca como hoje, a periferia teve tamanha importância na vida cívica do *agora*, dificilmente se encontrará outro tempo em que o diálogo centro-margem se apresenta tão incontornável, necessário, e até fecundo.

Sem querer desviar a atenção do leitor para o convite enfático à leitura do estudo uma conclusão é segura. Ela é a de que nenhuma política de homogeneização ou de expropriação identitária pode conduzir a bom resultado. Os consumos etnicamente diversificados representam oportunidades e nichos de negócio que só podem valorizar a diversidade e favorecer o diálogo entre culturas.

Aliás, é na coexistência de práticas variadas de consumo que se pode facilmente superar a falsa dialéctica entre “nós” e “outros”, proporcionando e estimulando formas de miscigenação social e cultural em que ambos os pólos ganham superando o confronto binomial e redutor que caracteriza as abordagens características dos nacionalismos estreitos.

O cosmopolitismo urbano constitui a semente de uma nova ordem mundial em fermentação.

Fica registado o nosso profundo agradecimento às autoras, Marta Vilar Rosales (coordenação), Vanessa Cantinho de Jesus e Susana Parra, por no-lo terem lembrado de uma forma tão categórica.

ROBERTO CARNEIRO

COORDENADOR DO OBSERVATÓRIO DA IMIGRAÇÃO

CRESCER FORA DE ÁGUA?
EXPRESSIVIDADES, POSICIONAMENTOS
E NEGOCIAÇÕES IDENTITÁRIAS DE JOVENS
DE ORIGEM AFRICANA NA REGIÃO
METROPOLITANA DE LISBOA

AGRADECIMENTOS

A tarefa de investigar em Antropologia envolve quase sempre o contacto directo com um conjunto apreciável de sujeitos os quais, à medida que o terreno decorre, vão construindo com o investigador uma relação de colaboração e confiança. Tendo sido o caso neste estudo exploratório cabe-me, enquanto coordenadora do projecto, agradecer a todas e a todos os que colaboraram com as investigadoras deste projecto. O seu tempo e a sua vontade de participar foram decisivos para o resultado que aqui se apresenta. Gostaria também de deixar uma nota de agradecimento às duas jovens antropólogas que integraram a equipa e que trabalharam de forma muito dedicada e competente durante todo o processo de investigação. Expresso finalmente os meus agradecimentos à Professora Susana Pereira Bastos que me convidou, em nome do CEMME, a apresentar esta candidatura, ao ACIDI e em especial à Dr.^a Catarina Oliveira pelo modo sério e simpático com que foi acompanhando a pesquisa e aos colegas com quem fui trocando informações e debatendo ideias. Obrigada.

CAPÍTULO 1. APRESENTAÇÃO

O projecto de investigação *Crescer fora de água? — Expressividades, posicionamentos e negociações identitárias de jovens de origem africana na região metropolitana de Lisboa*, teve como principal objectivo contribuir para o conhecimento dos processos de integração e (re)negociação identitárias de jovens descendentes de migrantes originários dos PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa) a partir de uma perspectiva que elegeu como objecto de análise um conjunto de práticas expressivas que contemplam a produção e o consumo/apropriação de produtos culturais determinados.

As razões que justificaram a escolha desta população específica resultam do cruzamento de duas especificidades: em primeiro lugar, as “segundas gerações”¹ de origem africana (PALOP) correspondem a um número relativamente alargado de indivíduos, sobretudo se confrontado com o número de indivíduos pertencentes às “segundas gerações” de migrantes com outras origens; em segundo lugar, as migrações africanas para Portugal foram fortemente marcadas pelos laços históricos que ligam as antigas colónias a Portugal o que, por si, constitui uma dimensão significativa a ter em conta quando se procuram observar as políticas de integração e posicionamento destas populações migrantes, sobretudo por confronto com as desenvolvidas por outros grupos com origens diferentes.

Não sendo pioneiro em termos da temática sobre a qual se debruça, este projecto de investigação assume claramente o estatuto de primeira abordagem, ou estudo exploratório, no que respeita à perspectiva de análise e à estratégia metodológica que o conduziram. Na verdade, a maioria dos estudos realizados em Portugal sobre juventudes migrantes tende a privilegiar outras dimensões e outras vias para, como aqui, produzir conhecimento sobre uma das dimensões socialmente mais sensíveis e politicamente relevantes das migrações contemporâneas. Esta

¹ O termo é usado, aqui e ao longo do texto, com a consciência de que o seu significado (em grande medida operacionalizado ao nível do senso comum) e a sua pertinência conceptual tem sido alvo de debate nas ciências sociais. Embora esta discussão ultrapasse o âmbito deste projecto é, no entanto, de sublinhar a pertinência e valor dos contributos de autores como Fernando Luís Machado sobre a temática. Para uma leitura dos mesmos ver: Machado, F. L. (1994); Machado, F. L. e Matias, A. R. (2006).

especificidade, conjugada com as opções metodológicas que guiaram este estudo apresentadas na secção seguinte, atribuem-lhe uma dimensão restrita e não representativa da vasta e complexa temática em análise e que deve ser contemplada no decorrer da leitura. Embora não constitua uma limitação em termos da sua unidade enquanto projecto de investigação, espera-se que no futuro próximo o trabalho possa ser continuado com outros terrenos e abordagens mais extensivas que o complementem e o enquadrem.

A abordagem teórica que sustenta o trabalho realizado resulta de um processo de revisão sistemático e profundo que as ciências sociais em geral e a antropologia em particular têm vindo a realizar nas últimas três décadas.

De forma necessariamente breve e descritiva, pode afirmar-se que até ao final dos anos 1960, a investigação antropológica realizada junto das comunidades migrantes encontrava-se sobretudo focada nos seus países e culturas de origem. A maioria dos trabalhos realizados consistia na descrição etnográfica das redes sociais, das instituições sociais e dos costumes e crenças culturais desses contextos, com o objectivo de reunir informação que proporcionasse conhecimento acerca de uma população que, não partilhando da cultura do contexto de acolhimento, também não proporcionava informação sobre si própria.

A perspectiva teórica responsável pela condução destas pesquisas iniciais pressupunha um entendimento das comunidades migrantes enquanto colectivos que partilhavam simultaneamente duas culturas perfeitamente diferenciáveis — a cultura de acolhimento e a cultura do seu país de origem. Cultura e contexto de origem eram entendidos como sinónimos e os grupos sociais eram perspectivados, estudados e compreendidos como entidades colectivas socialmente homogéneas e perfeitamente demarcáveis. Por outro lado, os estudos publicados na época sugeriam ainda a existência de um entendimento da cultura e das tradições dos migrantes em termos fundamentalmente fixos e apreensíveis, por contraponto à cultura dominante.

Nas décadas de 1970 e de 1980 não foram introduzidas alterações significativas às realizadas na década anterior. Os estudos etnográficos continuaram sobretudo a procurar

dar conta dos contornos assumidos pelas instituições sociais e culturais descritas pelos trabalhos realizados no país de origem sobre aspectos mais ou menos específicos como sejam as modalidades de casamento e os sistemas de estratificação e classificação social ou de parentesco (Gardner, 2002: 7). No entanto, e apesar de o paradigma dominante se manter fundamentalmente inalterado, em muitas das pesquisas realizadas durante esta década começa a emergir a constatação da existência de alterações significativas no contexto dos grupos étnicos, sobretudo ao nível da segunda geração.

No decorrer da década de 1990, assiste-se a um profundo reequacionamento das questões relativas ao entendimento da natureza das diferenças culturais, que opunham as minorias étnicas ao “*mainstream*”.

A tomada de consciência de que uma ênfase demasiado forte na cultura e nas diferenças culturais poderia resultar, quer na sua “essencialização” quer no reforço da representação das minorias étnicas enquanto “outro”, contribuiu para a introdução de alterações importantes nos modos de perspectivar este objecto de estudo específico. A partir do contributo de autores centrais como Hall (2003), Gilroy (2003) e Bhabha (2002), as representações das fronteiras étnicas e das identidades culturais, enquanto entidades essencialmente fixas e rígidas, foram sendo progressivamente revistas em favor de perspectivas que enfatizam a fluidez e a centralidade desempenhada pelos contextos sociais e culturais na análise destes processos. Assim, a produção teórica da década de 1990 é sobretudo marcada por um afastamento das abordagens assentes em “descrições não problematizadas” (Gardner, 2002: 10) da cultura e instituições sociais dos grupos minoritários, que vão sendo progressivamente substituídas por análises crescentemente atentas às particularidades e especificidades dos processos de (re)construção identitária e das múltiplas formulações assumidas pela etnicidade.

Neste quadro, o trabalho desenvolvido por Baumann (2003) constitui um contributo particularmente importante, na medida em que introduz a possibilidade da co-existência de posicionamentos alternativos dentro de um mesmo grupo, de acordo com as especificidades de cada contexto. Segundo o seu trabalho, torna-se possível equacionar a hipótese

dos indivíduos (ao longo do tempo ou no mesmo contexto temporal, mas em situações particulares) optarem por se definirem a partir de princípios ligados à tradição e a normas culturais essencializadas, ou a partir de construções mais complexas. Como afirma o autor (Bauman, 2003: 31), as identidades culturais, independentemente da sua tendência para se reificarem, resultam da vontade e do poder humanos. No entanto, mesmo nas suas expressões mais individualizadas, elas resultam também de validações do passado e, nesse sentido, são criadas, recriadas e reificadas, através de uma multiplicidade de processos e estratégias, segundo os contextos sociais, os momentos históricos e as especificidades próprias do grupo em análise.

De acordo com as propostas apresentadas, o projecto de investigação foi desenvolvido a partir de uma abordagem centrada na análise de um conjunto de práticas expressivas, observadas simultaneamente enquanto referentes e enquanto materializações identitárias. A opção por esta linha de análise nasceu não só da necessidade de explorar novos territórios e temáticas no campo de estudos das migrações e minorias étnicas mas igualmente como uma possível resposta às recentes chamadas de atenção para a necessidade de se integrarem novas dimensões de análise no estudo das “segundas gerações” nos contextos europeus. Como referem Thomson e Crul (2007) num artigo recente, o debate europeu em torno da temática, particularmente intenso nos últimos anos, tem vindo a questionar as propostas clássicas que observam os processos de integração das segundas gerações a partir de duas grandes variáveis estruturais: qualificações escolares obtidas e posicionamentos (mesmo que prospectivos) no mercado de trabalho local. Não pondo em causa a importância assumida por dimensões como os capitais escolares e a situação perante o trabalho, os autores chamam no entanto a atenção para a necessidade de as reposicionar no contexto de outras dimensões, também elas centrais para a discussão destes processos através de uma argumentação que sublinha:

- a) O facto de explorar, medir e entender os processos de integração das “segundas gerações” passar, para além da análise de indicadores objectivos como a escolaridade, a profissão, a situação na profissão ou o rendimento, por um conjunto de aspectos menos “quantificáveis, como a cultura, a identidade étnica, religiosa, ou a cidadania” (Thomson e Crul, 2007: 1027);

- b) O facto de a escola e/ou o contexto laboral constituírem apenas duas das múltiplas esferas que integram o quotidiano das segundas gerações as quais, mesmo representando potencialmente dois espaços de socialização que contribuem para uma aproximação à cultura de acolhimento, podem sempre ser secundarizadas face a outros contextos de pertença e a outras agências de socialização, especialmente se as experiências de encontro com as primeiras não forem positivas;
- c) A hipótese de o desenvolvimento de relações positivas com a escola e de uma integração bem sucedida no mercado de trabalho não corresponderem necessariamente a uma perda de identidade étnica: *“a juventude migrante não necessita de sacrificar o cultural pelo económico; isto é, os valores e as crenças tradicionais não se encontram relegados para uma posição secundária face às recompensas materiais e financeiras do desenvolvimento socioeconómico”* (2007: 1029).

Uma abordagem centrada nas práticas de consumo e num conjunto de actividades expressivas ligadas à música e à dança surgiu como uma das vias possíveis para trabalhar com uma franja da população que se encontra numa fase da vida especialmente intensa no que respeita à gestão da sua identidade social e cultural, à determinação das suas presenças e pertenças sociais e à negociação de posicionamentos no quadro das diferentes esferas (família, escola, trabalho) que marcam os seus quotidianos. Como será argumentado no próximo capítulo, as práticas ligadas ao consumo de produtos e bens culturais são actualmente consideradas uma das áreas mais significativas para o entendido, quer das lógicas de apropriação do mundo contemporâneo quer da expressão de traços identitários específicos.

Através dos objectos, das “coisas” culturais (Appadurai, 1986), os sujeitos não só falam de si e do mundo que os rodeia, como trabalham dimensões importantes da sua identidade a partir de um processo de negociação permanente com a realidade social que integram. Observar directamente estes processos possibilita, nesse sentido, aceder a dimensões analíticas significativas e que muitas vezes se encontram ausentes dos discursos dos sujeitos acerca das lógicas que estruturam os seus quotidianos.

A exposição encontra-se organizada em seis capítulos principais. No primeiro e segundo capítulos procede-se à apresentação e discussão sumária das perspectivas teóricas que

conduziram a pesquisa, dos seus objectivos principais, do seu desenho metodológico e das ferramentas de recolha e sistematização da informação utilizadas. No terceiro capítulo apresentam-se os resultados dos dois estudos de caso realizados. A apresentação das etnografias encontra-se estruturada em quatro partes: sociografia dos grupos estudados, quotidianos juvenis, consumos e expressividades. No quarto capítulo discutem-se as linhas mais significativas que resultam da análise realizada, identificam-se futuras áreas de reflexão e discussão e apresenta-se um conjunto de propostas para próximos estudos sobre a temática. O quinto capítulo procura corresponder a uma ferramenta de trabalho para todos os que, directa ou indirectamente, se interessam e lidam com realidades próximas ao objecto de estudo em questão. Trata-se de uma bibliografia comentada das referências que, no entender da equipa de investigação, mais contribuirão para a realização deste trabalho. O sexto capítulo integra informação anexa ao estudo.

1. OBJECTIVOS DA PESQUISA

A pesquisa foi organizada a partir dos seguintes objectivos:

Objectivos gerais:

- a) Promover a integração dos estudos das culturas expressivas no amplo e complexo terreno das migrações na contemporaneidade;
- b) Fundamentar a análise das produções e dos consumos expressivos como uma dimensão relevante para o entendimento das políticas de integração e de negociação identitárias das “segundas gerações”;
- c) Observar o papel desempenhado pelas práticas expressivas na mediação dos relacionamentos com a origem, na reescrita das autobiografias pessoais e nas estratégias de afirmação e posicionamento nos diferentes contextos que compõem os quotidianos dos sujeitos;
- d) Discutir o recurso a práticas expressivas específicas enquanto elementos de legitimação de um projecto identitário migrante e enquanto factores de agregação, coesão social e afirmação cultural pelas “segundas gerações”;

- e) Contribuir para a afirmação das abordagens centradas na “vida quotidiana” enquanto terreno de análise produtivo para o entendimento dos processos de (re) construção identitária no quadro dos estudos das migrações em Portugal;
- f) Desenhar e testar uma abordagem metodológica e um conjunto de instrumentos de análise (guiões de entrevistas, grelhas de análise de conteúdo) que possibilitem o desenvolvimento de posteriores estudos na área.

Objectivos específicos:

- a) Contribuir para um aprofundamento dos conhecimentos existentes acerca dos processos de integração social e (re)construção identitária das “segundas gerações” de origem africana na área metropolitana de Lisboa;
- b) Registar as especificidades e as continuidades encontradas ao nível dos discursos e das práticas em relação à primeira geração migrante;
- c) Registar os discursos dominantes sobre o contexto português, os relacionamentos com as diferentes instituições formais que a compõem (especialmente com o Estado e com a escola) e com as diferentes esferas de pertença (família, grupo de pares) e de referência;
- d) Observar os processos de socialização, quer ao nível dos seus conteúdos, ritmos e especificidades próprias, quer no que respeita ao desempenho dos diferentes agentes que nele intervêm;
- e) Analisar os processos de constituição, manutenção e gestão das redes sociais informais de pertença dos sujeitos e medir o contributo das práticas expressivas para estes processos;
- f) Recolher e analisar os consumos (alimentação, vestuário, adereços, marcação do corpo, artísticos, mediáticos) dos jovens, observar a sua relação com os discursos recolhidos acerca das temáticas enunciadas e medir a sua “eficácia” enquanto expressões significativas dos posicionamentos e colocações assumidas no espaço público.

2. ENQUADRAMENTO DO ESTUDO

2.1. Migrações africanas e especificidades portuguesas: um retrato breve

Os processos migratórios de populações africanas para o continente europeu constituem uma realidade histórica, social e cultural complexa que tem sido intensamente estudada pela generalidade das Ciências Sociais. No que respeita a este projecto de investigação, interessa sobretudo dar conta de um conjunto restrito de linhas caracterizadoras de forma a contextualizar, na generalidade, os movimentos migratórios que as famílias dos jovens em estudo integraram.

De acordo com o quadro apresentado por Pena Pires (2003) acerca das dinâmicas imigratórias em Portugal na contemporaneidade, a imigração africana inicia-se nos primeiros anos da década 1970. Tendo em conta a legislação da época, estes primeiros fluxos eram considerados movimentações inter-regionais, o que levantou vários constrangimentos à contabilização dos dados. De acordo com a informação disponível, estes fluxos eram maioritariamente compostos por cabo-verdianos e angolanos. Após 1974, os fluxos de populações vindas das ex-colónias aumentam muito, quer em número quer em termos de diversidade de origem, passando a apresentar um perfil escolar, económico e etário que, pelas suas especificidades, contribuiu positivamente para a recomposição da população activa portuguesa.

Durante as décadas de 1980 e 1990 observou-se uma preponderância de imigrações com objectivos laborais que duraram até finais de 90 sustentadas pelas redes de sociabilidade preexistentes entre a origem e o destino (Pires, 2003: 136). Como resultado destes movimentos intensos de pessoas, e segundo o mesmo autor, em 1999 existiam em Portugal um total de 190.896 indivíduos estrangeiros com autorização de residência em Portugal, dos quais 89.516 eram originários de países africanos. Destes últimos, a grande maioria (84.930) declarou como origem um País Africano de Língua Oficial Portuguesa, no quadro dos quais se destacam, enquanto nacionalidades mais representadas, o número de indivíduos imigrantes originários de Cabo Verde (43.797), de Angola (17.695) e da Guiné-Bissau (14.140) (Pires, 2003: 139).

Observando dados mais actuais, pode afirmar-se que, segundo dados provisórios do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, a população com título legal de permanência em Portugal rondava, em 2007, os 435.736² indivíduos. Deste total, aproximadamente 147.959 eram indivíduos originários de países africanos, 136.694 dos quais de PALOP. Tal como nas estatísticas anteriores, as nacionalidades mais representadas são a cabo-verdiana com 63.925 indivíduos, a angolana com 32.728 e a guineense com cerca de 23.733, o que, em comparação com os dados referidos anteriormente, mostra uma alteração considerável destas populações em território nacional.

Mais recentemente, assistiu-se a uma diversificação dos fluxos migratórios, em termos das suas origens, e os migrantes de origem brasileira e europeia ganharam visibilidade face aos grupos oriundos do continente africano.

2.2. Segundas gerações: culturas juvenis, expressividades identitárias

Apesar da centralidade que detêm no contexto português contemporâneo, os trabalhos na área da antropologia e sociologia sobre jovens de origem africana pertencentes às “segundas gerações” migrantes são relativamente escassos. Datando da década de 1990, as primeiras investigações surgem fundamentalmente como resposta à necessidade de compreender os posicionamentos de uma população que, muito embora nascida em Portugal, começou a mostrar sinais de não integração no contexto português. Tendo como ponto de partida temáticas como a “das relações intergrupais, das identidades e das representações sociais” (Vala, 2003: 2), estes primeiros estudos possibilitaram, para além da discussão das mesmas, aprofundar igualmente o conhecimento sobre as relações destes jovens com o contexto português. Os resultados das pesquisas efectuadas oferecem uma sistematização de informações caracterizadoras, das quais se destacam a existência de percepções específicas sobre a sociedade portuguesa, mais especificamente no que respeita ao seu posicionamento face ao “preconceito de que este grupo de jovens é objecto sobre a forma como se representa, e sobre as estratégias que desenvolve para gerir o estigma crónico, associado à cor da pele.” (Vala, 2003: 2). Ainda neste estudo, Vala refere que a identificação com a portugalidade

² Fonte: www.sef.pt/documentos/56/DADOS_2007.pdf

— no sentido de Estado-Nação — parece ser reduzida. Apesar da nacionalidade portuguesa ser comum entre a população em questão, apenas uma pequena minoria refere sentir-se português e identifica-se positivamente com os símbolos da identidade nacional portuguesa.

Segundo Ferreira (2003), os jovens com origens africanas em Portugal apresentam posicionamentos diversificados no que se refere à sua naturalidade e à sua nacionalidade os quais, segundo o autor, resultam simultaneamente dos processos migratórios em que os seus pais estiveram incluídos e de questões legislativas relativas ao acesso à nacionalidade portuguesa. Num estudo que envolveu jovens de idades compreendidas entre os 15 e os 29 anos, Ferreira conclui que a maioria dos jovens mais novos (15 a 17 anos) possui nacionalidade portuguesa, a qual foi adquirida através dos pais (também eles detentores de nacionalidade portuguesa) ou via mecanismos criados para o efeito pelo contexto legislativo português. Estes jovens, nascidos em Portugal e com a nacionalidade portuguesa, distinguem-se dos que, tendo também nascido em Portugal, não possuem a nacionalidade por impedimento legislativo ou, podendo fazê-lo, preferem manter a nacionalidade do país de origem dos seus pais. Esta última modalidade reflecte, normalmente, uma tomada de decisão familiar já que, como explica Ferreira (2003: 33): “A tendência para a reprodução da nacionalidade parental torna-se clara quando se cruza a nacionalidade do próprio com a nacionalidade dos próprios pais. (...) Os resultados dão conta da diminuta ocorrência de situações em que os filhos decidiram por uma nacionalidade não portuguesa quando um dos pais já a possuía”.

Para além das questões relativas à temática da nacionalidade, o estudo de Ferreira explicita ainda que parte dos jovens inquiridos se encontravam à data em Portugal ao abrigo de outros estatutos, dos quais se destacam o de imigrante e o de estudante. Este último resulta fundamentalmente da proximidade linguística e da relativa falta de estruturas de ensino no país de origem, em particular do ensino universitário.

Esta breve caracterização realizada junto da população jovem com origem africana é especialmente importante porque torna clara a existência de diferentes dinâmicas e especificidades, no que respeita aos seus posicionamentos identitários, no contexto português.

Longe de constituírem uma realidade homogénea, pode dizer-se que os posicionamentos individuais dos jovens descendentes de africanos são plurais e heterogéneos. As razões que justificam a existência desta diversidade são também elas múltiplas. Para além de serem influenciados por variáveis decorrentes dos processos migratórios dos pais, tais como as relações que constroem com os contextos português e de origem familiar, os jovens parecem ser igualmente afectados por dimensões estruturais que ultrapassam as fronteiras dos processos migratórios como sejam a classe sócio-económica em que a sua família está inserida e as perspectivas de futuro que a presente conjuntura proporciona.

Como defende Fernando Luís Machado (2002), na sua proposta de análise da etnicidade, os mecanismos identitários que decorrem da mesma não são activados apenas devido à existência de contrastes culturais com as sociedades de acolhimento. Os contrastes sociais são igualmente importantes na análise das relações entre as comunidades imigrantes e as sociedades de acolhimento. Esses contrastes constituem-se no cruzamento destes dois eixos que se desdobram em várias dimensões, das quais Machado (2002) dá particular atenção à classe, uma vez que esta tende a ser “largamente subestimada pela sociologia das relações étnicas e raciais” (Machado, 2002: 39). Esta desatenção merece ser questionada, tal como o autor faz, pois para além de revelar imprecisões analíticas decorrentes de um certo etnocentrismo, ao “considerar que a etnicidade é, à partida, uma clivagem social mais importante que as classes” (2002: 39); mascara o facto de que “qualquer minoria tem sempre algum grau de diferenciação do ponto de vista dos lugares de classe dos seus membros (...), cuja análise é indispensável para se compreender a própria relevância que a etnicidade pode ou não assumir.” (2002: 39). Esta dimensão analítica é tão importante para os imigrantes de “primeira geração” como para os seus descendentes: “a chamada «corrente classista» (Pais, 1993) tem demonstrado de maneira inequívoca a importância de se recorrer aos conceitos de classe social, trajetórias de classe e mobilidade social, sistemas de disposições e estilos de vida, entre outros, para tornar mais inteligível a condição juvenil nas sociedades contemporâneas.” (Machado e Matias, 2006: 13-14).

Como reflectir teoricamente sobre as problemáticas que emergem de terrenos como o que se encontra em discussão? Em que medida as “segundas gerações” apresentam especificidades

fundamentais que as estabeleçam enquanto objecto de estudo autonomizado das discussões contemporâneas sobre migrações e etnicidade?

O debate acerca das “segundas gerações” migrantes na Europa tem-se intensificado nos últimos anos, ao mesmo tempo que se têm repensado os modelos institucionais adoptados nos diferentes países de acolhimento e reflectido sobre os seus contextos sociais. Os modelos clássicos de integração europeia, como o “assimilacionista” em França ou o “multiculturalista” na Holanda, nem sempre têm produzido os resultados esperados, dando por vezes origem a contradições impensadas entre sucesso económico-profissional e integração cultural. Ao nível do senso comum, a tendência dominante para olhar os jovens de ascendência migrante enquanto problema social e a partir da sua suposta (e inata) incapacidade de adaptação acrescenta dificuldades à discussão pública destas questões no sentido em que tende a tornar-se essencial e, por vezes, marginalizar, tais populações. Aqui a questão ultrapassa os limites do sucesso escolar e profissional e tende a direccionar-se para a percepção da diferença ao nível das práticas culturais quotidianas, podendo estes jovens ser considerados inadaptados simplesmente por não partilharem os mesmos gostos, ou por não se expressarem de formas similares às dos jovens naturais do contexto de acolhimento. A estas (ou outras) reacções da comunidade receptora somam-se os capitais (sociais, escolares, económicos) dos seus progenitores e as especificidades nacionais ao nível das políticas de cidadania, complexificando e diversificando os processos de integração a partir de factores que normalmente escapam ao controle dos jovens.

Como chamam a atenção Thomson e Crul (2007), a integração não deve ser medida apenas através dos indicadores estatísticos do sucesso económico das “segundas gerações”, mas também a partir de “aspectos menos quantificáveis tais como a cultura, a identidade étnica e/ou religiosa e (mesmo se mais problemática) a raça” (2007: 1027) sendo, por isso, necessário repensar a perspectiva “assimilacionista” clássica de forma a dar conta da multiplicidade de estratégias e formas de integração existentes. Neste sentido, os mesmos autores defendem a necessidade de desenvolver um diálogo transatlântico no qual as especificidades dos vários contextos nacionais europeus sejam repensadas

à luz das recentes produções teóricas americanas. Enquanto os trabalhos pioneiros da Escola de Chicago³ entendiam a “assimilação” de uma forma linear, em que a perda de identidade étnica não lhe seria só proporcional mas mesmo necessária, a partir da década de 1980, uma série de autores da sociologia e antropologia contemporânea⁴ defendem uma conceptualização mais dinâmica em que a retenção de etnicidade pode acompanhar o processo de “assimilação”. Nesta última linha, Portes desenvolveu a teoria da “assimilação segmentada” (Portes e Zhou, 1993; Portes, 1995) para explicar os resultados da sua investigação entre descendentes de imigrantes hispânicos, nos Estados Unidos da América. Segundo o autor, estes jovens entrariam num processo de assimilação ascendente ou descendente, retendo apenas determinados elementos da cultura maioritária aos quais juntavam elementos da cultura dos seus pais, consoante os recursos e capitais sociais da sua família fossem, respectivamente, altos ou baixos. Assim, aos primeiros estariam reservados sucessos em termos de ascensão social num processo de aculturação harmonioso, enquanto aos segundos esperaria um futuro de estagnação ou declínio na estrutura social e aculturação dissonante em relação à sociedade de acolhimento. Embora incontornável no quadro das ciências sociais contemporâneas, a proposta teórica de Portes tem sido alvo de várias críticas, das quais se salienta a que chama a atenção para a continuidade existente entre esta e as anteriores teorias de assimilação, especificamente no que respeita à concepção homogénea da sociedade de acolhimento.

O multiculturalismo e o estruturalismo organizam as suas propostas em torno da discussão da suposta homogeneidade cultural das sociedades de acolhimento, classificando-a como artificial, essencializada e assente na ideia de existência de um núcleo uno constituído pelo grupo dominante de tal sociedade (Alba e Nee, 1997). Os defensores da primeira (Glazer e Moynihan, 1970; Greeley, 1976; Handlin, 1973), definem-na antes como fluida e plural. As minorias, enquanto parte integrante da mesma, contribuem para a sua constante recomposição, pelo que há a necessidade de se perspectivarem os atributos étnicos das populações migrantes enquanto recursos positivos. A proposta estruturalista

3 Destacam-se, entre outros, os trabalhos desenvolvidos por: Robert E. Park (com H. A. Miller) (1921 e 1922); Louis Wirth (1928); W. I. Thomas e Florian Znaniecki (1927).

4 Destacam-se, entre outros, os trabalhos desenvolvidos por: Epstein (1978); Gans (1979); Reitz (1980); Yinger (1981); Alba e Chamlin (1983); Breton *et al.*, (1990); Fugita e O' Brien (1991).

(Barth e Noel, 1972) coloca a ênfase analítica na estratificação da sociedade de acolhimento e nos constrangimentos que desta derivam e que limitam o acesso dos imigrantes (tal como da restante população) aos recursos laborais, habitacionais ou educacionais.

Embora intensamente discutidas, ambas as perspectivas falham em apresentar alternativas conceptuais para a análise das possibilidades e realidades de integração das populações imigrantes. Neste sentido, a “assimilação segmentada” de Portes parece continuar a ser o modelo mais simples de operacionalizar, uma vez que se debruça sobre as várias formas de adaptação imigrante, cruzando variáveis culturais e estruturais na análise dos diferentes padrões de mobilidade. Atentos à interacção existente entre factores externos ao grupo, como a estratificação racial, a segregação espacial ou as oportunidades económicas e a factores internos, como os capitais humanos e financeiros à chegada, estrutura familiar, organização da comunidade e padrões culturais de relação social (Zhou, 1997: 999), os teóricos deste modelo têm tentado perceber o processo de assimilação das “segundas gerações” em toda a sua complexidade. Desta forma, tem sido possível explicar diferenças entre adaptações a um mesmo contexto, ou entre contextos diferentes mas em condições humanas e financeiras semelhantes. O destrinçar de tais complexidades, como mostram Thomson e Crul (2007), torna-se mais efectivo quando se desce ao nível local e se tem em atenção as especificidades dos diversos microcosmos que compõem a realidade migrante contemporânea. A este nível, é possível aprofundarem-se questões que uma abordagem mais estruturalista tende a explicar apenas a partir dos processos macro-sociais, negligenciando muitas vezes a capacidade de agência individual e podendo levar a uma reificação de certos padrões culturais. Neste sentido, os mesmos autores chamam a atenção para a importância da aplicação destes modelos à(s) realidade(s) europeia(s), a partir de uma perspectiva comparativa capaz de integrar, tanto as especificidades relativas aos modelos de integração e cidadania de cada nação quanto aquelas relativas às suas instituições. Esta ênfase contextual pretende ainda ultrapassar algumas insuficiências da abordagem norte-americana especificamente no que diz respeito ao seu carácter determinista e pessimista em relação ao conceito de assimilação descendente, ou à sua desatenção às heterogeneidades grupais.

A viragem teórica no sentido da implementação de abordagens mais plurais e dinâmicas tem sido transversal ao pensamento antropológico e ao discurso e políticas públicas, traduzindo uma tendência geral no entendimento acerca da diversidade que privilegia os particularismos culturais e compreende uma atitude sensível à “diferença” (Brubaker, 2001). Tais desenvolvimentos, aparentemente positivos, devem no entanto ser celebrados com alguma cautela pois podem ter alguns efeitos perversos.

O discurso do respeito pela “diferença” corre o risco de encapsular noções racistas, perpetuando determinismos acerca da compartimentação das culturas e da sua incomensurabilidade (Todorov, 1993), estando muitas vezes na base dos fundamentalismos culturais contemporâneos (Stolcke, 1995). A este respeito, Grillo afirma que: “Devemos assegurar que, no que respeita ao ‘multiculturalismo’, não estamos simplesmente a institucionalizar uma determinada antropologia, uma visão da humanidade e do homem, na qual as comunidades são entendidas como comunidades étnicas, com culturas ligadas, e direito ao seu reconhecimento enquanto tal, e que estas visões nos instruem sobre os modos como lidar com a diferença. Se isto não acontecer, o fundamentalismo cultural, o essencialismo, a reificação, o estereótipo e o conservadorismo culturais persistirão na gestão da diferença, e a antropologia do espaço, do território, da cultura que informou a constituição dos estados-nação continuará a guiar a incorporação dos migrantes e das minorias étnicas na construção da Europa” (2001: 25).

Hannerz (1999) propõe uma visão mais processual da cultura, capaz de dar conta da agencialidade individual e, simultaneamente, da forma como o desenvolvimento das relações humanas, seja ele no sentido da persistência ou mudança, se encontra dependente da interacção entre pessoas e da negociação dos seus diversos posicionamentos. Partindo desta perspectiva, promove-se um entendimento acerca da integração das comunidades imigrantes que, reflectindo respeito pela diversidade cultural, tenha em conta ao mesmo tempo o carácter dinâmico e a possibilidade de troca entre diferentes culturas. É neste sentido que alguns autores (Alba e Nee, 1997; Brubacker, 2001; Gans, 1997) propõem um retorno ao conceito de “assimilação”, capaz de reconciliar a

incorporação dos imigrantes na sociedade civil receptora com os elementos identitários da cultura de origem: “Este termo pode ser usado produtivamente para dar conta dos processos sociais que ocorrem espontaneamente e muitas vezes intencionalmente durante as interacções entre grupos majoritários e minoritários. (...) O conceito de assimilação é relevante para discutir visões excessivamente positivas da diferença e para explicar processos que, contrariamente às transformações ocorridas ao nível da identidade, dos valores ou dos comportamentos, não ocorrem a um nível individual mas dizem respeito a várias gerações e à sociedade como um todo” (Colombo, Leonini e Rebughini, 2009: 38-39).

Brubacker (2001) desenvolve esta ideia, defendendo a utilização de um quadro assimilacionista revisito a partir da substituição de uma perspectiva “orgânica” da assimilação, que assumia a absorção completa como fim, por uma perspectiva mais abstracta do conceito enquanto processo de alcance de similaridades entre unidades sociais complexas e heterogéneas.

Numa investigação recente acerca das “segundas gerações” em Itália, Colombo, Leonini e Rebughini (2009) encontram vários tipos de identificação entre os jovens que multiplicam as formas de integração definidas pelo conceito de “assimilação segmentada”. A partir da discussão de conceitos como os de transnacionalismo e cosmopolitismo, estes autores posicionam-se num quadro teórico que entende a identidade desses jovens como produto da negociação, e muitas vezes da coexistência dinâmica, entre referências da origem, elementos da sociedade de acolhimento e símbolos do fluxo cultural global do mundo contemporâneo. Assim sendo, a identidade cultural poderá corresponder: “Ao produto de uma síntese dinâmica a qual, tendo em conta o território em que a pessoa vive, integra os laços da vida quotidiana (rotinas, amizades, relações amorosas, consumos, etc.), os laços nostálgicos das memórias (relações, obrigações, experiências de vida, respeito e auto-estima) e, finalmente, os laços dinâmicos com o futuro cheios de expectativas, ambições, sonhos e projectos” (Colombo, Leonini e Rebughini, 2009: 38-40).

Definidas a partir destes princípios, as identidades juvenis das “segundas gerações” em análise apresentam um carácter processual, não são rígidas nem definitivas, podendo os

sujeitos, em cada momento, usá-las ou recusá-las de acordo com o contexto e posição em que se encontram.

Baumann (2003), num trabalho importante da teoria antropológica acerca da identidade étnica em contexto migratório, identifica aquilo a que se designou por discurso “demótico” acerca dos auto-posicionamentos de indivíduos residentes num bairro multi-étnico de Londres. Segundo o autor, este discurso existiria como alternativa ao discurso dito “dominante” (com tendência a reificar as pertenças dos diversos indivíduos) oferecendo uma contraposição quotidiana do mesmo. Este discurso alternativo mostra como as identidades dos indivíduos têm um carácter cambiante e multifacetado, chamando a atenção para a existência de uma forma criativa de “fazer cultura” por oposição à forma estruturante de “ter cultura”.

A psicologia tem igualmente vindo a confirmar a natureza multidimensional da identidade étnica (Rosenthal e Hrynevich, 1985) bem como o seu carácter dinâmico e situacional (Callan e Gallois, 1982; 1983), chamando a atenção para a forma como certos factores (internos ou externos ao grupo) têm uma importância variável na constituição da identidade de diferentes grupos étnicos (Giles *et al.*, 1976). Como afirma Rosenthal (1987: 169): “(...) as tentativas de discussão acerca da natureza dinâmica da identidade étnica devem ter em conta não só as diferenças objectivas existentes em termos dos contextos mas igualmente os significados subjectivos atribuídos a esses mesmos contextos”. Esta chamada de atenção denota preocupação com as capacidades de agência individuais ao mesmo tempo que questiona a asserção recorrente de que o “biculturalismo” dos jovens oriundos de grupos migrantes (1987: 178) resulta inevitavelmente em conflito e desadaptação.

Em síntese, da revisão da literatura realizada ressalta a existência de uma elevada complexidade e diversidade de posicionamentos identitários existentes entre jovens de ascendência migrante. Dado que esta constatação se aproxima das concepções da moderna teoria social acerca da juventude em geral, sentiu-se necessidade de estabelecer um diálogo entre as duas temáticas. Nesse sentido, propõe-se que a análise das “segundas gerações” incorpore, para além das linhas de reflexão até aqui trabalhadas, um conjunto de debates relativos

à juventude enquanto categoria social, contribuindo para a afirmação de uma abordagem que sublinhe esta dimensão identitária como igualmente central no estudo para o entendimento dos sujeitos em análise.

Partindo de uma revisão muito geral às abordagens realizadas no quadro das ciências sociais, o primeiro aspecto relevante prende-se com o facto de, até muito recentemente, os estudos sobre juventude se centrarem fundamentalmente nos contextos ocidentais e no género masculino. Só mais recentemente, e fundamentalmente a partir das contribuições da antropologia, se começou a trabalhar mais intensamente o género feminino (Fuglesang, 1994; Cardeira da Silva, 1999), bem como contextos mais variados (Sato, 1991; Davis e Davis, 1998).

Os precursores dos estudos sobre juventude surgiram no quadro da sociologia e dos *cultural studies* em estudos centrados na discussão de fenómenos ligados à urbanidade e às condições particulares de grupos citadinos específicos do contexto do pós-guerra. A produção teórica desta época emergiu de dois núcleos principais: das abordagens da Escola de Chicago às culturas desviantes, sobretudo através do desenvolvimento do conceito de “subcultura” (Merton, 1957; Matza e Sykes, 1961; Becker, 1963) e dos trabalhos desenvolvidos pelo Centro para os Estudos Culturais Contemporâneos (CCCS) de Birmingham acerca dos movimentos de resistência juvenis das classes trabalhadoras inglesas (Hall e Jefferson, 1976; Hebdidge, 1979). No centro da argumentação desenvolvida pelo segundo núcleo encontrava-se, não questões directamente relacionadas com o desvio aos modelos sociais dominantes como no primeiro caso, mas a questão do sistema de estratificação social inglês. Contrariando os posicionamentos que afirmavam o “fim das classes sociais”, os teóricos do CCCS argumentavam que o aparecimento de novos hábitos de consumo e de novos estilos de vida no seio dos jovens das classes trabalhadoras inglesas não eram sinónimo de uma melhoria real das suas condições de vida. Nesta linha, o conceito de “subcultura” foi utilizado pelos mesmos autores para circunscrever o conjunto de práticas desenvolvidas por tais grupos juvenis, entendendo-o como uma forma de resolver (embora apenas no plano simbólico do imaginário) as contradições encontradas ao nível dos seus estilos de vida.

Este conceito, e a sua utilização pelos teóricos do CCCS, tem sido alvo de várias críticas, como a que chama a atenção para a exclusão do género feminino da análise (McRobbie e Graber, 1976), a que aponta o carácter essencialista e conjuntural da assunção de que os membros das subculturas pertenceriam predominantemente às classes trabalhadoras (Muggleton, 2000) ou a que sublinha a ênfase excessiva atribuída ao desvio, enquanto característica fundamental das culturas juvenis (Jenkins, 1983).

No contexto português, Pais (1993) desenvolve um conjunto de argumentações que vão no sentido da desconstrução dos conceitos de “cultura juvenil” e de “juventude” perpetuados nas representações sociais de senso comum, as quais são muitas vezes projectadas e mantidas pelos *media* enquanto “unidades sociais” definidas a partir de critérios como a pertença a uma determinada faixa etária e a (suposta) partilha de uma série de características comuns. Segundo o autor, é preciso perspectivar a juventude enquanto fazendo parte de um “*conjunto social*” necessariamente diversificado, perfilando-se diferentes culturas juvenis em função de diferentes pertenças de classe, situações económicas, diferentes interesses, diferentes oportunidades, etc.” (Pais, 1993:29). Por outro lado, a recorrência das análises realizadas a partir de indicadores como o emprego, a obtenção de casa ou a conjugalidade, usados para medir “o sucesso” na superação da condição transitória em que os jovens se encontram, tem levado a que por vezes se perspetive este período da vida a partir das insuficiências (do ponto de vista das estruturas consideradas “normais” na vida adulta) e/ou do carácter problemático e potencialmente perigoso a ele associados (Pais, 1993; Wulff, 1995). Contrariando esta tendência, Pais propõe uma análise focada nas actividades de lazer como uma via para chegar às especificidades das diversas culturas juvenis partindo de expressões e definições dos próprios sujeitos que as integram.

A percepção crescente do poder criativo dos jovens e da sua capacidade para, a partir de imagens e objectos de consumo determinados, constituírem e instituírem estilos de vida originais resultaram no aparecimento de conceitos alternativos ao de “subcultura” como, por exemplo, o de “neo-tribo” (Maffesoli, 1996) ou o de “cena” (Straw, 1991). Estas novas propostas, espelho das “críticas contemporâneas do «essencialismo» e resultado da ênfase atribuída às identidades e práticas contraditórias e fragmentadas” (Bennet e Khan-Harris,

2004: 14)”, procuram sobretudo impor-se como perspectivas que sublinham o carácter transitório, participado e volátil dos processos de filiação juvenis.

Muito embora centrais para a discussão da pluralidade, complexidade e transitoriedade que marcam os processos de pertença e as estratégias de afirmação identitárias juvenis, estas abordagens não devem subestimar nem substituir o papel desempenhado por dimensões objectivas como a classe, a etnia ou a religião. Sem lhes atribuir, à partida, um carácter determinista, estas dimensões continuam a desempenhar um papel fundamental na determinação dos quadros sociais a partir dos quais as diferentes juventudes produzem criativamente “sentido” sobre a realidade em que vivem.

2.3. Culturas materiais e consumos contemporâneos

De acordo com um conjunto recente de contributos e discussões teóricas (Hall, 2000; Bauman, 2001; Gilroy, 2003; Morley, 2000), a identidade cultural pode ser pensada a partir de duas perspectivas diferenciadas. A primeira propõe uma definição que sublinha a centralidade desempenhada pelos processos históricos e patrimónios culturais partilhados, responsáveis por proporcionar ao colectivo um quadro de referências relativamente estável e contínuo. A segunda, embora se estabeleça numa estreita relação com a primeira, constitui uma chamada de atenção para o papel desempenhado por determinados elementos específicos que, a par dos traços culturais partilhados, desempenham igualmente um papel crítico em termos identitários. De acordo com esta segunda perspectiva, a identidade cultural, pode ser pensada como um processo contínuo e permanentemente negociado, marcado pelas trajectórias percorridas, posicionamentos assumidos e estratégias desenvolvidas em cada contexto específico.

A antropologia, tal como outras ciências sociais, desde sempre privilegiou a observação das culturas materiais produzidas pelas diferentes culturas estudadas como uma forma de as analisar e discutir, quer em termos das suas diversidades quer das suas singularidades. Os objectos, a sua produção e o seu consumo eram estudados a partir de uma perspectiva assente na observação das ligações existentes entre si enquanto membros de um mesmo “circuito de produção cultural” (Du Gay, 1997). O significado das coisas, o seu valor e

os seus usos resultavam do encontro e da negociação estabelecida entre produtores e consumidores, através de um processo de atribuição de sentido social e cultural no qual ambas as partes participavam directamente. A “cultura objectificada” reflectia assim, não só a existência de matérias-primas, técnicas, instrumentos ou propósitos específicos para um conjunto determinado de coisas, mas igualmente as particularidades destes processos relacionais de atribuição de significado e valor.

Com a institucionalização da produção industrial em massa, própria do sistema capitalista e consequente aumento do número de produtos em circulação, o encontro directo entre produtores e consumidores deixou de ser possível. Como reacção a esta alteração nos processos de produção e circulação de objectos, bens e serviços, as ciências sociais em geral, e a antropologia em particular, desviaram o seu foco de análise para um conjunto de questões que, muito embora pertinentes, se afastaram da observação dos processos de atribuição de sentido e significado aos objectos e dos usos e funções que lhes eram dados. A relação entre consumidores e objectos começou a ser crescentemente observada como um processo comandado pela esfera da produção que, para satisfazer as suas sempre crescentes necessidades de mercado, foi progressivamente impondo significados sociais e modalidades de uso para os objectos postos em circulação. Representado como o contexto final de um circuito iniciado e comandado pela produção, o consumo de massas foi secundarizado, até muito recentemente, enquanto contexto preferencial para o entendimento dos processos de construção, afirmação e negociação identitárias.

O retomar da observação das práticas efectivas de consumo consolida-se novamente apenas na década de 1980 pela mão de um conjunto de autores (Bourdieu, 1979; Douglas e Isherwood, 1979; Appadurai, 1986; Miller, 1987) que, não pondo em causa a pertinência das discussões centradas nas alterações introduzidas pela produção em massa no mercado global, desenvolveram uma série de trabalhos fundamentais para afirmação da relevância do consumo e da cultura material contemporâneos nos processos de (re)construção identitária. Sublinhando a capacidade expressiva das práticas de consumo, quer na tradução de princípios de convergência e continuidade, quer enquanto materializações de diferenciação e singularidade identitárias, estes contributos constituem-se presentemente como um quadro

teórico fundamental. Assente num entendimento das práticas de consumo como expressões dos relacionamentos sociais desenvolvidos pelos sujeitos e na validação do princípio do “consumidor activo”, isto é, na afirmação da capacidade de apropriação estratégica pelos sujeitos de objectos produzidos em massa com o objectivo de produção de significado e marcação de posicionamentos identitários, este quadro teórico possibilitou a emergência de um intenso e interessante debate sobre as práticas de consumo contemporâneas.

A consolidação desta abordagem resultou de um processo de sistematização progressiva de um conjunto de premissas teóricas, das quais se destacam:

- a) A afirmação da existência de uma relação significativa e complexa entre os contextos culturais de pertença e as práticas de consumo desenvolvidas (Douglas e Isherwood, 1979; Appadurai, 1986; Miller, 1987; Howes, 1998);
- b) A afirmação da importância das práticas de consumo para a estruturação e desenvolvimento dos processos de (re)construção identitária, o que possibilita observá-las enquanto materializações desses mesmos processos (Bourdieu, 1979; Appadurai, 1986; Miller, 1987; Lury, 1997);
- c) A observação das práticas de consumo enquanto um conjunto de práticas que, ultrapassando o âmbito da aquisição de produtos e serviços, se constituem como processos sociais de utilização e reutilização de “coisas” as quais, enquanto resultado desses processos, vêem os seus significados ajustados e renegociados de acordo com as especificidades dos seus contextos de integração (Appadurai, 1986; Kopytoff, 1986; Miller, 1987, 1998; Warde, 1996);
- d) A assunção de que os objectos, longe de constituírem elementos “neutros”, devem ser perspectivados como entidades que participam activamente nos relacionamentos sociais pelo que são co-responsáveis pela produção do contexto no qual “habitam” (Miller, 1987, 1998; Warde, 1996; Silverstone e Hirsch, 1994).

Partindo destes pressupostos, as práticas de consumo podem ser observadas e discutidas, não apenas como um reflexo das identidades subjectivas mas sobretudo como uma dimensão quotidiana onde as mesmas são produzidas, avaliadas e ajustadas. Este “trabalho” identitário é particularmente significativo quando discutido num diálogo permanente com

as dimensões estruturais e com os contextos em que as práticas ocorrem, como têm vindo a comprovar um número considerável de etnografias realizadas junto de diferentes grupos. Sempre significativas, as relações entre pessoas e coisas permitem falar de consumo e, fundamentalmente, da generalidade das dimensões que compõem o dia-a-dia, das rotinas, das dimensões “naturalizadas” e instantâneas das suas vidas.

Apesar das estreitas e evidentes relações existentes entre elas, as temáticas das migrações e das culturas materiais e práticas de consumo contemporâneas têm sido pouco exploradas em conjunto. Sendo um campo fundamental para a afirmação de pertenças e continuidades e, paralelamente, para o exercício expressivo das singularidades e das diferenças culturais, a cultura material e as práticas de consumo são um terreno potencialmente rico para o entendimento da diversidade intrínseca às migrações contemporâneas.

Como referem Basú e Coleman (2008), todos os processos migratórios são fortemente marcados por processos de materialidade, na medida em que envolvem necessariamente processos de expropriação (à partida) e apropriação (à chegada). Nesse sentido, é fundamental que as ciências sociais prestem mais atenção às intersecções e interferências existentes entre os fluxos de pessoas, objectos e consumos. De acordo com este posicionamento teórico, os movimentos de pessoas afectam a materialidade porque implicam a deslocação de objectos e de práticas de consumo de um contexto geográfico o que necessariamente introduz alterações, quer ao nível dos usos e dos significados a eles atribuídos quer ao nível dos utilizadores. Dependendo das especificidades que marcam os processos migratórios, as práticas de consumo quotidianas ligadas à alimentação, vestuário, decoração e equipamento domésticos, música ou *media* tornam-se terrenos centrais para o encontro entre práticas e objectos da origem com práticas e objectos do destino. Estes são expressivos não só das dimensões identitárias decorrentes da origem mas igualmente dos seus posicionamentos e relacionamentos com o seu novo contexto de residência. Assim, através da observação dos objectos possuídos, das práticas de consumo e das políticas de uso exercidas, podem observar-se as trajectórias percorridas pelos sujeitos atendendo às dimensões directamente decorrentes dos processos migratórios mas também a todo um outro conjunto de dimensões fundamentais ligadas ao género, à etnia, à idade, à classe social ou à religião.

Trabalhar a problemática dos processos de (re)construção identitária a partir de um enquadramento centrado na observação das práticas de consumo estabelece, para além das justificações enunciadas, as condições necessárias para situar o estudo ao nível das “práticas quotidianas” (Longhurst e Savage, 1996; Mackay, 1997). Como o termo sugere, uma abordagem centrada no “quotidiano” corresponde a uma decisão que privilegia do ponto de vista analítico o “regular” e as actividades do “dia-a-dia”, por contraponto aos episódios excepcionais e únicos presentes nas biografias dos sujeitos em estudo.

Em linha com as ideias expostas, procurou-se durante a investigação determinar os modos como as práticas de consumo e os objectos presentes nos quotidianos dos jovens em estudo reflectem os seus percursos e estratégias de integração e constituem um domínio expressivo relevante para o entendimento das suas especificidades identitárias enquanto descendentes de migrantes, materializam as representações e os discursos sobre o contexto de origem dos seus pais e o seu contexto presente e medeiam os seus posicionamentos no quadro da comunidade que integram.

CAPÍTULO 2. METODOLOGIA

1. PLANEAMENTO DA PESQUISA

O planeamento da pesquisa, bem como as opções metodológicas realizadas e os instrumentos de análise construídos, decorreu directamente das especificidades apresentadas pelo objecto de estudo, dos objectivos enunciados e dos pressupostos teóricos que a informam. Optou-se, desde o início, pelo desenvolvimento de uma abordagem qualitativa que possibilitasse simultaneamente:

- a) Desenvolver um plano de observação intensivo das práticas de produção e de consumo expressivas e dos processos de apropriação desenvolvidas pelos sujeitos;
- b) Recolher informação sobre as temáticas em análise;
- c) Criar condições favoráveis para a sua discussão, no quadro das trajectórias desenvolvidas pelos jovens e pelas suas famílias desde a sua chegada a Portugal.

Sendo uma opção metodológica sustentada pela maioria dos autores que tem vindo a desenvolver trabalho empírico nesta área específica, a eleição de uma metodologia qualitativa comporta especificidades determinadas, com implicações importantes ao nível da prática de investigação⁵. Por um lado, favorece o desenvolvimento de um exercício de recolha de dados intensivo e profundo, mas restringe a amplitude do campo de análise uma vez que pressupõe uma observação e recolha de dados muito focada e multiplicada por uma pluralidade de contactos com um terreno não controlável *a priori* pelo investigador. Por outro, reclama a necessidade de uma recolha de dados presencial e uma observação directa das interacções em estudo, o que pressupõe uma disponibilidade elevada por parte dos investigadores para desenvolverem um envolvimento permanente com o terreno que estudam.

As implicações ao nível dos métodos e das técnicas decorrentes da opção metodológica tomada estão descritas mais detalhadamente na secção 2.3. No entanto, pode ser significativo referir desde já que a observação directa realizada foi complementada e produziu informações as quais foram acompanhadas por outras resultantes da operacionalização de um conjunto de ferramentas de investigação, tais como as entrevistas semi-directivas ou a recolha de

⁵ Ver secção 3 Instrumentos de sistematização e análise da informação: desenho e operacionalização.

registos visuais. As primeiras mostraram-se fundamentais para a produção da sociografia dos grupos em estudo e para complementar os dados recolhidos através da observação directa. O mesmo se pode afirmar no que respeita aos registos visuais, os quais se mostraram especialmente úteis na discussão das práticas de consumo e actividades expressivas dos jovens observadas.

A conjugação das duas especificidades acima enunciadas determinou a opção pela inclusão de um número máximo de trinta elementos em cada um dos grupos em análise, o qual não foi atingido, pertencentes a apenas duas “redes sociais informais” (Ballassar, 1999).

Numa tentativa de promover uma homogeneidade relativa em termos da composição dos dois grupos em análise, estabeleceu-se um conjunto de critérios a observar quando da sua selecção:

- 1) Contexto temporal do processo migratório dos pais;
- 2) Caracterização sociográfica dos jovens em termos de género, idade, escolaridade;
- 3) Local de residência (o trabalho desenvolveu-se em duas áreas específicas da área metropolitana de Lisboa, integradas nos concelhos de Loures e de Odivelas;
- 4) Origem familiar dos jovens (o trabalho integrou exclusivamente jovens cujos pais são ambos oriundos de um país africano de língua oficial portuguesa).

Pese os limites que impuseram à investigação realizada, estes critérios mostraram-se fundamentais para o bom desenvolvimento da mesma dado que se proporcionaram as condições necessárias para o estabelecimento de um diálogo produtivo entre os dois terrenos em análise. A esta justificação junta-se uma segunda que, muito embora de carácter não metodológico, teve igualmente uma influência importante no desenho da pesquisa. O facto da equipa de investigadores no terreno se limitar a dois elementos, aliado ao período de tempo disponível para a realização do mesmo (quatro meses), constituiu um critério de peso na decisão tomada. Mesmo tratando-se de uma abordagem exploratória a um terreno em grande parte ainda por perscrutar, “abrir” os critérios de determinação dos grupos de análise de forma a integrar uma maior diversidade de sujeitos corresponderia a um risco com consequências difíceis de avaliar.

A pesquisa envolveu duas dimensões complementares que decorreram simultaneamente. A primeira corresponde ao trabalho etnográfico realizado junto dos grupos em análise, nos diferentes contextos em que os seus quotidianos se desenrolam. Para além das escolas frequentadas pelos jovens, foram trabalhados, sempre que possível, outros locais centrais como as suas habitações, as ruas, os parques, os bairros, as associações, as instalações onde praticam desporto ou dança, bares, clubes e espaços comerciais. A presença das investigadoras no terreno teve uma periodicidade semanal (numa média de três dias por semana) e, em muitas das visitas, ocupou a totalidade do dia. De acordo com os princípios que balizam a prática etnográfica, procurou criar-se o menor “ruído” possível nos quotidianos dos jovens assumindo uma postura de não ingerência, quer ao nível dos seus relacionamentos intergrupais, quer da estrutura e dos ritmos que marcam as suas rotinas escolares, familiares e sociais. As observações directas e as “entrevistas” conduzidas junto dos jovens foram levadas a cabo através do recurso a várias técnicas de recolha de informação tais como: o diário de campo, o registo fotográfico e o registo áudio das conversas mantidas. Os dados obtidos foram posteriormente sistematizados e trabalhados a partir de um conjunto de instrumentos especificamente criados para o efeito e que se apresentam na próxima secção.

A segunda dimensão da pesquisa correspondeu a um exercício de contextualização do objecto de estudo do projecto. Este exercício é sempre necessário, especialmente quando se opta pela realização de abordagens qualitativas à realidade social, o que provou ser fundamental para a consolidação do trabalho realizado. Esta contextualização desenvolveu-se em duas frentes diferenciadas.

Na primeira procurou dar-se conta das especificidades que marcaram os processos migratórios e as trajectórias de vida desenvolvidos pelas famílias dos jovens integrados no estudo. Para esse efeito, foram consultados um conjunto alargado de estudos publicados sobre a temática das migrações de origem africana para Portugal em geral e, sempre que possível, todos os dados existentes compilados por instituições diversas (ACIDI, Câmaras Municipais, INE) sobre os grupos em questão. Durante a pesquisa esteve-se especialmente atento a informações relativas à temporalidade dos fluxos migratórios, à sua caracterização

sociográfica, aos dados relativos à residência (localização, características), nível de escolaridade da população, profissões e situações na profissão. Muito embora tenha ficado aquém das expectativas iniciais, o exercício realizado provou uma vez mais a necessidade de se realizar um trabalho de integração e sistematização estruturado dos muitos e dispersos dados existentes sobre estas temáticas.

Na segunda componente, de natureza fundamentalmente teórica, procurou sistematizar-se os recursos bibliográficos existentes nas universidades e centros de investigação em ciências sociais da região de Lisboa sobre o objecto de estudo. Dado tratar-se de uma primeira abordagem a um terreno em grande parte desconhecido para a equipa, sentiu-se a necessidade de apostar na investigação e exploração da bibliografia existentes, como forma de preparar não só esta mas próximas investigações sobre a temática. Os recursos existentes na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa e no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, foram sistematicamente listados e comentados através de um processo que, pelos resultados positivos que produziu, se decidiu tornar público através deste relatório. Espera-se que a listagem de bibliografia comentada que aqui se apresenta constitua uma ferramenta de trabalho válida para outras investigações sobre esta mesma temática.

2. SELECÇÃO DOS TERRENOS E DOS INFORMANTES: PRIMEIRAS INCURSÕES NO TERRENO

A escolha dos terrenos em que decorreu a pesquisa foi fortemente condicionada pelas condições objectivas que marcaram a sua realização. Avaliados os meios e o intervalo de tempo para a realizar, optou-se por seleccionar duas áreas urbanas pertencentes aos concelhos de Loures e Odivelas, de fácil acesso às investigadoras que trabalharam directamente no terreno. A escolha dos terrenos teve como critério principal o facto de ambas as áreas urbanas integrarem um contingente significativo de jovens que potencialmente corresponderiam ao perfil dos sujeitos a integrar no estudo. Para além desta justificação objectiva, pesou igualmente na decisão tomada o facto dos primeiros contactos com o

terreno terem resultado positivamente. De facto, não só houve um acolhimento positivo ao estudo e à presença frequente e intensa das investigadoras no terreno, como foi possível estabelecer com relativa rapidez uma rede de contactos com informantes privilegiados que funcionaram, num primeiro momento, como mediadores entre estas e os sujeitos.

2.1. Breve caracterização dos terrenos: os concelhos de Loures e Odivelas

Os terrenos em que o estudo foi realizado apresentam uma série de características comuns, o que facilitou e promoveu o desenvolvimento de uma abordagem comparativa: situam-se ambos na periferia da zona da “grande Lisboa”, apresentam elevados índices de concentração populacional e acolhem uma percentagem significativa de população migrante.

Embora a observação etnográfica operacionalizada nos moldes da presente investigação não tenha abrangido a totalidade dos concelhos torna-se importante, por razões de contextualização dos próprios terrenos, caracterizá-los na generalidade. Após esta primeira abordagem, apresentam-se os dados específicos referentes a cada uma das freguesias em estudo e, por último, um conjunto de referências relativas à imigração⁶, no quadro de cada concelho.

Terreno 1: Concelho de Loures

O concelho de Loures tem cerca de 162 km², divididos em 18 freguesias: Moscavide, Portela, Sacavém, Prior Velho, Bobadela, Unhos, Camarate, Apelação, Frielas, São João da Talha, Santa Iria da Azóia, Santo António dos Cavaleiros, Loures, São Antão do Tojal, São Julião do Tojal, Lousa, Fanhões, Bucelas. Estas freguesias comportam uma totalidade de 199 059 habitantes e uma densidade populacional de 1182,0 habitantes/km² de acordo com os censos de 2001. A densidade populacional deste concelho varia consoante as freguesias, sendo que as que apresentam valores mais elevados são as freguesias de Moscavide, Portela e Santo António dos Cavaleiros, seguidas pelas freguesias do Prior Velho, Camarate, Apelação e Sacavém. As projecções dos dados relativos a 2007 mostram que, de modo geral e pouco significativa, a densidade populacional diminuiu ligeiramente desde 2001 para os 1160,5 habitantes/km².

⁶ Estes dados são limitados às pesquisas existentes nas fontes consultadas, ficando por vezes aquém da profundidade desejável. No entanto, sai fora do âmbito desta investigação a recolha extensiva destes dados estatísticos.

A **freguesia da Apelação**, na qual se centrou este estudo tem uma população residente de 6043 indivíduos, uma densidade populacional de 4241,6 habitantes/km² e uma percentagem de população residente com nacionalidade estrangeira de 16,04%.

A taxa de emprego na freguesia correspondia, em 2001, a 55,7% da população e a taxa de desemprego a 8,4%, para um total de população activa de 2846 indivíduos.

Em relação aos graus de instrução apresentados pela população da freguesia, cerca de 34,62% tem menos que a escolaridade obrigatória. A taxa de abandono escolar ronda os 3,38%, a taxa de analfabetismo é de 8,94% e a detenção de um grau de ensino superior corresponde a 3,28%.

Complementarmente, é igualmente significativo referir que a percentagem de população que possui casa própria é de 51,01% e a que vive em casas arrendadas que é de 50,71%. O valor médio mensal das rendas de alojamento é de 69€, no que respeita a alojamentos familiares clássicos. O acesso a serviços municipalizados, como a recolha de resíduos, está à disposição de 99,60% dos edifícios integrados na freguesia. Ainda no contexto das condições de habitabilidade nota-se que 51,30% dos edifícios têm necessidade de reparação, que 31,33% dos alojamentos são caracterizados como sobrelotados e que 4,76% não possuem uma infra-estrutura básica.

No que respeita à população migrante a residir na freguesia, a Apelação tem cerca de 1106 indivíduos de diferentes nacionalidades. Destas, assumem destaque a nacionalidade cabo-verdiana e guineense como as nacionalidades mais representadas, correspondendo aproximadamente a 29%, seguindo-se a angolana com cerca de 16%.

Na contexto da freguesia existe um bairro social de realojamento que se encontra relativamente isolado dos restantes bairros dado que foi construído numa zona de declive mais acentuado que as restantes áreas construídas. Dado que este bairro acolheu sucessivos processos de realojamento desde 1996/ 98 que trouxeram novos habitantes à população, é apontado como factor fundamental para o aumento das nacionalidades existentes na

freguesia⁷. A construção de infra-estruturas urbanas como a Expo 98 e um conjunto significativo de vias rodoviárias implicou a desobstrução das áreas anteriormente ocupadas por barracas e o respectivo realojamento das populações que nelas habitavam nesse mesmo bairro. Inicialmente projectado como cooperativa de habitação, o bairro encontra-se hoje dividido em zonas diferenciadas e é palco de conflitos permanentes entre os seus habitantes.

Terreno 2: Concelho de Odivelas

O concelho de Odivelas apresenta uma área bastante mais reduzida que o concelho de Loures (26,6 km²) e divide-se em sete freguesias: Caneças, Famões, Odivelas, Olival Basto, Pontinha, Póvoa de Santo Adrião, Ramada. Em 2001, de acordo com os censos, tinha 133 847 habitantes e uma densidade populacional bastante mais acentuada que o concelho descrito anteriormente, com cerca de 5068,0 habitantes por km². As freguesias que apresentam maior densidade são: Póvoa de Santo Adrião, Odivelas e Pontinha. Os dados de 2007 apontam para um aumento da concentração dos indivíduos (densidade populacional de 5746,3 habitantes/km²), contrariando a tendência que se referiu em relação ao concelho de Loures. De acordo com os censos de 2001, 13% da população tinham origem estrangeira (cerca de 9084 indivíduos) sendo 4,3% respeitantes a nacionalidades africanas (cerca de 5752) com idades predominantes entre os 30 e os 39 anos⁸. A pesquisa etnográfica realizada integrou sujeitos residentes em três freguesias deste concelho: Odivelas, Caneças e Olival Basto. Não foi, no entanto, possível recolher dados da imigração relativos às nacionalidades dos estrangeiros residentes, em cada uma das freguesias.

A **freguesia de Odivelas** tem uma população total de 53 449 habitantes e a sua densidade populacional é de 10 520,75 habitantes/km². A percentagem de estrangeiros é de 6,07%. A taxa de emprego era de 60,5%, correspondendo a uma população empregada de 27 792 indivíduos. O desemprego situa-se nos 6,7% do total da população activa.

⁷ Fonte: http://www.cm-loures.pt/doc/garse/Populacao_qfonte.pdf — Acedido a 17 de Fevereiro de 2009.

⁸ Fonte: Análise sócio-económica e empresarial do concelho de Odivelas, Câmara Municipal de Odivelas.

A escolaridade da população da freguesia caracteriza-se por ter uma percentagem elevada de ensino superior completo, cerca de 10,42% e a taxa de analfabetismo mais baixa das freguesias em estudo, cerca de 4,33%. A taxa de abandono escolar é também relativamente baixa (1,15%). A percentagem da população com pelo menos a escolaridade obrigatória situa-se nos 52,95%, igualmente a mais alta entre as quatro freguesias em estudo.

A fatia da população com habitação própria ronda os 53%, e os arrendamentos cerca de 25%, com um valor mensal médio de 143€. Os principais serviços municipalizados à disposição na freguesia estão ao serviço de 94,70% da sua população.

Dos edifícios localizados na freguesia, 53,80% estavam referenciados como necessitando de obras de reparação, 3,02% possuem menos de uma infra-estrutura básica e 19,02% estão classificados como sobrelotados.

Na **freguesia de Caneças**, a população total situa-se nos 10 647 habitantes, dos quais 4,18% são residentes de nacionalidade estrangeira. A densidade populacional desta freguesia é de 1787,86 habitantes/km².

A população activa em números absolutos é de 5878 indivíduos e a população empregada é de 5545 indivíduos, o que corresponde a uma taxa de emprego de 62,0% e a uma taxa de desemprego que ronda os 5,6%.

A nível da educação formal, a taxa de analfabetismo da freguesia é de 6,97% e o abandono escolar apresenta os valores mais baixos no quadro das freguesias em estudo: cerca de 1,08%. No que respeita à escolaridade obrigatória, esta ronda os 42,74% da população e os valores referentes aos graus de licenciatura ou equivalente os 6,08%.

A percentagem de famílias que optou por adquirir habitação ronda os 34,25% e os arrendamentos atingem os 31,30%, com uma renda média correspondente a 159€. O número de edifícios que têm acesso a serviços municipalizados de recolha de lixo ronda os 99%.

Os valores de habitações classificadas como sobrelotadas situam-se nos 19,84% e as proporções de alojamentos familiares sem infra-estruturas básicas e com necessidades de reparação são respectivamente de 5,66% e de 46,50%.

A **freguesia do Olival Basto** apresentava em 2001 um total de 6246 habitantes, o que corresponde a uma densidade populacional de 4411,54 habitantes/km², e a percentagem de residentes de nacionalidade estrangeira nesta freguesia é de 7,56%.

A taxa de emprego à mesma data era de 56,5% e a de desemprego rondava os 6,8%, o que representa em termos absolutos uma população activa de 3282 indivíduos e uma população empregada de 3057 indivíduos.

A percentagem da população com pelo menos a escolaridade obrigatória é de cerca de 42,61% e o ensino superior foi completado por 5,37% dos habitantes. As taxas de analfabetismo e de abandono escolar situam-se respectivamente nos 6,58% e nos 1,94%.

Os valores de compra de habitação própria rondam os 48% e os de arrendamento os 32%, com um valor mensal médio de 129€. Tal como na freguesia de Odivelas, cerca de 94% dos edifícios têm acesso à recolha de resíduos sólidos urbanos.

A existência de menos de uma infra-estrutura básica nesta freguesia é de 3,06% e a necessidade de edifícios a necessitar recuperação é a mais alta do terreno em estudo: 65,10%. Os valores relativos à sobrelotação são igualmente elevados (25,81%) ficando apenas abaixo da freguesia da Apelação.

3. INSTRUMENTOS DE SISTEMATIZAÇÃO E ANÁLISE DA INFORMAÇÃO: DESENHO E OPERACIONALIZAÇÃO

Com o objectivo de promover uma base comparativa sustentável entre dois terrenos espacial e socialmente distintos, as observações directas realizadas foram estruturadas a partir de parâmetros semelhantes e complementadas por um conjunto de conversas previamente determinadas, ao estilo de entrevistas semi-directivas, de forma a produzirem pistas sobre possíveis respostas às problemáticas levantadas nesta investigação. Assim, foram realizadas oitenta entrevistas⁹ nos dois terrenos estudados.

Paralelamente, e ainda na primeira fase de pesquisa, foram construídas grelhas de análise com o objectivo de caracterizar e posicionar os informantes face a um conjunto central de indicadores objectivos. Muito embora restritos, estes são considerados fundamentais não só para caracterizar os sujeitos em estudo, mas igualmente para discutir e compreender os processos de constituição dos grupos consoante a localidade, o género e a faixa etária. Foi igualmente considerada fundamental a recolha de informação relativa às ligações com a origem dos progenitores, a caracterização dos agregados familiares em termos

sociográficos e a recolha de um conjunto específico de dados relativos à sua percepção do local onde vivem, no sentido de identificar afinidades e expectativas em relação ao contexto português actual.

Listagem dos indicadores recolhidos

1. Idade
2. Género
3. Nacionalidade
4. País de nascimento
 - 4.1. (Se nasceu fora de Portugal) Idade de chegada a Portugal

⁹ É significativo referir que, de acordo com a prática etnográfica, as entrevistas realizadas assumem um carácter complementar ao trabalho de observação directa e, muitas vezes, participante realizado pelas investigadoras. Assim sendo elas constituem mais uma técnica de recolha de informação, pelo que os dados recolhidos através das mesmas não podem nem devem assumir carácter central na análise que aqui se apresenta, nem ser alvo de uma discussão autonomizada dos restantes dados recolhidos através de outras ferramentas metodológicas.

5. Origem (local) dos pais
6. Existência de família (avós, tios, primos) na origem
7. Existência de contactos directos (visitas) à família no local de origem
 - 7.1. (se não) Expectativas e projectos de contactos futuros próximos
 - 7.2. (se sim) Frequência de contactos directos/visitas
8. Domínio e uso de outras línguas para além do português
9. Identificação com diferentes contextos, discursos e representações ligadas à identidade nacional
10. Escolaridade (ano de frequência)
11. Projectos profissionais e académicos futuros
12. Situação perante o trabalho
13. Responsabilidades parentais e educacionais
14. Rede de sociabilidade (nacionalidade e origem dos amigos mais próximos)
15. Discursos dominantes sobre o local de residência
16. Caracterização da habitação em termos de número de divisões
17. Caracterização da composição da unidade doméstica (n.º de habitantes)
 - 17.1. Caracterização sociográfica da unidade doméstica (grau de parentesco, idade, género, nacionalidade, naturalidade, data de chegada a Portugal, habilitações escolares, profissão, situação na profissão, local onde desempenha actividade profissional).

Os dados recolhidos a partir desta listagem foram submetidos a uma análise descritiva a partir de uma grelha de análise construída para o efeito. A sistematização dos resultados apurados apontou a necessidade de se proceder a uma segunda recolha de informação centrada nas seguintes temáticas-chave:

- a) **Ligação à cultura de origem:** no sentido de recolher informação acerca dos processos de transmissão da cultura parental e da caracterização das representações centrais existentes acerca do contexto de acolhimento;
- b) **Sociabilidades:** as redes sociais encontradas no terreno apontam a localidade (bairro, escola, casa) como um factor importante. Observar a sua centralidade e

equacionar hipótese de constituição de redes de sociabilidade que ultrapassem os seus limites. Medir o impacto das novas tecnologias nos processos de sociabilidade e na ultrapassagem dos limites impostos pelo local. Discutir a importância das associações locais, cafés, zonas comerciais (espaços públicos para além da escola) na gestão de relacionamentos e redes de sociabilidade.

- c) **Expectativas de vida/ Perspectivas de futuro:** projectos de futuro em diferentes dimensões (pessoal, profissional). Expectativas, avaliações e projecções pessoais. Discursos sobre a vida adulta, comparações com as trajetórias cumpridas pelos progenitores.

A primeira fase da etnografia realizada resulta da conjugação de recolha de informação sobre estas três grandes temáticas e da observação directa realizada no terreno. Esta última foi sendo, de acordo com a prática antropológica, sistematizada quotidianamente em dois diários de terreno. Na segunda fase da etnografia, especialmente centrada nas práticas de consumo juvenis, os diários foram complementados com registos produzidos pelos informantes, a pedido das investigadoras. Nestes foram sistematizadas informações acerca das suas práticas efectivas de consumo, como locais, quotidianos e sociabilidades. Para além dos registos escritos, foram utilizadas técnicas de captação e registo de imagens (fotografia e vídeo) e de som (através da gravação de entrevistas ou da análise dos consumos musicais

importantes para a faixa etária em estudo). Apresenta-se em anexo¹⁰ um quadro síntese exemplificativo do processo de gestão e confrontação da informação recolhida nesta fase da pesquisa.

10 Ver Anexo 1: Sistematização da informação recolhida através de entrevistas.

CAPÍTULO 3. SOCIOGRAFIA DOS GRUPOS ESTUDADOS

1. OS INFORMANTES: BREVE APRESENTAÇÃO

A escolha dos informantes para esta pesquisa foi feita com base nos objectivos enunciados. Assim sendo, procurou-se inserir no grupo em estudo jovens entre os 12 e os 20 anos de idade com pais de origem africana (primeira geração migrante), nascidos em Portugal ou chegados ao país no decorrer da primeira infância. Muito embora inicialmente se tenha projectado trabalhar apenas com jovens cujos progenitores tivessem uma mesma origem¹¹, os primeiros contactos com o terreno tornaram rapidamente claro que esta opção não só tornaria a unidade de estudo artificial, como condicionaria uma percepção e abordagem mais abrangente às redes de sociabilidade dos sujeitos. Assim sendo, os grupos em estudo integraram a totalidade dos sujeitos que, cumprindo os requisitos anteriormente enunciados, se mostraram interessados em cooperar com os investigadores de terreno. Paralelamente pretendeu-se também respeitar uma representação relativamente equilibrada de jovens do sexo feminino e do sexo masculino, criando assim a possibilidade de estabelecer condições para uma análise comparativa em termos de género. Num dos contextos esta premissa não foi, no entanto, conseguida em pleno por dificuldades relativas no estabelecimento de contactos com os rapazes.

Na primeira fase da pesquisa, os principais objectivos passaram por conhecer os informantes através de um exercício de observação participante, de modo a perceber quais os seus posicionamentos identitários perante a sua situação de migrantes de segunda geração e as lógicas dominantes que presidem aos seus quotidianos nos locais em que residem, estudam e desenvolvem as suas práticas de sociabilidade.

Na segunda fase, promoveu-se uma observação mais restrita de forma a identificar e situar um conjunto de práticas de consumo específicas, as quais foram analisadas a partir de um exercício de diálogo permanente com as dimensões objectivas e simbólicas que contextualizam os quotidianos dos jovens.

11 Inicialmente projectou-se trabalhar exclusivamente com jovens cujos progenitores fossem originários de Angola.

Terreno 1: Odivelas

Em Odivelas, os contactos iniciaram-se através de uma busca das associações ligadas à comunidade angolana registadas no site da Câmara Municipal de Odivelas. Desta resultou um primeiro contacto com uma das responsáveis pela ARACODI (Associação dos Residentes Angolanos do Concelho de Odivelas), que rapidamente se tornou numa ajuda fundamental para a entrada no terreno. Foi através deste contacto que se conheceram os primeiros informantes e que se obteve acesso ao local de observação privilegiado, a escola. Aqui, após uma professora nos ter apresentado a um jovem guineense com muitos conhecimentos entre os alunos, foi-se contactando com os seus amigos e, progressivamente, constituindo a rede de informantes. Com alguns destes foi mesmo possível estabelecer uma relação de proximidade que permitiu acompanhá-los nos seus momentos de lazer fora do âmbito escolar, acedendo a outras esferas privilegiadas dos seus quotidianos.

Para além dos jovens a que se acedeu através da escola, foram igualmente incluídos no grupo em estudo outros sujeitos com percursos e sociabilidades diferenciadas, cujas especificidades pareceram pertinentes para a pesquisa. O acesso a um destes foi realizado com a ajuda da responsável pela ARACODI. Estabeleceu-se contacto com um segundo através de uma interpelação casual realizada a um dos seus membros, no contexto da fase exploratória desta investigação. As dinâmicas respeitantes a estes últimos foram observadas, não tanto a partir dos seus locais de estudo, mas antes nos diversos espaços onde normalmente socializam depois da escola.

Terreno 2: Loures

Os contactos em Loures tiveram como ponto de partida um bairro nos limites do concelho, em processo de realojamento há vários anos, através de uma associação de apoio aos seus moradores. Após os primeiros contactos, que passaram pela participação em diversas actividades desta associação, esta “porta” de acesso provou ser problemática, no sentido em que o contacto directo à população foi permanentemente dificultado devido à precariedade que marca as condições de vida da generalidade das pessoas do bairro e à existência e a

um número considerável de situações de permanência ilegal em Portugal. Atendendo às fortes restrições de tempo impostas pelo plano de pesquisa, optou-se por tentar através de uma das pessoas da associação um novo contacto num outro bairro.

O segundo contacto mostrou-se significativamente mais produtivo. A presença de jovens na faixa etária pretendida é expressiva e as condições de acesso aos seus espaços (escola, associações juvenis) foram facilitadas pelo facto do informante, através do qual se estabeleceram os primeiros contactos com o terreno, trabalhar na escola e pertencer à associação de jovens do bairro.

A escolha dos jovens a integrar na unidade de estudo foi marcada por duas premissas — por um lado um espaço localizado, relativamente delimitado com diversas dinâmicas que permitiram a observação de grande parte do quotidiano dos indivíduos e, por outro, o acesso a duas instituições frequentadas pela maioria destes indivíduos, que permitiu o acesso alargado ao bairro.

Partindo da escola, os mediadores foram apresentando à investigadora jovens do sexo feminino de diversas turmas e faixas etárias e que estavam ligadas a projectos dentro da escola e simultaneamente do bairro. O acesso a jovens do género masculino foi bastante restrito, fundamentalmente devido a questões relacionadas com o género da investigadora que realizou este terreno. A dificuldade de estabelecimento destes contactos, aliada à existência de uma série de entraves impostos pelos próprios informantes levou a coordenação do projecto a optar por restringir a observação ao grupo de raparigas.

2. SOCIOGRAFIAS

Terreno 1: Odivelas

A amostra respeitante ao segundo terreno é composta por jovens, rapazes e raparigas com idades compreendidas entre os 9 e os 23 anos, residentes em três freguesias distintas do concelho de Odivelas. Todos têm pelo menos um progenitor de origem angolana, tendo 10 nascido em Angola e 7 em Portugal. Quanto às auto-identificações, 6 dizem-se africanos,

outros 6 angolanos e portugueses, 3 angolanos, e apenas 2 portugueses. A ligação com a origem é realizada através de contactos telefónicos ou Internet, pelo menos uma vez por semana, ou através de troca de encomendas. As idas ao país de origem dos pais são raras. Na maior parte dos casos, há demonstração directa de interesse em visitá-lo a qual, no entanto, não acompanhada por uma vontade de fixar residência. O contacto com parentes residentes noutras áreas de Lisboa é intenso, sendo as visitas e convívios muito frequentes, especialmente ao fim-de-semana ou nas férias. A maioria, correspondente ao subgrupo estudado a partir da escola e constituído por 6 raparigas e 5 rapazes, pertencem à freguesia de Odivelas e habitam em apartamentos comprados ou alugados no centro da cidade de Odivelas. Dentro destes grupo maioritário podem identificar-se diferentes subgrupos, constituídos a partir de várias afinidades como a idade, a turma, o género ou mesmo os gostos em termos de música e/ou de desporto. Apesar de normalmente se agruparem, nos intervalos entre as aulas, de acordo com estas características gerais, não se pode dizer que as mesmas sejam estruturantes dos relacionamentos existentes entre os diferentes indivíduos que compõem a unidade de análise. Todos se conhecem e acabam por se relacionar em algum momento do seu quotidiano: se não são da mesma turma são colegas da equipa de futebol; se não são da mesma idade encontram-se para ensaiar um novo passo de dança; se não pertencem ao mesmo género trocam música entre si ou jogam jogos juntos, etc.

O segundo subgrupo é constituído por 3 jovens da mesma família, 2 raparigas e 1 rapaz, pertencentes à freguesia do Olival Basto e que habitam um apartamento alugado na periferia de Odivelas e 1 rapariga amiga destes, pertencente à freguesia de Caneças e que habita uma casa “tipo vivenda” alugada. Neste caso, a casa aparece como espaço de sociabilidade por excelência, funcionando normalmente como ponto de encontro dos amigos dos vários membros da família. Neste caso específico, o rapaz assume claramente a figura de autoridade masculina devido ao facto de o pai se encontrar permanente ausente.

O terceiro subgrupo é composto por 2 rapazes da mesma família que pertencem à freguesia de Caneças mas que residem em habitações diferentes, um deles num quarto alugado perto do centro de Caneças e outro em apartamento comprado na periferia de Caneças, junto a

um bairro social. Os quotidianos destes foram observados a partir das suas deambulações pelos vários espaços onde passam os seus tempos de lazer. Estas práticas parecem estar maioritariamente organizadas em torno do encontro de amigos ou de passeios por locais de consumo e/ou recreativos.

Os agregados domésticos destes jovens variam em tamanho e composição sendo, em geral, constituídos pelos progenitores e irmãos¹², existindo dois casos de famílias monoparentais (só mãe), um caso de co-habitação com tios e primos, outro de co-habitação com a irmã, cunhado e sobrinha e um último em que o entrevistado não habita com nenhum parente.

As profissões dos familiares e restantes membros adultos dos agregados domésticos dos jovens em estudo estão maioritariamente ligadas à construção civil e comércio (no caso dos homens) e ao sector das limpezas e cozinha (no caso das mulheres). Existem 4 excepções, duas em que os progenitores trabalham na embaixada angolana, e outras duas em que estão empregados na área do tratamento do cuidado geriátrico. A maior parte destes jovens só estuda, havendo dois que conciliam os estudos com um emprego na restauração e um que apenas trabalha também neste mesmo sector. Os irmãos (ou familiares em idade escolar) encontram-se na grande maioria a estudar, havendo alguns a frequentar o ensino superior (ver Anexo: grelha 1). As famílias destes jovens podem ser situadas na categoria geral das classes médias-baixas, na sua maioria com capitais escolares e culturais baixos. Quase todos os pais completaram o 9.º ano, havendo três com o 4.º ano, três com o 10.º ano, um com o 12.º ano e três com licenciatura, o que constitui uma situação claramente excepcional.

Terreno 2: Loures

O grupo estudado no primeiro terreno é composto por jovens raparigas com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos. A área geográfica em que habitam integra a freguesia da Apelação e a maioria passou por um processo de realojamento residindo, por isso, em habitações sociais.

12 As famílias dos jovens estudados apresentam um número de filhos que varia entre 2 e 6. O número de filhos mais representado é de 3 por casal.

Os agregados domésticos são compostos por um número variado de elementos, entre três a nove pessoas, na sua maioria pais e irmãos. No entanto, em alguns casos as informantes moram também com os tios e primos, havendo igualmente uma situação em que a informante vive com os avós.

As profissões dos familiares e dos outros membros adultos dos agregados domésticos das jovens em estudo estão directamente ligadas à construção civil e à segurança privada (no caso dos homens) e a serviços como limpezas e atendimento em lojas (no caso das mulheres). Existem igualmente casos em que alguns familiares se encontram a estudar, nomeadamente os irmãos ou primos menores, ou familiares no desemprego que afecta, em três dos casos, os irmãos mais velhos (ver Anexo, grelha 1).

As relações que são mantidas com os pais, tios e mesmo irmãos raramente são referidas ou faladas entre as informantes, existindo até alguma dificuldade em encontrar respostas quando as questões são colocadas directamente. Neste contexto, apenas foi possível perceber uma relação conflituosa com os familiares num dos casos.

Os sujeitos integrados no grupo em análise frequentam o 7.º, 8.º e 9.º ano (a maioria os cursos profissionalizantes: CEF de fotografia e informática) da Escola Básica Integrada, situada no Bairro em que residem.

Para além de uma clara demarcação ao nível do género (responsável pela impossibilidade de se integrarem jovens do sexo masculino no grupo em estudo), esta unidade parece igualmente sensível a um conjunto de outras variáveis diferenciadoras. Integrando um intervalo consideravelmente heterogéneo em termos etários, a unidade de análise estrutura-se em torno de práticas comuns mas, igualmente, de práticas diversas nas quais o factor idade aparece como determinante. Um segundo factor directamente relacionado com o primeiro corresponde à turma e ao ano de escolaridade que se encontram a frequentar. O desenvolvimento de actividades extracurriculares como a dança ou o associativismo parecem igualmente funcionar como marcadores de distinção dentro do grupo.

Do cruzamento dos elementos de diferenciação mencionados resulta um quotidiano marcado por múltiplas lógicas de estruturação, diversas políticas de gestão dos relacionamentos e identificações múltiplas que, mais do que concorrerem entre si, retratam a existência de redes de pertença complexas e plurais, se bem que parcialmente coincidentes. Destas, emergem três fracções que, do ponto de vista analítico, interessa identificar.

Na primeira, que integra três raparigas com idades compreendidas entre os 16 e 17 anos pertencentes à mesma turma e que estão normalmente juntas nos intervalos da escola, as principais características a salientar são, para além das referidas, o interesse pela temática da informática e o desenvolvimento de um conjunto de práticas de sociabilidade e lazer como as saídas e visitas ao centro comercial. Uma destas raparigas pertence também ao grupo de dança (informante 18) e outra à associação de jovens do bairro (informante 19). A terceira rapariga (informante 20), pelo facto de residir fora do bairro, embora na mesma freguesia, não mantém um contacto tão forte fora da escola com as duas primeiras que residem próximas uma da outra. As origens das raparigas são bastante diferenciadas, as duas que moram no bairro de realojamento têm origens em São Tomé, Guiné (pais da informante 18), Angola e Cabo Verde (pais da informante 19), enquanto que a informante 20 é de origem portuguesa. No que se refere à escolaridade dos membros das unidades domésticas destas informantes é de salientar que os seus familiares directos mais velhos (pais e avós) possuem o 4.º ano de escolaridade ou sabem ler e que os seus irmãos completaram, em média, o 9.º ano de escolaridade.

A segunda fracção integra igualmente três raparigas com idades compreendidas entre os 14 e 15 anos e que se caracterizam por um contacto constante durante o intervalo da escola, ou a pertença à mesma turma (informante 23 e informante 24). A informante 23 e a informante 22 integram o grupo de dança de uma das associações do bairro, e apesar da informante 22 não estar na mesma turma das outras duas informantes, encontram-se no intervalo. As três raparigas têm origem africana, nomeadamente Cabo Verde, Angola ou Guiné. Aqui, quando se trata de analisar a nacionalidade, nota-se que os pais da informante 22 têm duas origens diferenciadas, enquanto que as duas outras informantes não.

Neste grupo, o agregado familiar das informantes é mais alargado, sendo o nível de escolaridade dos pais e dos tios mais baixo, (até à antiga 4.^a classe, ou não sabem ler) ou no caso dos irmãos e primos a escolaridade entre o 8.^o e o 12.^o anos.

A terceira subunidade integra igualmente três raparigas que pertencem à mesma turma. Esta fracção do grupo distingue-se das duas anteriores por frequentar com maior frequência centros comerciais juntas e inclusive “escondem” os *golpes* umas das outras, como irem ter com o namorado de uma delas e as outras ficarem à espera. Os familiares são cabo-verdianos ou guineenses e apenas uma delas tem a nacionalidade portuguesa (informante 25).

Os familiares que coabitam com estas informantes, são duas a três pessoas, exceptuando a informante 27, que são seis pessoas. A formação que têm é variada e vai desde a quarta classe, no caso da mãe e o tio das informantes 25 e 27, respectivamente, ou o 9.^o ano, em média para os restantes familiares, à excepção das crianças mais pequenas (sobrinhos da informante 27 e irmão da informante 26).

As duas últimas raparigas aqui apresentadas (informante 21 e 28) exibem situações relativamente específicas face às restantes. A primeira, a informante 21, de origem angolana e cujos pais têm o 7.^o e 12.^o anos, frequenta a escola mas apesar de se dar bem com as outras informantes, não está permanentemente com as suas colegas de turma.

Faz parte de um dos projectos da escola tal como outras duas raparigas do grupo de informantes mas apresenta interesses relativamente diferenciados destas que se materializam numa postura que demarca das demais, a evidenciar ligações à organização de eventos e conhecimentos diferenciados das suas colegas, fazendo questão de salientar que é africana, e que todos os negros deviam conhecer determinadas figuras históricas. A segunda rapariga, informante 28, de origem guineense, mora no mesmo bairro das restantes mas frequenta uma outra escola noutro bairro próximo. Em comum com as restantes, para além da residência, apresenta a pertença ao mesmo grupo de dança. O facto de a escola ter constituído um espaço fundamental para a observação das práticas quotidianas das raparigas levou a que fosse mais complexo trabalhar este último caso, e a compreensão

dos seus posicionamentos ficou aquém das restantes informantes, sendo o material de terreno mais reduzido e centrado nas entrevistas. O agregado familiar desta informante é bastante alargado, com nove pessoas, e sendo a maioria menor de idade, têm em média menos que a escolaridade mínima obrigatória, tal como a sua mãe, que tem o 4.º ano (antiga 4.ª classe).

Através da observação participante e das entrevistas foi possível compreender que as relações das informantes com a origem são relativamente frequentes: pelo menos uma vez por semana, exceptuando um dos casos, a informante 18, que garante não ter qualquer ligação. Estes contactos dão-se pelo telefone ou telemóvel, e nalgumas situações são pedidas ou enviadas encomendas; as visitas ao país de origem são muito reduzidas, no entanto existem determinados produtos africanos, que apesar de já serem comprados em Portugal, continuam a estabelecer a ligação com a origem (esta questão será abordada mais a frente, pois é também um consumo importante para estas informantes).

CAPÍTULO 4. QUOTIDIANOS JUVENIS: OS TEMPOS, OS RITMOS E OS ESPAÇOS DO DIA-A-DIA. SOCIABILIDADES, ASSOCIATIVISMO, ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS

Terreno 1: Odivelas

Os quotidianos dos jovens do primeiro subgrupo analisado são muito semelhantes. A escola e a casa constituem os espaços onde os jovens passam mais tempo. Nos dias de semana, a rotina faz-se maioritariamente entre estes dois contextos e, no caso de alguns dos rapazes, com três e quatro idas semanais aos treinos de futebol em clubes do concelho de Odivelas:

“Quando saio da escola vou para casa e almoço, depois volto para a escola, vou para casa, estudo um pouco porque estudar é essencial. E depois vou para os treinos ao fim da tarde.” (rapaz, 15 anos).

A prática desportiva do futebol é uma dimensão central dos quotidianos destes rapazes estando, em todos os casos, relacionada com um projecto de futuro. É interessante notar que a vontade de prosseguir a profissão de futebolista aparece ligada à manutenção de contactos com familiares residentes em Inglaterra, na esperança de uma oportunidade de jogar num clube inglês.

Uma das raparigas integradas na unidade de análise reserva também duas tardes por semana para ensaios num coro de igreja, e uma segunda uma tarde para o treino de futsal na equipa da escola. Embora em minoria, alguns destes jovens têm por hábito passear nos tempos livres existentes entre as aulas e após o seu término, normalmente nos arredores da escola juntando-se, por vezes, em bancos de jardim a conversar e ouvir música.

O tempo passado em casa, durante a semana, é dividido entre as refeições, o estudo e algumas actividades de lazer. No caso dos rapazes, os videojogos, a Internet e a televisão são muito populares, ao passo que as raparigas dedicam maioritariamente o seu tempo à televisão e à Internet. Ao contrário dos rapazes, a generalidade das raparigas tem também por hábito ajudar as mães nas actividades domésticas:

“Quando saio da escola vou para casa, faço recados à minha mãe, depois faço o jantar e como, faço os trabalhos de casa, vejo um pouco de TV ou vou à Internet e depois vou para a cama.” (rapariga, 15 anos).

A casa, enquanto contexto social, é em geral representada de forma positiva, aparecendo mesmo nalguns casos como espaço de eleição em relação a todos os outros: *“Eu não saio muito de casa, gosto mais de ficar em casa.”* (rapaz, 14 anos).

Os intervalos entre aulas são passados no pátio interior da escola, onde os rapazes costumam jogar pingue-pongue, matraquilhos e jogos de cartas e as raparigas se sentam juntas a conversar, e no pátio exterior, onde por vezes se dança ou se joga voleibol, basquete ou futebol. Como já foi referido na sociografia, o género não parece ser estruturante das relações, embora se possa dizer que as raparigas passam mais tempo umas com as outras e os rapazes com outros rapazes. Embora não exclusivos, os relacionamentos destes jovens no espaço escolar e fora dele são maioritariamente com outros jovens de origem africana. No entanto, quando confrontados com esta questão quase todos dizem ter amigos de diferentes nacionalidades:

“Tenho muitas amigas na escola, passamos muito tempo juntas, estamos sempre a contar histórias, a brincar, e a rir. Tenho amigas de todas as nacionalidades.” (rapariga, 15 anos). Um dos informantes mostra-se até indignado: *“Eu dou-me bem com toda a gente, não escolho os meus amigos pela nacionalidade!”* (rapaz, 17 anos).

Durante o fim-de-semana as rotinas destes jovens diversificam-se um pouco, apesar de não se notarem grandes variações em termos dos espaços frequentados. Os passeios para fora de casa são maioritariamente realizados em centros comerciais, *“Costumo ir com os meus*

amigos ao Colombo, Vasco da Gama, Odivelas Parque, vamos ao cinema, almoçamos fora, compramos coisas, vamos ao Funcenter... É mais ou menos fim-de-semana sim, fim-de-semana não.” (rapariga, 15 anos). São igualmente frequentes as idas a casa de familiares noutras periferias de Lisboa, *“Conheço pessoas na Apelação, Mocho, Amadora, Rio de Mouro. Tenho família lá e quando vou passar fins-de-semana em casa das minhas tias não costumo sair, gosto mais de ficar em casa, por isso conheço mais familiares. Às vezes também há rapazes e raparigas desses sítios que vêm para aqui e nós conhecemo-nos em festas.”* (rapariga, 16 anos).

As visitas a outras zonas residenciais onde habitam familiares surgem, por vezes, como situações propiciadoras ao desenvolvimento de novas amizades, as quais se tornam mais importantes que as da escola: *“Eu gosto muito da linha de Sintra, conheço lá um monte de gente e quase todos os fins-de-semana vou para lá. Eu tinha lá uma tia e ela tinha uma vizinha com uma filha mais ou menos da minha idade e ficámos amigas, ela apresentou-me aos seus amigos.”* (rapariga, 16 anos).

A mobilidade espacial dos jovens mais novos apresenta algumas diferenças relativamente à dos mais velhos. Passam mais tempo em casa e mantêm contactos espacialmente mais restritos: *“Ao fim-de-semana não saio porque os meus pais dizem que não tenho idade, mas não tenho muito interesse em sair à noite. Se fosse gostava de ir às Docas.”* (rapariga, 15 anos); *“Não conheço muita gente fora de Odivelas, conheço mais gente aqui na escola. Passo algum tempo com os meus amigos, mas também gosto de ficar em casa.”* (rapaz, 14 anos).

As visitas a casa de amigos e aos seus espaços circundantes são também frequentes: *“Passo algum tempo com as minhas amigas, vou a casa delas. Ficamos às vezes na rua a conviver mas nunca vamos a cafés.”* (rapariga, 16 anos); *“Às vezes juntamo-nos num jardim ao pé de casa, compramos bolos e hambúrgueres no supermercado e ficamos a conviver ou a jogar à bola.”* (rapaz, 16 anos).

As saídas à noite são também, na maior parte dos casos, a festas em casas de amigos. Se a ocasião é importante, os convívios ocorrem em pavilhões alugados. Estes encontros,

os chamados “convívios de fim-de-semana”, consistem em festas nas quais participam jovens e adultos em animada reunião ao som de música africana acompanhada por gastronomia típica: *“Ao fim-de-semana é para matar saudades, fazer comidas africanas e escutar uma boa música e dançar, “chilar”¹³ todo o dia. Às vezes tem festas em pavilhões, outras vezes tem algum convívio em minha casa.”* (rapariga, 15 anos).

Embora não com muita frequência, recolheram-se registos que apontam para a existência de saídas à noite para o centro de Lisboa: *“À sexta-feira à noite costumo ir sair à noite, a Lisboa (Loft, ABS)¹⁴, com os meus amigos do futebol.”* (rapaz, 15 anos). Numa das conversas acerca destas saídas, um dos jovens levantou uma questão que parece importante para a percepção dos códigos das relações inter-étnicas no quotidiano: comentou se seria impossível um jovem como ele entrar no Loft, ao que um seu amigo respondeu, *“Não! Não tem nada a ver com seres preto ou não, não podes ir vestido à mitra, tens de ir vestido à beto. Eu vou vestido à beto, e deixam-me sempre entrar. Da próxima vez vens connosco, tens é que ir com outra roupa.”* (rapaz, 17 anos).

Quanto às expectativas de futuro, a questão da etnia não parece ser constrangedora. Os planos são na grande maioria no sentido de continuar a sua formação até um nível académico, em áreas variadas, muitas vezes incentivados pelos familiares. Apenas uma pequena minoria põe a hipótese de voltar para os países de origem dos pais, sendo mais considerada a migração para outros países europeus: *“Não gostava de voltar para viver [para Angola], já estou habituada a Portugal e era um bocado difícil para mim sair daqui. Talvez gostasse de ir viver para Londres porque tenho lá família e casa.”* (rapariga, 14 anos). A existência de redes familiares nestes países parece decisiva. Esta vontade é também partilhada pelos rapazes que jogam futebol e que gostariam de seguir esta carreira maioritariamente em Inglaterra. No entanto, a maioria vê-se a ficar em Portugal: *“Gostava de tirar um curso, e se possível continuar a jogar futebol. Gostava de ficar a viver aqui em Lisboa, em Odivelas.”* (rapaz, 14 anos).

13 “Chilar” é um termo recorrentemente utilizado, significando descanso, lazer ou convívio.

14 Discotecas no Cais do Sodré, frequentadas e dinamizadas por adolescentes da classe média lisboeta.

Durante as férias escolares, o tempo passado em casa aumenta, bem como as visitas a parentes, que por vezes se prolongam

por vários dias. O contexto familiar torna-se ainda mais central nestas épocas embora, nas observações realizadas, e mais frequentemente no caso dos rapazes que no das raparigas, não seja determinante para uma participação activa nas actividades dos familiares mais velhos. Muitas vezes os jovens distraem-se com a televisão, o computador, ou com os amigos e primos, prestando pouca atenção às rotinas dos seus pais, tios e vizinhos¹⁵.

No segundo subgrupo, este tipo de dinâmicas torna-se especialmente relevante, mostrando-se esta família muito activa na organização de convívios e na manutenção das relações no quadro da sua rede étnica. O papel do rapaz mais velho nesta manutenção torna-se muito importante, parecendo assumir o papel do pai ausente em termos de autoridade sobre as suas irmãs e sobre as decisões da família. Este pertence ainda a um grupo de “rap” que se junta frequentemente em ensaios e por vezes actua em festas no concelho. Os convívios entre amigos são frequentes em casa, e no pátio em frente desta, com música, comida e conversas animadas. O fim-de-semana, altura em que estes acontecem, aparece como interregno às rotinas semanais em que o trabalho ocupa a maior parte do tempo do rapaz, e as raparigas se dividem entre a escola e as lides domésticas: *“Quando saio da escola venho ajudar a minha irmã a arrumar a casa, depois faço uma sesta e depois estudo.”* (rapariga, 9 anos). A irmã mais velha encontra-se a terminar o ensino secundário e é mãe, pelo que muitas vezes se vê impossibilitada de ir às aulas. Durante a semana costuma receber várias visitas de amigas: *“Passo algum tempo com as minhas amigas. Normalmente elas vêm a minha casa, ou vou eu à delas, é um bocado complicado agora por causa da minha filha.”* (rapariga, 19 anos). Uma destas amigas faz também parte da nossa amostra e as suas rotinas dividem-se entre a escola, a casa e o trabalho, parecendo esta, no entanto, ter menos responsabilidades familiares, o que lhe dá uma maior liberdade: *“Quando saio da escola, se não tiver namorado vou para casa, mas se tiver namorado ele vem ter comigo, andamos por aí. Damos umas voltas ao Colombo ou andar assim sem destino. É muito raro irmos muito longe.”* (rapariga, 19 anos). De qualquer forma, a ajuda nas tarefas domésticas tem pelo menos um dia reservado: *“Ao fim-de-semana fico em casa o dia todo a ajudar a minha mãe, por volta das 6 da tarde vou ter com o meu namorado, e depois à noite má vida (risos), discotecas!”* (rapariga, 19 anos). A ida a

¹⁵ É recorrente, nos lares destas famílias, a presença frequente de outros familiares ou vizinhos.

discotecas africanas é um dos divertimentos preferidos desta: *“Eu adoro as discotecas, morro com isso! Vou muito ao Luanda, ao Mussulo, quase todos os fins-de-semana. Lá há cabo-verdianos, angolanos, guineenses, portugueses e está toda a gente a conviver, não há diferenciação.”* (rapariga, 19 anos). A manutenção dos relacionamentos étnicos parece fazer-se muito, mais uma vez, através destes convívios, onde se alargam os conhecimentos e se fazem novas amizades.

Também neste grupo as visitas a casa de familiares são frequentes, muitas vezes noutras partes de Lisboa. Estas acontecem normalmente ao fim-de-semana e durante as férias, altura em que tendem a prolongar-se por alguns dias no caso dos mais novos: *“Nas férias da Páscoa vou ficar uma semana em casa da minha tia na Quinta do Mocho, vai ser bom porque posso estar com as minhas primas e amigas de lá.”* (rapariga, 9 anos).

Quanto aos projectos de futuro, as duas raparigas desta família são unânimes quanto à vontade de ficar em Portugal, enquanto o rapaz mostra grande vontade em voltar para Angola. As raparigas, no entanto, parecem aceder à vontade do irmão dizendo que se ele e a mãe quiserem ir, elas terão de ir também. A mais velha diz-nos: *“Por enquanto só quero voltar a Angola para passear, o curso que eu escolhi (artes visuais) não tem muita saída lá, eu gostaria de ser estilista. Porque agora os meus pais querem voltar para Angola e lá estilismo está pouco desenvolvido. Gostava de acabar cá o 12.º pelo menos. Gostava de viver noutro país da Europa, tipo França, Inglaterra, Holanda, aqueles países que têm mais destaque por causa do mundo da moda.”* (rapariga, 19 anos). Simultaneamente a mais nova comenta: *“Não gostava de me ir embora de Portugal, do meu país, por causa da escola e dos meus amigos. Não gosto da escola lá.”* (rapariga, 9 anos). Este projecto de retorno à origem parece ter fundamentalmente a ver com a incapacidade do irmão prosseguir os estudos por falta de documentação. Este diz-nos que uma vez que se vê impossibilitado de continuar a estudar, e que a sua aposta na música não dá muitos frutos em Portugal, prefere voltar para junto dos restantes familiares em Angola. Neste caso, a etnia, e mais ainda o facto de ser imigrante, parece ser relevante na constituição dos projectos de futuro. A percepção das oportunidades reais na continuação da experiência em Portugal está também relacionada com um sentimento de discriminação: *“As pessoas*

em Portugal, dizem que não, mas ainda são racistas. No meu trabalho lido muito com isso, e sinto que dessa forma não posso chegar muito longe." (rapaz, 23 anos).

Quanto à rapariga que faz também parte desta amostra mas não pertence à família, diz-nos ter curiosidade em visitar o país de origem, mas que não pensa voltar para viver: *"Fogo, eu já estou habituada aqui... Cresci aqui! Já tenho amigos aqui. E as minhas amigas de cá que não vivem sem mim!"* (rapariga, 19 anos).

O terceiro subgrupo analisado apresenta quotidianos diferenciados quanto às obrigações escolares e laborais, mas semelhantes quanto às actividades de lazer. O rapaz mais novo tem o tempo muito ocupado, entre as aulas e o trabalho em *part-time*, enquanto o mais velho apenas frequenta explicações de uma disciplina que tem em falta para terminar o secundário. Para o primeiro, a escola aparece como dimensão importante mas não parece ser central para as suas práticas de sociabilidade, uma vez que muitas vezes acompanha o segundo nos seus tempos livres em roteiros que se afastam da escola e do bairro. Este último é muitas vezes perspectivado de forma negativa no discurso dos dois, parecendo haver uma necessidade de afastamento das dinâmicas associadas a este espaço, como a criminalidade ou a falta de civismo. Segundo estes, o tempo aqui passado é cada vez menor e os sítios de convívio na rua são rotativos, conforme a segurança e sossego que permitem em relação ao aparecimento da polícia: *"Mas muitas vezes a bófia vem, pede-nos a identificação e às vezes bate e leva para a esquadra. Mesmo que não estejas a fazer nada de mal, se houver só barulho ou confusão."* (rapaz, 23 anos). O mais velho optou mesmo por alugar um quarto numa zona de Caneças que segundo o mesmo não tem tanta "confusão", onde *"as pessoas se sabem comportar e não me incomodam"*. De qualquer forma mantêm-se alguns relacionamentos no bairro, sendo o ringue de futebol, a casa de amigos ou do rapaz mais novo os lugares onde normalmente se encontram: *"Saio da escola e vou ter com os amigos, às vezes vou ao ringue e depois vou trabalhar."* (rapaz, 20 anos) Nestas, o tempo passa-se a conversar, ouvir música ou a jogar jogos de computador.

O rapaz mais velho passa grande parte do seu tempo a passear por vários sítios de Lisboa, encontrando-se com amigos, mas sobretudo amigas, que tem nesses sítios. Pelo menos

uma ou duas vezes por semana visita a sua avó, que vive em Odivelas e ajuda-a em determinadas tarefas: *“Ontem por exemplo passei o dia todo com a minha avó, fui tratar de uns assuntos a Rio de Mouro que ela precisava e depois fui marcar-lhe uma consulta.”* (rapaz, 23 anos). Diz ser uma pessoa muito sociável e que gosta de fazer amigos em todo o lado, conhece muitas pessoas fora de Lisboa, contactos que realiza normalmente através da Internet: *“Conheço pessoas por Lisboa e Portugal afora, já viajei o centro e sul do país quase por completo. Uns conheci através da Internet, outros através da família, amigos; eles são de várias nacionalidades: portugueses, angolanos, moçambicanos, cabo-verdianos, guineenses, alemães, franceses, espanhóis... Dou-me bem com a maior parte das pessoas porque sou extremamente sociável.”* (rapaz, 23 anos). Uma grande parte destes contactos não está relacionada com o facto de ser africano, notando-se uma vontade de manter relacionamentos com jovens portugueses brancos. Quanto ao namoro, nota-se também a preferência por raparigas brancas e quando confrontados com este facto dizem que as raparigas angolanas são *“mitras e gostam mais das festas do bairro, gostam mais de ficar em casa, e nós não”* (rapaz, 20 anos). Noutra conversa, acerca da beleza das mulheres portuguesas, um dos rapazes diz que a frequência de mulheres bonitas depende do local onde se está: *“Por exemplo, no bairro não há muitas miúdas bonitas mas se vieres para certos sítios de Lisboa já há bastantes.”* (rapaz, 20 anos). Estas concepções parecem ter a ver com o estilo e práticas a que estes rapazes associam as raparigas do bairro, denotando uma vontade de demarcação em relação a estas.

Os tempos de lazer do mais novo não correspondem necessariamente ao interregno escolar do fim-de-semana, uma vez que este trabalha, mas sim às suas folgas no emprego, altura em que: *“Vou ao Colombo passear, ver miúdas (risos), fazer compras, às vezes ficamos cansados de estar a toda a hora no bairro e olha, vamos aí ao centro comercial ou assim, ao Vasco da Gama também. Mas ultimamente não vamos tanto a centros comerciais, ficamos mais no Bairro Alto a beber um copo.”* (rapaz, 20 anos). Os centros comerciais aparecem, mais uma vez, como os locais de eleição para se passear, fazer compras ou conviver com os amigos. No caso específico do rapaz mais novo deste subgrupo este é um espaço ainda mais central nas suas rotinas, uma vez

que também é o seu local de trabalho. As saídas à noite são recorrentes entre os dois, normalmente acompanhados de algumas amigas e amigos de Lisboa, mas também de Caneças. Muitas vezes os locais escolhidos são o Bairro Alto e Santos, mas por vezes o mais novo também vai a bares perto de Odivelas.

Nas férias, as rotinas de sociabilidade aumentam mas as dinâmicas mantêm-se semelhantes. No Verão aparecem algumas idas à praia, na linha de Sintra, e a ida, muito aguardada, ao Festival do Avante. Os relatos acerca deste festival são especialmente entusiasmados, aparecendo este como lugar de grande convívio e realização de novos conhecimentos.

Quanto aos projectos de futuro ambos falam em ingressar na universidade, embora o mais novo gostasse de frequentar primeiro uma escola técnica onde pudesse tirar produção musical. Nota-se uma vontade muito grande de ascensão social, que por vezes contradiz este projecto de seguir o ensino superior e cede a soluções mais rápidas de enriquecimento: *“Ainda não sou «moneysquad», mas vou ser, quer dizer que vou ser rico.”* (rapaz, 23 anos). O rapaz mais velho, por exemplo, põe também a hipótese de voltar para Angola e ganhar muito dinheiro como piloto de aviões ou numa companhia petrolífera. Estes relatos contradizem a pouca vontade, muitas vezes expressada, de retorno à origem: *“Apesar de tudo, Portugal é um dos melhores países do mundo para se viver, basta ter dinheiro, ficando cá gostava de viver num sítio mais sossegado que Caneças. Se sáísse gostava de ir para o Canadá (é muito organizadinho e eu gosto de coisas organizadas), Austrália, Itália (não gosto muito de países frios).”* (rapaz, 23 anos).

Na verdade o contacto com a origem não parece ser muito importante para estes dois jovens, e principalmente o mais velho apresenta um discurso de distanciamento em relação à vida em Angola: *“Eles falam do estilo de vida lá, ou seja o ‘chilar’, resume-se a fazer pouco e ter muito, ficar o dia todo na porta da mamã ou da avó e à noite ir para a festa. É o tipo de coisa que não tem muito a ver comigo, acho que é pelos anos que eu estou cá que não me encaixa muito bem.”* (rapaz, 23 anos).

Terreno 2: Loures

Os quotidianos das jovens em estudo começam, durante a semana, com a escola. A escola inicia-se cedo, no entanto nem todas as informantes comparecem às primeiras aulas chegando sistematicamente à escola por volta das 10h30, hora do intervalo.

No intervalo, as raparigas juntam-se em pequenos grupos e as principais actividades que desenvolvem passam pela discussão de temas variados e comuns a esta fase da adolescência, como por exemplo os rapazes que conhecem, a música de que gostam, e a roupa que usam ou gostariam de adquirir. Este convívio, no qual as raparigas se juntam muitas vezes de acordo com a turma a que pertencem, leva-as a ocupar principalmente os espaços à volta do bar e do refeitório e, quando o tempo o permite, “dão voltas” em torno dos pavilhões da escola. Para além das conversas, as informantes mais novas têm por hábito jogar ao jogo do “mata” — que consiste em andar à volta de um quadrado grande desenhado no chão e com uma bola tentar acertar nas restantes participantes. Este jogo é aliás jogado tanto na escola como no bairro, havendo nos dois locais um espaço específico para isso. O almoço nem sempre é tomado na escola, havendo uma conjugação entre os espaços da escola e da casa.

As relações entre alguns professores e alunos são descritas como “muito boas”, chegando estes últimos a ter o telefone pessoal de alguns dos professores e vice-versa. Segundo as jovens em estudo, nas aulas fala-se dos mais variados assuntos, ultrapassando claramente o domínio disciplinar das matérias a leccionar. Alguns alunos afirmam que há também professores que “não têm capacidade para lidar com eles” e para gerir os conflitos que surgem em algumas situações específicas das escolas.

As posições individuais das jovens face ao ensino centram-se num discurso que sublinha a capacidade que a escola, enquanto instituição, tem para os ajudar e os formar para o futuro, contrariando os discursos dominantes que circulam no bairro, onde a pressão social para que abandonem os estudos é forte e assente em argumentos que afirmam que “a escola não ajuda a arranjar emprego”. Numa das conversas com um monitor da escola, o tema das

dificuldades que alguns jovens têm para se legalizar e de encontrar trabalho foi retratado da seguinte forma: *“É muito difícil porque para isso é necessário um trabalho, sem os papéis não te dão trabalho... É um ciclo vicioso! Não lhes permitindo assim sair desta situação”*. Por outro lado, afirma que fizeram o bairro com bons transportes mas que estes são caros e, por isso, os jovens não conseguem sair dali, nem mesmo para procurar trabalho.

Os amigos e a ligação ao bairro são fundamentais para os jovens. O facto de viverem próximo permite-lhes frequentar as casas umas das outras, principalmente quando os familiares estão ausentes. Ao optarem por eleger este espaço como espaço de sociabilidade atribuem-lhe um papel importante nas suas práticas de sociabilidade, por contraponto com a rua e demais espaços públicos. “Ficar em casa” é, por vezes, também sinónimo de algum trabalho, pois as raparigas participam bastante nas tarefas domésticas.

Muito do tempo que os informantes passam fora da escola é passado com os amigos, quer no bairro quer nos centros comerciais. Quando questionados em relação à frequência com que costumam sair, quase todos os informantes interpretaram a pergunta como se o que se pretendia saber seria o número de vezes que vão a centros comerciais. As raparigas mais velhas afirmam que saem habitualmente várias vezes por semana, outras (um pouco mais novas) referem que apenas uma vez por semana ou poucas vezes.

Quando não têm aulas, as raparigas deslocam-se aos centros comerciais mais próximos, o Loures Shopping ou Centro Comercial Vasco da Gama. Aqui passeiam durante algum tempo, observando principalmente lojas de roupa. Um dos maiores impedimentos à realização destas excursões prende-se com o preço elevado dos transportes, o que por vezes as leva a fotocopiar os bilhetes ou tentar entrar sem pagar nos autocarros.

No que respeita às redes de sociabilidade e ao papel que desempenham no quotidiano das jovens, é importante começar por afirmar que são relativamente alargadas em termos da sua composição pois incluem pessoas que residem fora do bairro. A maioria destas pessoas são familiares e amigos que se foram conhecendo através destes mesmos familiares.

O terreno em Loures é ainda caracterizado por uma forte presença de instituições que desenvolvem projectos de apoio às populações do bairro. É importante referir quais as suas áreas de actividade, pois estas constituem um importante elemento de identificação para os jovens que as procuram. Neste sentido, as actividades extra-curriculares que se desenvolvem ligadas às associações são: a dança, a visita aos centros digitais e a participação na organização de eventos festivos e culturais. A participação dos jovens nas actividades foi sobretudo despoletada pelo interesse que estas lhes despertaram (sobretudo a dança) e pelo facto de existirem amigas ligadas às mesmas associações. No que respeita às jovens que integram a unidade em estudo, o seu empenho nas aulas de dança foi evidente em todas as sessões observadas. As danças que mais despertam o seu interesse são kizomba e kuduro.

As raparigas integram ainda outros grupos de actividade aos quais dedicam um pouco menos tempo, como grupos de organização e dinamização de actividades cívicas e festivas no bairro e na escola. Nos fins-de-semana, algumas raparigas afirmam receber em casa familiares e amigos dos pais com os quais se organizam pequenas festas informais.

Em relação às expectativas do grupo face ao futuro, algumas das raparigas pensam em continuar a estudar para além do 9.º ano, apesar de ainda não terem decidido em que área. No entanto, a maioria das entrevistadas refere igualmente querer começar a trabalhar. Parece pois não haver um padrão uniforme no sentido em que existem várias respostas possíveis dadas pelas mesmas informantes em relação a esta temática específica.

Numa visita de estudo à Feira Internacional de Lisboa, as informantes do 9.º ano tiveram a oportunidade de observar diversos *stands* de escolas profissionais, no entanto, nota-se que se encontram principalmente interessadas em observar os rapazes e em procurar os *stands* das escolas que dão canetas, t-shirts ou cartões telefónicos. As temáticas directamente

relacionadas com a exposição, a formação, as universidades e escolas profissionais não é especialmente valorizada, exceção feita ao stand das forças armadas que lhes despertou a curiosidade.

Ainda relativamente ao futuro, é significativo referir que a maioria das informantes pensa em sair de Portugal. Neste quadro, quando se trata de escolher um contexto para migrar, afirmam que gostariam de se fixar em países onde conhecem pessoas, nomeadamente em Inglaterra, Espanha ou França.

CAPÍTULO 5. EXPRESSIVIDADES JUVENIS: MÚSICA, DANÇA, DESPORTO

Terreno 1: Odivelas

Ao nível das expressividades no primeiro subgrupo a dança aparece, sobretudo, entre as raparigas mas também entre alguns dos rapazes como uma actividade regular. Dançar pode tanto assumir um carácter individual como ganhar uma expressão mais grupal em ocasiões de exibição performativa: *“Nós não somos um grupo, eu costumo ensaiar e dançar sozinha. Mas quando chega a altura das festas, não sei, juntamo-nos. Há umas que são de um grupo aí, outras que são de outro grupo, mas quando chega a altura das festas juntamo-nos todos.”* (rapariga, 15 anos). A mesma informante chama ainda a atenção para a forma como esta prática tem a capacidade de unir diferentes raparigas: *“As raparigas da dança não são minhas amigas chegadas, as da turma é que são. Mas eu gosto da dança porque quando estamos a fazer um esquema somos muito unidas, e ouvimos a opinião de todas”*.

No que respeita aos tipos de dança, estes tanto podem ser mais tradicionais, como fugir a estes padrões: *“Às vezes dançamos aqui na escola, o kuduro, kimzomba, funaná ou então nas outras escolas. Há uma rapariga que nos costuma chamar, que pertence à associação de estudantes. Eu não pertença a nenhum grupo, mas costumo dançar aqui na escola, e ensaio com as minhas amigas cá. Normalmente dançamos o kréu, que não tem nada a ver com dança de Angola, é mexer o rabo (risos).”* (rapariga, 17 anos). Estas formas performativas de expressão identitária podem accionar alguns padrões culturais da origem mas, ao mesmo tempo, criar condições para a sua recreação e para a revisão dos seus significados. De qualquer forma, as formas mais tradicionais parecem ser preferidas para actuações em público.

Outra das jovens desta amostra pertence a um grupo coral, o “Vozes Africanas”, que anima uma das missas de Domingo na igreja matriz de Odivelas: *“Este grupo é um grupo religioso, cantamos e animamos a missa de Domingo, temos ensaios e às vezes animamos festas como baptizados. Entrei para o grupo através da minha tia, fui ver um dia e gostei, fiquei. Tenho muitos amigos nesse grupo, somos uma família, muitos unidos.”* (rapariga, 16 anos). Como este caso ilustra, a música é também uma forma de expressão identitária que reporta para as raízes africanas, não reclamando nenhuma nacionalidade em particular, mas que é reconstruída a partir das diferentes referências dos elementos que compõem o grupo e que são de várias nacionalidades contribuindo todos para a construção da performance que é apresentada na missa. Esta, a par da dança, tem também um lugar especial nas festas e convívios informais de fim-de-semana.

O desporto, mais especificamente o futebol, pode também ser considerado uma forma de expressão identitária, embora neste caso não esteja ligada à origem: *“Pertença a uma equipa de futebol do Odivelas, porque gosto de jogar futebol. Escolhi esse clube porque está mais perto de casa. Dedico 4 dias por semana ao futebol e tenho muitos amigos no clube, entrei para lá através de um deles.”* (rapaz, 14 anos).

No segundo subgrupo analisado, a ligação à dança aparece também em duas vertentes, uma mais ligada à performance pública e outra mais informal. As duas informantes da família, bem como a amiga da irmã mais velha, já participaram ou continuam a participar em apresentações públicas de dança, no contexto da associação ARACODI: *“Eu dançava num grupo da ARACODI de danças tradicionais e apresentávamos em vários sítios como o ringue de futebol do Olival Basto ou o Polivalente de Odivelas, no Malaposta também!”* (rapariga, 19 anos); *“Costumo participar em muitas actividades relacionadas com Angola, normalmente através da ARACODI, mas também há coisas que fazemos na escola, como o festival da multiculturalidade, onde cada um traz coisas da sua cultura.”* (rapariga, 19 anos).

Em casa por vezes também se dança, ou então nas saídas a discotecas africanas ou convívios realizados por esta família na rua junto a sua casa. Num destes momentos foram observadas competições de passes de kuduro entre os rapazes que, neste subgrupo, parecem ser os que mais dançam este tipo de música. O irmão das raparigas, no entanto, não se interessa muito por esta actividade, expressando-se sim através da música que produz com “beats” a partir de programas de computador e cujas letras escreve e canta. O grupo de rap de que faz parte é constituído por vários membros e costuma dar concertos em várias partes de Lisboa, segundo o mesmo, “representando Odivelas, Odivelas no coração sempre!”. Esta posição é representativa de uma identidade que não reclama uma pertença étnica, mas sim uma pertença territorial ligada ao local de residência actual.

Neste subgrupo não se observaram práticas desportivas significativas.

O terceiro subgrupo objecto de análise não utiliza a dança enquanto apresentação pública da cultura como acontece nos grupos anteriores, mas também a leva a cabo nas suas saídas à noite. É hábito dançar-se misturando alguns passos de kuduro com movimentos similares aos dos vídeos de hip-hop americano. O rapaz mais novo também diz produzir algumas músicas de rap com uns amigos.

Terreno 2: Loures

A música, como foi referido no capítulo anterior, é um referente identitário importante assumindo neste contexto específico, tal como na maioria dos contextos juvenis, uma presença constante nos quotidianos dos jovens em estudo. Estes identificam-se com estilos de música determinados, construindo muitas vezes as suas próprias sonoridades. Neste terreno a existência de um estúdio de música e gravação proporciona-lhes este exercício criativo e muitas das informantes referem fazer as suas próprias letras e músicas que

posteriormente gravam. A música é constantemente ouvida e dançada na rua, em casa e na escola. Integra os quotidianos a todos os níveis e, por isso, deve ser considerada com um campo expressivo central para as jovens em estudo.

Uma das informantes é muito solicitada para cantar nas festas da escola e, numa ocasião específica, foi mesmo convidada a ir a uma outra escola actuar. Essas actuações podem, ou não, ser acompanhadas por uma coreografia individual ou em grupo. As danças podem ser ensaiadas ou improvisadas no momento. Estas expressões performativas resultam, na maior parte dos casos, da conjugação de vários ritmos e estilos musicais juvenis urbanos com ritmos africanos, nomeadamente do país de origem dos pais dos jovens.

CAPÍTULO 6. CONSUMOS

Terreno 1: Odíveas

No primeiro subgrupo em análise, os consumos relativos à alimentação apresentam algumas especificidades, sobretudo em ocasiões especiais e festivas. Ainda que possamos encontrar produtos africanos em todas as despensas dos entrevistados, estes tendem a ser usados para confeccionar os pratos tradicionais que acompanham os convívios familiares de fim-de-semana ou alguma festa importante: *“A minha mãe faz só nas festas de aniversário, baptizados. Compra os produtos cá e quando não encontra tem de substituir com alguma coisa parecida.”* (rapariga, 14 anos). Embora alguns dos entrevistados afirmem comprar os alimentos e os produtos culinários necessários para os confeccionar em Portugal, a maior parte recebe-os via familiares e amigos que vêm a Portugal de visita ou que os enviam por correio. Estes constituem na verdade o grosso das encomendas da origem e, por vezes, são também enviados de Portugal para outros familiares que residem noutros países europeus:

“Tenho família em Inglaterra e em França e enviamos comidas africanas para lá, que há em Portugal mas lá não.” (rapariga, 17 anos).

Existe, em relação à comida vinda da origem, uma observação recorrente e que aponta para a importância dada ao “autêntico”: *“Às vezes os meus tios trazem funge e comidas de Angola, cá também há, mas as de lá têm um sabor diferente, são da terra.”* (rapariga, 16 anos). Este tipo de discurso tende a aparecer mais nas raparigas; os rapazes parecem dar menos importância à comida africana e um deles afirma mesmo não gostar da maior parte dos pratos: *“Recebo de Angola comidas da terra que os meus pais gostam: carne seca e peixe seco. Mas eu não gosto, só gosto de funge. A minha comida preferida é bitoque.”* (rapaz, 14 anos).

A grande maioria dos jovens que integram o grupo em estudo almoça na cantina da escola, parecendo apreciar todos os pratos que ali são servidos. Quando os pais lhes dão um pouco mais de dinheiro, optam por ir ao McDonald's que existe perto da escola, sendo este um restaurante de eleição entre a maioria.

Quanto aos consumos relativos ao vestuário todos mostram grande autonomia na escolha da sua forma de vestir, ainda que condicionada pelos recursos económicos postos à sua disposição pelos pais os quais, na maior parte das vezes, têm uma palavra a dizer sobre as escolhas dos filhos: *“Eu escolho a minha roupa, eles às vezes só dizem que não querem que me vista com roupas estilo bandido. Tipo roupas largas ou calças a cair, mas eu não ando assim.”* (rapaz, 15 anos). Os reparos, no caso dos rapazes, são muito semelhantes ao presente neste exemplo. No caso das raparigas tende-se antes a proibir as saias muito curtas ou a roupa muito justa. De qualquer forma, as intervenções dos pais nestes domínios não parecem ser muito constrangedores, e os jovens conseguem negociar com relativa facilidade as suas opções: *“Sou eu que escolho a minha roupa, mas se os meus pais não gostam de alguma coisa que eu quero escolho outra.”* (Rapariga, 16 anos). Pelo menos três dos jovens dizem que os seus pais não interferem nada nas suas escolhas.

Tanto os rapazes como as raparigas tendem a continuar o hábito dos seus pais de entrançar o cabelo, sendo esta, no entanto, tarefa exclusiva delas.

Quanto aos estilos com que se identificam, apesar da existência de uma variedade de discursos, podem encontrar-se algumas recorrências.

Os rapazes tendem a preferir roupas desportivas, principalmente aqueles que praticam futebol, mas enquanto uns identificam o seu estilo como “normal” outros dizem aproximar-se do estilo “rapista”: *“Gosto de vestir a roupa que os jovens gostam mais, eu não me identifico com o estilo dos betinhos, mas também não me identifico com o mais formal, acho que me visto como os «rapistas»”* (rapaz, 16 anos). Alguns demarcam-se do estilo “beto”, enquanto outros dizem gostar. Um dos entrevistados diz não ter nenhum estilo definido e que os seus gostos variam muito de dia para dia. Outro chama a atenção para

as diferenças na utilização de vestuário, conforme as ocasiões: *“Eu sei o que é que devo levar vestido a uma cerimónia de casamento ou baptizado, eu sei quais são as diferenças, visto um fato.”* (rapaz, 17 anos).

As lojas de eleição são todas localizadas em centros comerciais, locais onde fazem as suas compras de roupa, existindo alguma convergência na escolha destas. Aqueles que compram mais roupa desportiva dizem preferir a Sport Zone ou a Foot Locker, mas quase todos frequentam a Bershka e a Pull & Bear, embora alguns prefiram a Zara e a H&M. Estas escolhas não aparecem ligadas a nenhuma argumentação especial quanto ao estilo ou ao tipo de roupa, embora por vezes o preço possa entrar em linha de conta: *“Costumo ir à Zara e à H&M, só ligo a essas duas, nas outras não vejo nada de interessante. Tirando isso não tenho nenhuma marca de roupa preferida. Se estiver barato, se for bonito, eu compro, não tenho ‘tiques’ para usar roupa de marca. É importante usar roupa de marca, porque vemos os outros andar com isso e também queremos, mas eu não ligo muito a isso.”* (rapaz, 14 anos). Este modelo discursivo não é, no entanto dominante. A maioria dos jovens mostra-se preocupado com o estatuto que as marcas que vestem detêm entre os seus pares: *“A minha marca preferida é a Adidas e a Nike, porque chamam mais a atenção e a maioria das pessoas aqui da escola também usa essas marcas.”* (rapaz, 15 anos).

Dois dos rapazes dizem ainda comprar muito pouca roupa em Portugal, pois os seus familiares que vivem em Inglaterra enviam-lhes muita. Um deles diz mesmo que quando quer fazer compras vai visitar os tios a Londres e “veste-se” para o ano inteiro. Esta roupa que vem de Inglaterra é mesmo considerada melhor que a de Portugal, quer em termos da qualidade quer das marcas: *“Os meus tios de Inglaterra enviam-me roupa de lá, eles têm filhos da minha idade e sabem o que eu gosto, nós vestimos praticamente a mesma coisa, só que eles vestem coisas melhores porque estão lá. Há marcas que eu gosto que há lá e não há cá, como McKenzie, Lonsdale é muito fixe.”* (rapaz, 17 anos).

Há ainda, entre os rapazes, um afastamento quanto a vestuário étnico ou encomendado dos países de origem dos pais, sendo no entanto habitual as famílias enviarem roupa que já não sirva ou que se tenha deixado de gostar para os parentes a residir em África.

Apenas um entrevistado afirmou usar algumas calças que a família de Angola lhe enviou e, por vezes, uma t-shirt ou um boné com a bandeira angolana: *“Como os meus pais são angolanos, para não fugir à regra também uso camisolas de Angola, e para apoiar a selecção e os meus pais.”* (rapaz, 14 anos). Nenhum diz ter usado em alguma situação um traje tradicional, e muitas vezes esta questão levantava alguma indignação, embora seja recorrente os seus pais usarem em ocasiões especiais: *“Quê, se eu me visto tipo lá?! Não, eu visto-me normalmente, mas costumava ver a minha mãe, ela costumava vestir aqueles vestidos bué de grandes com desenhos para passear. Os jovens não vestem.”* (rapaz, 17 anos).

No que respeita às raparigas, as identificações em termos de estilo de vestuário são também variadas como se pode constatar pelos seus discursos: *“Acho que sou sem estilo, qualquer coisa que goste e me fique bem.”* (rapariga, 16 anos); *“Eu acho que o meu estilo é normal, um estilo simples e bonito.”* (rapariga, 14 anos); *“Eu visto de tudo um pouco, procuro fazer o meu próprio estilo.”* (rapariga, 16 anos).

Enquanto algumas se afastam do que denominam de estilo “chunga”, *“Eu acho que o meu estilo é mais betinha, porque há dias que eu visto e pareço mesmo uma betinha. Mas chungu não, chungu não tem nada a ver comigo.”* (rapariga, 16 anos), outras apropriam-no construindo-o a partir das percepções que os outros têm delas: *“Chunga! (risos) Como a maior parte das pessoas diz que o nosso estilo é chungu, pronto... Mas eu acho que é normal, usamos calças e tudo... desde que não seja ‘faqui’ (risos), ‘podre’.”* (rapariga, 14 anos).

Uma das raparigas tem um discurso mais elaborado acerca da questão. Na sua opinião, está a dar-se uma convergência de estilos entre os jovens brancos e os jovens negros: *“Por exemplo, as betinhas usam um certo tipo de casacos, e antes ninguém negro usava, mas agora quase todos vestem à beto.”* (rapariga, 16 anos). A mesma entrevistada relaciona a capacidade financeira dos jovens com a invenção de novos estilos, mais especificamente com o estilo “chunga”: *“Porque há muitos rapazes que vestem muito bem, roupas caras e com boa qualidade, porque se calhar têm mais possibilidades que os outros que são*

mais de pôr as calças por dentro das meias, pronto... que tentam inventar o seu estilo, que é para também poderem se diferenciar.” (rapariga, 16 anos).

O local preferido para fazer compras é, tal como entre os rapazes, o centro comercial em lojas como a Bershka, Stradivarius e Pull & Bear. Uma das raparigas foge a este padrão, dizendo: *“Não tenho lojas nem marcas preferidas, desde que goste e seja barato compro.”* (rapariga, 16 anos). Duas das informantes referem fazer, pontualmente, compras na feira dando a entender que usar este tipo de roupa não é necessariamente negativo, o que é importante é saber combinar bem as peças. As continuidades em relação aos rapazes aparecem também quando falam das marcas preferidas, que dizem ser a Nike e a Adidas, embora em nenhum dos discursos esta preferência apareça expressamente associada a uma vontade de distinção através do uso das mesmas: *“A minha marca preferida é a Nike, ou a Adidas porque gosto do símbolo, acho giro.”* (rapariga, 16 anos).

Só duas das informantes afirmam receber artigos dos parentes que vivem noutros países da Europa, nomeadamente ténis da Nike de Inglaterra e postigos para o cabelo de França e da Alemanha. De Angola quase todas recebem e usam vestuário, produtos cosméticos e acessórios capilares. Tal como no caso dos rapazes, referem que, por vezes, também enviam roupa para lá.

É recorrente ouvir falar das roupas brasileiras que vêm de Angola e que cá não existem: *“Eu e a minha irmã às vezes pedimos roupa de Angola, que lá tem e aqui não, porque às vezes as coisas que saem do Brasil para lá mais rapidamente do que aqui. Por exemplo as calças do Brasil, umas calças muito apertadas, aqui não tem, não é bem de ganga, é muito liso. Biquínis brasileiros e cuecas mais bonitas que as de cá, é tudo igual mas lá tudo mais bonito porque vem tudo do Brasil e lá as roupas são mais bonitas.”* (rapariga, 16 anos).

Quanto a trajas tradicionais, contrariamente aos rapazes, algumas jovens afirmam já os terem usado no passado, *“Agora já não uso trajas tradicionais, antes tinha um, aliás vários, só que já não me servem, mas também eu não sou muito ligada a isso.”* (rapariga, 16 anos), ou fazê-lo ainda no presente, se bem que apenas em ocasiões festivas: *“Às vezes*

no Carnaval usamos trajes tradicionais. Cá em Portugal não se usa normalmente esses trajes, só as pessoas mais velhas.” (rapariga, 14 anos). Mais uma vez, as referências do uso de tais indumentárias aparecem associadas aos mais velhos. Parece não haver uma insistência da parte destes para que os jovens os usem também: *“Mas a minha avó que vive cá usa quase todos os dias, e algumas tias mais velhas também, mas as mais novas não são muito ligadas. E elas não nos dizem para usarmos, levam isso normalmente.”* (rapariga, 16 anos).

No que respeita aos consumos mediatizados como a televisão, a Internet e o cinema, os jovens do primeiro grupo em análise apresentam um conjunto de práticas semelhante, se bem que se observe igualmente alguma diversidade em termos das opções que as informam. Alguns afirmam ver pouca televisão, enquanto outros ocupam em média 3 horas por dia a fazê-lo. As raparigas tendem a ver mais novelas que os rapazes, variando as preferências entre as brasileiras e as portuguesas. Os rapazes, em regra mais ligados ao desporto, têm pelos canais desportivos especial predilecção. Aqueles e aquelas que têm acesso à Televisão Pública de Angola afirmam vê-lo regularmente, principalmente programas relacionados com música. Estes são na verdade um dos hábitos televisivos recorrentes entre todos, estando os diversos canais de música existentes na televisão por cabo entre os mais vistos. Outra prática frequente, principalmente entre os rapazes, é a de jogar videojogos. O visionamento de filmes é maioritariamente feito também na televisão, para quem tem TV Cabo, nos canais de filmes, mas mais recorrentemente nos canais portugueses. As idas ao cinema constituem uma excepção que acontece em alguns fins-de-semana e em grupo, recaindo as escolhas normalmente sobre filmes de acção, comédia ou animação. Existem ainda referências à visualização de filmes angolanos, através de DVD trazidos por familiares ou online na Internet, em sites como o Youtube: *“Às vezes uso para ver filmes angolanos de comédia como ‘O regresso dos que nunca foram’ e ‘Assalto em Luanda’ ou ‘Filha única’.*” (rapariga, 17 anos).

Ainda em relação à Internet, é também recorrente a visita a sites de redes de amizade, embora na maior parte dos casos estes não tenham grande influência nas sociabilidades efectivas destes jovens. A utilização de chats é também frequente.

No que respeita ao uso das novas tecnologias de comunicação, a mais utilizada é sem dúvida o telemóvel, seguida pela Internet. O primeiro tem usos muito diferenciados mas, na maior parte dos casos, serve sobretudo para contactar com os amigos, sendo a troca de mensagens escritas a modalidade mais utilizada para o fazer. É, no entanto, possível igualmente encontrar alguns jovens que se afastam deste padrão dominante: *“Raramente uso o telemóvel, para quê mandar mensagens se posso falar com eles aqui na escola? É mais para ouvir música.”* (rapaz, 14 anos); *“Não uso muito o telemóvel, não gosto, mas tenho. Quando uso é para telefonar, não envio muitas mensagens.”* (rapaz, 16 anos).

Embora a maior parte minimize a necessidade de ter um bom telemóvel, quase todos reconhecem que é algo que permite alguma ostentação entre os seus pares: *“É importante ter um móvel evoluído, qualquer pessoa quer, se tu vais aparecer com um Nokia 3310 vão olhar para ti e vão dizer que estás fora da moda.”* (rapaz, 16 anos); *“Se for um topo de gama é melhor, para pôr as músicas, imagens e isso tudo. Óbvio! Eu não gosto muito daquelas a preto e branco, isso já não está na moda, tipo, ninguém usa!”* (rapariga, 16 anos); *“Antes era importante ter um telefone muito bom, mas agora já não, porque antes tinha mais ilusão, agora cresci e já tenho a noção da realidade.”* (rapaz, 17 anos). Como fica patente através dos excertos apresentados, os usos dados aos telemóveis são múltiplos, sendo estes também utilizados para ouvir música, a par dos aparelhos móveis de mp3, e mais raramente para tirar fotografias.

A música marca presença constante no dia-a-dia destes jovens. Para além de a consumirem através dos programas de televisão dos mp3 portáteis e telemóveis, também o fazem através da Internet, que constitui um recurso cada vez mais importante, seja por permitir realizar downloads de ficheiros áudio seja por possibilitar a visualização de vídeos dos seus artistas preferidos: *“No Youtube vejo vídeos de dança tipo kuduro e funk.”* (rapariga, 15 anos). As preferências musicais são muito semelhantes entre todos estes jovens, recaindo as principais escolhas sobre os vários tipos de música urbana de origem africana, normalmente importada do mercado norte-americano como o hip-hop e r&b, ou géneros musicais específicos de Angola e de outros PALOP como o kuduro, a kizomba, a tarrachinha ou, embora com menor expressão, o funaná.

Nalguns casos há um distanciamento em relação ao gosto musical dos pais: *“Os meus pais ouvem músicas bué de feias, africanas, mas muito diferentes das que eu ouço. Não sei se eles gostam das minhas músicas, eu é que tenho de gostar. A minha é moderna, a deles não.”* (rapaz, 17 anos); Mas noutros afirmam-se algumas semelhanças: *“Os meus pais ouvem música de cotas (risos). Ah, semba é muito secante, quer dizer, depende de quem canta e da música em si, há sembas mais divertidos. Nós também ouvimos, mas sembas que estão a ‘bater’, que são da nossa ‘era’. Agora, não esses sembas dos cotas já bué antigos (risos).”* (rapariga, 14 anos). Num dos casos, os gostos dos pais são indicados como influência central para as preferências musicais juvenis: *“Os meus pais ouvem a música que eu ouço, normalmente o meu pai põe a música em casa e todos ouvem. Eles ouvem mais música africana, e então eu também ouço.”* (rapaz, 14 anos).

Uma das raparigas diz ainda: *“Eu antes, quando vim para cá, estava muito armada em, como dizem ‘fina’, mas depois quando eu comecei a conviver mais com os meus primos e tios, eles começaram a incentivar-me mais a ouvir certo tipo de música que eu antes não ouvia, porque não gostava. Por exemplo, eu não gostava de kizomba né? E agora gosto, porque eles diziam que é bom, porque faz parte do meu país e tenho de gostar.”* (rapariga, 16 anos). Apenas uma jovem afirma ouvir música portuguesa, referindo o espanto dos seus colegas quando a ouvem a cantar as letras de algum intérprete nacional: *“Por exemplo, os meus colegas começam a cantar uma música portuguesa e eu começo a acompanhar e eles dizem ‘mas tu és preta como é que sabes as letras? Nasceste cá?’, e eu digo sim, e eles ‘Ah, é por isso!’.”* (rapariga, 16 anos). Apesar deste tipo de discurso, nota-se a existência de uma partilha entre estes jovens e os seus colegas não africanos de alguns destes gostos musicais, mais especificamente de alguma música de origem africana, principalmente kuduro, kizomba, ou dos géneros mais comerciais provenientes dos EUA que os segundos dizem gostar e consumir com frequência. Durante as eleições para a associação de estudantes este facto tornou-se claro, uma vez que grande parte da música passada pelas diferentes listas em campanha nos intervalos na sala de convívio era destes tipos.

É ainda importante referir que, entre os jovens em estudo, não foram registadas práticas significativas de leitura que permitissem identificar qualquer tipo específico de consumo literário.

Do quadro geral das especificidades aqui descritas, no que respeita especificamente às valorizações e desvalorizações dos consumos ligados à origem, pode dizer-se que de uma forma geral estes jovens são selectivos quanto aos tipos de identificações que escolhem fazer com a origem, valorizando positivamente alguns aspectos como a música e desvalorizando outros como a comida ou a roupa.

No segundo subgrupo analisado, observa-se uma maior homogeneidade nos posicionamentos, no sentido de os padrões de consumo estarem mais positivamente ligados à origem.

No que diz respeito às práticas alimentares, a confecção de pratos tradicionais africanos é mais habitual que no primeiro subgrupo e a descrição dos produtos encomendados da origem mais variada: “*Nós pedimos de Angola comidas que gostamos de comer e aqui não tem, como catatu (lagartas secas), quizaca (legume), paracuca (doce com amendoim e açúcar), carne seca, fubas. Cá também há mas gostamos mais das de lá.*” (rapariga, 19 anos). Uma vez mais aparecem referências explícitas ao “gosto diferente das coisas de Angola”, sendo a utilização de produtos da origem preferido face ao uso de produtos comprados em Portugal.

Em relação ao vestuário e aos consumos ligados ao corpo, a rapariga mais nova diz que, muito embora compre algumas coisas sozinha, conta com a colaboração da mãe que lhe compra, sempre que pode, as roupas que esta gosta. As compras são normalmente feitas “no Colombo (Bershka e Zara) e na feira também (calças)”. Algumas coisas, tais como “chupacó (sandálias de plástico), cuecas brasileiras, tissagens e postigos” são enviadas de Angola por familiares que aí residem.

Quanto ao uso de trajes tradicionais, a mesma informante refere que só os usava em ocasiões especiais, quando dançava no grupo da associação ARACODI. A irmã mais velha mostra sentir algum constrangimento em relação a usar este tipo de roupa, lamentando-o: “*Acho giro os trajes tradicionais, eu tinha um vestido, adorava aquele vestido mas depois estragou-se e nunca mais tive. Usava quando dançava, ou em festas assim para mostrar a cultura. Os mais velhos usam, mas para nós, se fores a ver é complicado para nós*

jovens andarmos com aquilo na rua, vão pensar que estamos no Carnaval. Se bem que eu acho uma estupidez acharem isso, mas pronto...Eu gostava de poder usar sem que pensassem isso, cada um tem o direito de expressar a sua cultura, né?” (rapariga, 19 anos). Esta informante afirma não ter um estilo definido no que respeita ao vestuário e que o que lhe importa é sentir-se diferente, pois não gosta de ter roupa parecida com a usada pelos outros. É ela que escolhe a sua roupa, comprando-a com dinheiro que a mãe lhe dá, e a sua loja preferida é a Pull & Bear, embora por vezes também compre algumas peças na feira. Vindos de Angola, usa acessórios para o cabelo e *“às vezes chinelos que há lá na moda e aqui não há, por exemplo nas novelas brasileiras eles inventam sempre algumas chinelas e nós pedimos porque lá há”* e refere igualmente que, por vezes, também envia roupa para os familiares.

O irmão veste-se ao estilo “rapper” americano, com roupa larga e lenços na cabeça, guardando os melhores trajes para o Domingo. No trabalho vê-se obrigado a usar farda e quando está em casa põe qualquer coisa mais confortável ou desportiva. As marcas preferidas são aquelas usadas pelos seus ídolos musicais e normalmente encontra-as em lojas especializadas. Quanto ao uso de trajes tradicionais, diz só os ter usado em ocasiões especiais, de representação performativa das tradições da origem, quando era mais novo.

A terceira rapariga que faz parte do grupo, amiga da irmã mais velha, também afirma usar trajes tradicionais apenas pontualmente quando participa em actividades da ARACODI. Ao invés das duas últimas, discorre um pouco mais acerca do estilo com que se identifica: *“Ah eu gosto bué do estilo betinho, a sério sinto-me mesmo bem, diferente das outras. Porque tem aquelas raparigas que passam a vida com aquele gel na testa, com os cabelos colados à testa, com ténis não sei o quê e as calças por dentro das meias... ai, não! Para mim umas calças justinhas, normais, uns téninhos, uma camisa bem, nada de grande exagero. Bem, eu estou a criticar mas já usei, esse gel no cabelo por exemplo (risos), mas depois de me ter dado conta que aquilo não me levava a lado nenhum e que não tinha nada de beleza naquilo, que era nojento, acabei por desistir e ver que não era para mim.”* (rapariga, 19 anos). Nota-se no seu discurso a existência de uma necessidade de demarcação em relação a um estilo recentemente desvalorizado. As lojas preferidas são

a Stradivarius e a Pink, mas na feira também “tem cenas muito fixes!”. A marca de que mais gosta é a Nike.

Na casa desta família, a televisão ou aparelhagem estão sempre ligadas. Os programas favoritos de todos são os da Televisão Popular de Angola, embora as raparigas também afirmem gostar de novelas brasileiras dos canais portugueses. A mais nova refere ainda ver os canais de desenhos animados e a mais velha os canais de moda e de música da televisão por cabo. Todos admitem passar muitas horas em frente à televisão, com excepção do rapaz que se entretém mais com o computador.

No que respeita ao cinema, para além dos filmes vistos na TV, não é uma prática regular. A rapariga amiga da irmã mais velha conta a sua última ida ao cinema, que a marcou especialmente: *“Olha por acaso vi um filme, há pouco tempo, que gostei muito, que me ensinou muita coisa. O «Entre Les Murs», «A Turma», em português. Vi com a escola, estiveram cá os realizadores e alguns actores e adorei, chamou-me muito a atenção porque aquilo retrata mesmo uma escola assim com várias culturas.”* (rapariga, 19 anos). Todos já viram também filmes angolanos como o “Assalto em Luanda”.

No que respeita aos consumos de novas tecnologias, o telemóvel, o computador e os aparelhos de música portátil continuam a ser os mais utilizados, tal como no caso do primeiro subgrupo. A irmã mais nova diz: *“Ouço música no mp4 e ponho lá através do portátil do meu irmão.” “Vou ao computador jogar e ver o meu mail, para ver se os meus primos de cá me escreveram. Tenho Hi5, os meus amigos são a minha irmã, as amigas da minha irmã e o meu irmão. Não uso muito o telemóvel, as minhas amigas às vezes enviam-me mensagens”*. No caso das raparigas mais velhas o telemóvel tem grande importância: *“O telemóvel é indispensável, eu durmo com eles na minha cara. Tenho 3 móveis e às tantas estão a tocar todos ao mesmo tempo (risos), já não sei qual atenda! O meu telemóvel é o meu faz-tudo, ouço música, faço cábulas, comunico, se o meu móvel falasse... Desde que dê para essas coisas não precisa ser muito bom!”*. Na Internet as raparigas mais velhas afirmam consultar geralmente sites de redes de amigos, como o Hi5, ou chats como o Messenger. O rapaz é quem dá mais uso a esta

tecnologia, utilizando o computador também para fazer a sua música rap e partilhá-la com os amigos e familiares.

A música mais ouvida por estes jovens é semelhante à que ouvem os jovens do primeiro subgrupo, exceptuando o kuduro que esta família não ouve em casa, mas sim nas festas com amigos. O irmão e a mãe ouvem mais música tradicional, alguma cantada em Kimbundo. Para além da música tradicional, o rapaz ouve essencialmente rap. A irmã mais velha diz gostar essencialmente de “kizomba, tarrachinha, semba, hip-hop, rap, underground, algumas músicas de heavy metal, algumas de estilo tipo ópera”, enquanto a mais nova afirma gostar de “tarrachinha e as músicas do meu irmão que é rap”. A fonte de acesso a novas produções musicais é muitas vezes a Internet, mas também acontece os amigos de cá ou os familiares em Angola serem portadores de novidades.

Quanto aos consumos literários, tal como no primeiro grupo, não se observaram hábitos de leitura significativos em nenhum dos jovens desta família.

O terceiro subgrupo analisado é o que menos sustenta a construção da identidade em consumos expressivos directamente ligados à origem, havendo mesmo uma vontade de diferenciação em relação aos grupos que o fazem.

No que concerne à alimentação, os dois rapazes dizem não ser muito apreciadores dos pratos africanos, pelo que o seu consumo é ocasional: *“Eu não gosto muito de comida africana, mas quando vou a casa dos meus tios ou padrinhos como, a comida tem de ser bem preparada. Não é porque goste mais da comida portuguesa também, eu gosto é de batatas fritas.”* (rapaz, 23 anos). Apesar deste discurso, ambos afirmam receber encomendas com alimentos de Angola, não se mostrando no entanto muito entusiasmados com o assunto: *“Manda-me encomendas com comida: farinhas, amendoins, mandioca, mas eu não tenho tempo para cozinhar isso, levo às minhas tias...”* (rapaz, 20 anos). Referem que recorrem frequentemente ao McDonald’s para se alimentarem quando estão fora de casa.

O vestuário constitui uma dimensão importante na vida destes dois rapazes, à qual atribuem grande potencial expressivo. O rapaz mais velho gasta uma parte considerável do seu tempo em lojas de *streetwear* para estar “a par das últimas modas” e ir construindo um plano para as suas próximas aquisições: *“Comprei uns Adidas Gazelle pretos e dourados, bué de giros! Mas agora quero uns old school da Vans. Onze pares de ténis só? Não faz juz!”*.

Ambos se distanciam do estilo “mitra” que, tal como o “chungu” para os primeiros sub-grupos, corresponde (na generalidade) ao uso de fato de treino justo, calças por dentro das meias e boné. O mais novo diz: *“Eu acho que não tenho estilo (o mais velho diz que ele é beto e ele ri-se e diz que não). Costumo usar roupa desportiva, tirando fato de treino né? Eu não sou mitra! (risos)”*. Numa das ocasiões em que estão com mais amigos entram mesmo numa “competição” acerca de quem tinha sido o primeiro a deixar de se vestir à mitra e a vestir-se “bem”, com o rapaz mais velho a querer assumir a liderança desta mudança, afirmando ter sido quem ensinou os mais novos a “ter estilo”. Ambos escolhem a sua roupa em lojas de *streetwear*, preferindo marcas associadas a desportos radicais e com preços consideravelmente mais elevados do que a média dos preços do vestuário juvenil que o primeiro e segundo subgrupos afirmam adquirir: *“As minhas marcas preferidas são DC, Element, Lot 29, Nike, Adidas e significam para mim ter gosto. DC, eu comecei a usar devido ao Little Wayne (cantor Hip-hop), vi-o uma vez num vídeo e gostei do símbolo (pensava que era Channel com o símbolo ao contrário) e desde aí que quis usar, e depois o meu primo disse que era DC e que os skaters é que usam e eu comecei a usar. Costumo comprar roupa na Volcom do Bairro Alto e na McSport no Colombo.”* (rapaz, 20 anos); *“Costumo comprar a minha roupa na DMS (Benfica), MCS, comprava aqui no Bairro Alto no Bana. Já cheguei a ir até Torres Novas para comprar roupa da LRG, que é a minha marca preferida, e também Carhartt. Essas marcas fazem-me sentir como um verdadeiro rapaz das bicicletas, o que os outros acham não sei nem quero saber, o que me interessa é que cada vez que eu olho ao espelho pareço um rapaz da team da Red Bull e que estou lá em cima!”* (rapaz, 23 anos). Nenhum dos dois se lembra de alguma vez ter usado um traje tradicional, nem recebem vestuário ou produtos cosméticos de origem angolana.

O primo mais novo compra as suas roupas com o dinheiro que ganha a trabalhar, enquanto o mais velho faz algum mistério em relação à origem dos seus recursos. De qualquer forma, pelo que conseguimos perceber, parece consegui-los muitas vezes através da venda inflacionada de roupas a outros rapazes do bairro, ou a familiares de Angola que lhe encomendam artigos de Portugal: *“Então o pessoal do bairro acha que eu me visto muito bem, e eu digo-lhes: Queres? Paga! Ou então faço uso do meu charme, como por exemplo no outro dia que a minha irmã me pediu um relógio que não há em Angola e eu consegui um desconto na loja e fiquei com a diferença do dinheiro!”*.

Na categoria dos consumos mediáticos, o cinema parece ser mais importante que nos primeiros subgrupos, observando-se mesmo a existência de referências a alguns filmes de culto ligados normalmente a temáticas como a máfia e grupos de gangsters. O rapaz mais velho tem especial predilecção pelo “Scarface” (sobre um refugiado cubano em Miami que consegue subir na vida e tornar-se no maior barão de droga), dizendo que admira o personagem porque “ele não era nada e conseguiu chegar ao topo”. Quanto à televisão, afirma não ser grande consumidor mas quando vê, opta por programas do National Geographic e Discovery Channel. Comenta ainda que o rapaz mais novo “tem muita MTV na cabeça”, facto que este desmente, dizendo: *“Vejo Telecine, Sport TV, SIC Radical, Discovery, National Geographic, Odisseia. Não tenho canal preferido. Só vejo a Televisão Popular de Angola quando a minha madrinha está a ver. Lá vejo o Jovem Mania e Chilar, porque passam cantores, falam da juventude, vão lá famosos e assim. Vejo 2, 3 horas de TV por dia.”*. O rapaz mais velho afirma não ter interesse na Televisão Pública Angolana.

Muitas vezes, principalmente em situações públicas com mais gente à volta, os rapazes utilizam de forma performativa chavões dos seus filmes preferidos e/ou refrões das músicas de hip-hopers americanos.

A música é também muito importante no quotidiano destes dois jovens, estando sempre presente. O estilo preferido de ambos é o hip-hop americano, embora o mais velho tenha

uma escolha mais variada e se afaste dos géneros mais directamente ligados à origem, como o kuduro e a kizomba, que o mais novo diz gostar. *“Gosto de ouvir rap, blues, gospel, jazz, R&B e, muito de vez em quando, vou ouvindo outros estilos de música (são raras as músicas de outros estilos que eu gosto). Comecei a ouvir por influência na minha escola primária em Angola, também ouvíamos rock lá, mas eu identifiquei-me desde sempre com o rap, é mais o meu estilo, as letras são mais aquilo que me chama.”* (rapaz, 23 anos). Estas escolhas são diferenciadas das da restante família que prefere ouvir música romântica e música brasileira, *“as sembas, músicas antigas de Angola. Há pessoal novo que ouve isso, mas eu pelo menos digo que não gosto, ou ouço uma ou duas que tem piada, acho graça. Se os meus tios estiverem a ouvir em casa eu ouço, mas não vou pegar no CD e pôr eu a ouvir. Acho que isto tem a ver com eles estarem mais interessados na cultura angolana do que eu, no tempo deles se calhar só ouviam aquela música.”* (rapaz, 20 anos).

As aquisições musicais são feitas normalmente através da Internet, mas também se aproveitam as oportunidades dos saldos e promoções.

A Internet é utilizada fundamentalmente para pesquisar música, ver vídeos dos artistas preferidos e encontrar novos amigos através de redes de amizade como o Hi5. O telemóvel está sempre presente e é utilizado para contactar com os amigos mas também para tirar fotografias e ouvir música. Estes dois jovens passam também muito tempo a jogar jogos de consola.

Tal como nos dois primeiros subgrupos estes jovens não têm hábitos regulares de leitura.

Terreno 2: Loures

No que respeita ao segundo grupo em estudo, os consumos alimentares dos jovens apresentam duas lógicas. No que respeita aos consumos realizados nos espaços públicos,

observa-se uma clara preferência por uma cadeia de “comida rápida” internacional. Este estabelecimento é utilizado frequentemente não só para refeições mas igualmente como contexto de sociabilidade juvenil. Apesar dos preços praticados serem relativamente baixos, muitas destas refeições são adquiridas colectivamente. Os jovens reúnem os seus capitais económicos para conseguirem adquirir um dos menus disponíveis, o qual posteriormente partilham entre todos. Esta partilha acaba por reforçar a relação existente entre este consumo específico e os relacionamentos existentes no seio do grupo.

No que respeita aos consumos alimentares em contexto doméstico, observa-se a existência de um número relativamente elevado de referências ao consumo de produtos alimentares descritos como “africanos” ou “tradicionais”, designações que remetem para a existência de um património identitário específico que contrasta claramente com o expresso pelos consumos realizados no espaço público. A maioria dos produtos que integra estas duas categorias é comprada em Portugal, pelo que o recurso à importação directa não assume aqui grande expressão.

No que respeita aos consumos de vestuário, observam-se igualmente duas dinâmicas que permitem distinguir os produtos descritos como “africanos” dos demais produtos adquiridos, na maior parte dos casos, em grandes superfícies.

O grupo de pares assume uma importância fundamental neste campo de consumo específico. A maioria das raparigas procura usar vestuário idêntico ao das colegas. A semelhança ao nível do vestuário faz-se sentir em termos dos modelos, cores e marcas do vestuário e do calçado usados quotidianamente. Os modelos de ténis mais populares são das marcas Adidas, Nike e Reebok, seguidos de perto pelos ténis que se encontram à venda em lojas de roupa como a Pull & Bear.

No que respeita ao vestuário, as lojas de eleição das raparigas que participaram neste trabalho são, para além da Pull & Bear, a Bershka, Stradivarius e C&A. A “feira” é por vezes indicada como outro local onde são compradas algumas peças de vestuário. As principais peças de roupa que chamam a atenção das jovens quando se deslocam a estes estabelecimentos

são as peças que, segundo elas, “estão na moda”: calças justas de várias cores, casacos desportivos com padrões diferenciados e alguma bijutaria.

A centralidade destes consumos para as jovens pode ser observada através de um conjunto de indicadores tais como o tempo e cuidado investidos na sua aquisição, o modo como o seu uso é adequado a situações específicas ou o facto de algumas peças de vestuário assumirem um papel importante em determinados contextos de sociabilidade, nomeadamente em momentos de convívio com rapazes. Outras situações em que também é evidente o empenho e preocupação com o vestuário são as festas que se realizam no bairro em que residem. A preparação da indumentária é bastante cuidada e nas semanas antes das festas existe uma discussão intensa sobre o que vestir na festa de passagem do ano ou sobre a máscara a usar na festa de Carnaval. Em relação à festa de passagem de ano, sobressaem as questões de estética e de sensualidade, como o uso de saltos altos ou vestidos arrojadados, são as que mais determinam a escolhas.

A festa de passagem de ano foi tema de conversação corrente na escola durante algum tempo, ouvindo-se com frequência críticas ao vestuário de rapazes e raparigas.

A festa de Carnaval é também um evento muito importante no bairro e o vestuário que é escolhido requer um investimento anual significativo. Aqui a originalidade e, de alguma forma, a extravagância e sensualidade são as dinâmicas de eleição. Esta especificidade leva a que as raparigas pensem nos fatos de Carnaval a partir de lógicas em que as *t-shirts* justas e saias ou calções curtos sejam mais procurados do que a roupa que usam no quotidiano. No contexto da preparação para a festa, fizeram-se várias visitas aos centros comerciais que se mostraram centrais para a observação das lógicas de negociação existentes entre o grupo de raparigas para decidirem como se vão apresentar em público. As escolhas mais populares recaíram sobre representações de bonecas e “coelhinhos”. Observaram-se igualmente algumas raparigas vestidas de polícia, algumas com trajes africanos, algumas vestidas de chinesas e “diabinhas”. Os rapazes presentes mascararam-se de padres, militares e alguns de mulher. Posteriormente, a festa também foi bastante comentada tal como a forma como as raparigas do bairro se mascararam.

Quando questionadas sobre o uso de vestuário africano ou de trajes tradicionais, as informantes referem um uso restrito dos mesmos. Os “fatos africanos” são utilizados para dançar ou no Carnaval e tanto podem ser enviados da origem por familiares, como comprados em Portugal. A origem dos trajes é desvalorizada e nenhuma das informantes fez distinção entre os panos trazidos de África e os panos africanos comprados em Portugal.

No caso das performances de dança em público, os panos tradicionais africanos são utilizados como adereço da própria performance. No entanto, são adaptados e colocados de uma forma específica e diferenciada do que se vê habitualmente na rua ou nas festas de Carnaval dado que os vestidos compridos são substituídos por uma pequena saia curta e um top.

Um outro objecto utilizado pelas informantes é o lenço palestino a que chamam “arafat”. Estes existem em várias cores e são usados como adereço de moda.

Os *piercings* e tatuagens são referidos por vezes com admiração, no entanto nenhuma delas apresenta quaisquer sinais visíveis destas marcas corporais, exceptuando duas das informantes que furaram a orelha numa ourivesaria. Quando mostraram os *piercings* na escola, as outras raparigas reagiram positivamente afirmando querer fazer o mesmo não tendo, no entanto, levado a cabo até ao fim essa iniciativa.

Os recursos económicos são, para a generalidade das raparigas, um impedimento à obtenção de vários objectos. Nas várias idas ao centro comercial esta questão levanta-se recorrentemente, pois nenhuma das raparigas possui dinheiro para efectivamente comprar a generalidade dos objectos que observam e apreciam. O grupo passeia pelas lojas, experimentando várias peças que acabam por não adquirir. Numa situação em particular, uma das informantes (18) diz repetidamente: “*Sábado tenho de pedir à minha mãe para vir às compras, que cena fixe!*”. Apesar disto, segundo as informantes, os pais não escolhem a sua roupa e a influência que têm sobre as suas escolhas é fundamentalmente de cariz económico, ao contrário do que se pode observar directamente relativamente ao grupo de pares cuja intervenção é bastante grande.

O corpo, em particular o cabelo e a pele, são alvo de cuidados regulares. Um dos consumos étnicos mais relevantes prende-se com o uso de extensões capilares e cremes para a pele. O cabelo é muitas vezes entrançado e, muito embora o processo seja doloroso e moroso, a maioria dos rapazes e das raparigas opta por ele. Numa situação em que um rapaz veio ter com uma das informantes e lhe pediu para ela lhe entrançar o cabelo, pode observar-se a técnica e a diversidade de recursos necessários à realização deste penteado específico (um pente, elásticos pequeninos, e um óleo específico. Ainda a respeito deste tema uma informante refere: *“Fica muito giro fazer, mas depois tirar é que é pior, pois primeiro têm de cortar com uma tesoura e depois desmanchar, principalmente no caso das extensões capilares”*. Estas extensões são compradas em Portugal — *“porque há pessoas, há africanos que vêm cá e trazem, pessoas que depois abrem lojas com isso”* — refere a informante 21. Os cremes para o cabelo ou para o corpo podem ser ou não comprados em Portugal, sendo por vezes trazidos por familiares, esta situação é referida mais que uma vez.

A música é um dos consumos mais centrais para os jovens em estudo. O consumo de música africana é recorrente e as principais sonoridades que se ouvem são o kuduro, o funaná e algum rap crioulo, em simultâneo com cantores normalmente descritos como românticos, muitos deles de origem africana. Paralelamente a estes consumos, ouvem-se igualmente ritmos mexidos que permitem dançar, actividade que marca presença constante no quotidiano dos jovens, quer através dos *fonos* que têm nos ouvidos quer da música que se ouve na escola ou nas associações. As raparigas identificam-se ainda e em particular com o R&B e com algumas sonoridades da música pop, especialmente com artistas que marcam presença regular em canais televisivos específicos como a MTV ou a MCM. Artistas como Bob Marley, Gabriel O Pensador, e alguns hip-hoppers mais conhecidos são igualmente apreciados, não só pelo estilo de música que produzem, mas igualmente pelas mensagens específicas que as suas letras transmitem e que são entendidas pelos jovens como modelos para encarar a vida quotidiana e para pensar os posicionamentos que detém no contexto social em que estão inseridos. Prova disto foi a adesão significativa dos jovens à visualização pública do documentário “Nubai” e ao posterior esclarecimento sobre o surgimento do graffiti, do rap e do hip-hop.

A música classificada como “tradicional” do país de origem é referida por cerca de quatro dos informantes. No entanto, a maioria diz ouvir música africana que não é do seu país de origem e da qual tomam conhecimento através dos amigos e colegas da escola. A variedade de países de origem que se encontra na população da escola e no bairro de residência promove e efectiva o conhecimento e apropriação de variadas sonoridades.

Associados ao consumo da música, entre outras coisas, estão os telemóveis e aparelhos portáteis de som como os mp3 que possibilitam aos jovens ouvirem música constantemente. Por outro lado, a disseminação de música através da tecnologia *bluetooth* e de determinados programas de Internet facilita a partilha de ficheiros musicais entre o grupo.

Para além do uso relacionado com o consumo de música, o telemóvel é uma ferramenta de comunicação muito importante e que transporta consigo significados específicos relacionados com os modelos, redes e tarifários. A grande maioria utiliza a mesma rede e o mesmo tarifário pois estes permitem-lhes comunicar em texto e em voz gratuitamente entre si. É ainda interessante notar que esta partilha assume, na voz de uma das jovens uma dimensão identitária relevante que a leva a afirmar que todos optam pela rede X, porque “a X é a rede dos pretos, é normal!” (Informante 21).

A generalidade das raparigas tem um ou dois telefones desbloqueados para todas as redes de modo a “aproveitar as borlas das diferentes redes” (Informante 20). Uma outra informante refere que também não vive sem telemóvel, afirmando “é horrível não comunicar”.

No quadro das conversas mantidas sobre o uso de novas tecnologias de informação surgiu igualmente a questão do uso de programas de comunicação através da Internet como o Hi5. Este programa, a par de outros semelhantes, tem um papel fundamental nas redes de sociabilidade dos jovens em estudo e, conseqüentemente, nos seus consumos. A Internet é utilizada quotidianamente, principalmente sites como Hi5, Messenger e Youtube. Os locais públicos que possibilitam acesso gratuito à Internet como a junta de freguesia e a escola são muitas vezes utilizados para pesquisar e “carregar” o Hi5 com novas fotos, fazer comentários às fotos das amigas e dos conhecidos do bairro. As principais preocupações relativamente

às fotos colocadas online são o seu número (o máximo possível), os comentários que amigos ou conhecidos fizeram às imagens que estavam lá anteriormente e procurar estar atenta aos novos recursos disponíveis através de um exame aos conteúdos gráficos das páginas dos outros.

No que respeita aos consumos de cinema e televisão, é possível afirmar que, se a frequência de cinemas é muito rara, a televisão ocupa um espaço mais significativo dos seus tempos livres. Os principais canais que são visionados são transmitidos via Cabo: MTV e MCM, para canais de música e os canais de filmes AXN e Hollywood. A SIC e a TVI são igualmente visionadas, sobretudo por causa das telenovelas. Algumas jovens referem ainda ter interesse por canais de desenhos animados como o Canal Panda. É igualmente de notar que as informantes assistem regularmente a concursos de beleza internacionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma primeira abordagem a qualquer terreno de estudo finaliza-se, na grande maioria das vezes, com uma sensação incômoda que espelha a necessidade e pertinência de se desenvolverem mais e mais aprofundadas abordagens ao mesmo.

Apesar de se ter conseguido uma aproximação relativamente bem sucedida aos jovens em estudo, o tempo escasso em que a investigação decorreu aliado à pluralidade e complexidade das dimensões de análise em jogo deixam em aberto um número muito considerável de questões acerca das experiências de vida quotidianas dos jovens em questão.

Deste quadro geral sobressaem, no entanto, um conjunto de interrogações e linhas de reflexão que são importantes partilhar na medida em que podem funcionar, quer como convites à reflexão sobre a temática em estudo quer como pistas a desenvolver em futuras investigações.

A primeira linha de reflexão, de carácter mais metodológico, aponta para o potencial que as observações centradas no quotidiano parecem deter para a análise e discussão das identidades juvenis. Apostadas em dar “visibilidade” às rotinas invisíveis do dia-a-dia, estas abordagens possibilitam observar a generalidade dos espaços e dos lugares sociais e culturais nos quais a vida dos jovens decorre, através de uma lente que destaca a centralidade das práticas e dos discursos naturalizados e as capacidades expressivas dos mesmos. Paralelamente, possibilita igualmente desenvolver um olhar integrado sobre as suas realidades e discutir regularidades e singularidades, agências e contingências de forma dialogante e produtiva. Como ficou expresso ao longo do trabalho, esta postura torna-se fundamental para o entendimento de muitas dimensões relevantes que, quando observadas de modo fragmentado, resistem ao olhar do investigador.

Directamente relacionada com a primeira, a segunda linha de reflexão reclama a urgência da contextualização nas reflexões produzidas sobre os fenómenos sociais. Como refere Machado Pais (1990) num texto central sobre as práticas de sociabilidade juvenis, a desconstrução da representação dominante que aponta as práticas da juventude como homogêneas passa, em primeiro lugar, pela sua contextualização. Só este exercício permite simultaneamente criar condições propícias à emergência das especificidades e originalidades expressivas das identidades juvenis e, ao mesmo tempo, situar comportamentos, explicitar posicionamentos e enquadrar práticas específicas. Para além desta função fundamental, os exercícios de contextualização mostram-se igualmente úteis para o estabelecimento de condições favoráveis à realização de estudos comparativos. Como vimos, a realização de uma abordagem comparativa como a que foi realizada necessita de um enquadramento prévio que incentive uma leitura dialogante entre duas unidades distintas.

A terceira linha chama a atenção para a centralidade que o lazer e as práticas de sociabilidade detêm nos quotidianos dos jovens em estudo e, conseqüentemente, nas suas práticas de consumo. Organizadas a partir de lógicas e princípios normativos próprios, elas assumem uma dimensão fundamental, quer nos diferentes espaços quotidianos (casa, escola, bairro) quer na estruturação das diferentes práticas de consumo observadas. De acordo com os testemunhos recolhidos, os consumos musicais, alimentares e de vestuário desenvolvidos pelos jovens de ambos os contextos têm quase sempre como referência um acontecimento ligado à diversão e ao convívio: a roupa é adquirida em função das festas e das saídas à noite, a música é consumida em grupo nos pátios da escola e em casa com amigos e as reuniões familiares reportadas organizam-se em torno de refeições específicas. Sendo transversal à maioria das representações sobre a juventude, a importância atribuída ao lazer e ao convívio assumem, no entanto, dimensões expressivas específicas através dos objectos e das práticas de consumo que lhes são associados pelos jovens. A roupa, os telemóveis, os ténis são apropriados segundo lógicas próprias de forma a materializarem identidades específicas perante o grupo e perante a sociedade. A valorização de determinados estilos por oposição a outros, a construção de tipologias classificatórias assentes nos consumos e os usos de terminados objectos

e/ou serviços para traduzir posicionamentos sociais comprova não só as potencialidades expressivas das “coisas” produzidas em massa, como as capacidades dos sujeitos de as domesticarem e lhes atribuírem significados próprios.

Os consumos dos jovens remetem para a última, e talvez mais significativa, linha de reflexão que decorre deste trabalho. No seu primeiro livro sobre consumos “transculturais”, Davis Howes introduz a temática através de uma questão provocatória que aponta para a necessidade de se (re)pensar os processos de atribuição de uma identidade étnica aos objectos produzidos em massa em circulação nos mercados globais. A leitura do texto convoca a necessidade de se reflectir sobre como e em que medida a identidade étnica intervém na estruturação das práticas de consumo contemporâneas e, sobretudo, sobre os modos como estas encontram formas de se expressarem através de coisas, bens e serviços aparentemente “globais”.

Afastado que está o risco de se assumir que um acesso generalizado aos mesmos bens e serviços poderia resultar em homogeneização e consequente perda de especificidade cultural, assume-se que a capacidade de atribuir sentidos específicos e locais aos designados “produtos globais” faz da cultura material contemporânea um campo especialmente significativo para o entendimento e discussão dessas mesmas especificidades. Como ficou patente ao longo do trabalho, a generalidade dos jovens encontrou modalidades originais para apropriar objectos da cultura de massas contemporânea, integrando-os nos seus usos quotidianos e conjugando-os com um outro conjunto de objectos mais restrito e que remete para suas origens culturais específicas. Observou-se como os relacionamentos com as gerações mais velhas, as primeiras gerações migrantes, e com os parentes e amigos residentes noutros contextos se materializam e, muitas vezes, efectivam por via da circulação de produtos determinados. Paralelamente ao exercício reflexivo em torno da construção e definição do “nós”, observou-se também o recurso à cultura material como instrumento expressivo na confirmação, negociação e redefinição das fronteiras entre “nós” e “eles”, nomeadamente através da música, dos trajes de dança, dos penteados e de algumas práticas alimentares específicas.

Central para a estruturação das práticas de consumo expressivas observadas, a etnicidade, conjugada com a condição de migrante de segunda geração, concorre e intersecta-se no entanto com todo um outro conjunto de variáveis às quais é fundamental atender para discutir de forma aprofundada as temáticas abordadas. Como terá ficado claro ao longo da exposição etnográfica, dimensões como os capitais económicos, sociais e culturais, as identidades e os relacionamentos de género, a idade e mesmo a composição sociográfica do bairro e da escola assumem igualmente uma função essencial nas vidas presentes destes jovens e nas suas expectativas face ao futuro. Muitas vezes ausentes ao nível dos discursos, que tendem a enfatizar as dimensões étnicas, estas outras dimensões fazem-se sentir sobretudo ao nível das práticas juvenis observadas, isto é, das identidades objectivadas via actividade de consumo.

Como nota final destas considerações, apresenta-se um conjunto de ideias a considerar em presentes e futuras práticas de investigação, bem como um conjunto de recomendações a observar nos diversos domínios do contacto e intervenção institucionais junto de jovens com perfis sociais e culturais semelhantes aos integrados no estudo.

No que respeita a **futuras linhas de investigação e de reflexão** a desenvolver sobre a temática, surgem como particularmente pertinentes as seguintes quatro áreas:

- a) Os jovens migrantes constituem uma população multifacetada e complexa que urge ser melhor conhecida, quer no quadro dos estudos sobre as migrações contemporâneas quer no quadro dos estudos sobre as culturas juvenis em Portugal. Nesse sentido, a par das abordagens longitudinais fundamentais ao conhecimento formal dos grupos em estudo, deveria equacionar-se a possibilidade de se desenvolverem igualmente estudos que privilegiem um conhecimento intensivo e em profundidade das realidades juvenis migrantes;
- b) O estudo e o desenvolvimento de acções junto de jovens migrantes devem pressupor a existência de factores que, a par das especificidades inerentes a esta condição, intervêm decisivamente nos processos de relacionamento com as diferentes instituições e demais agentes sociais. Chama-se particularmente a atenção para a centralidade que a classe social, tanto nas suas dimensões

objectivas (recursos) como subjectivas (identidade), e o género parecem adquirir enquanto factores estruturantes das práticas e dos discursos dos jovens acerca das suas experiências de vida e dos posicionamentos que assumem face à realidade contemporânea;

- c) A definição de linhas orientadoras de acção junto de populações jovens migrantes deverá ser preferencialmente precedida de exercícios de enquadramento que balizem e dêem conta das especificidades dos contextos a que reportam e nos quais necessariamente virão a interferir e interagir. Simultaneamente culturais, sociais, políticos e económicos, os contextos intervêm directa e/ou indirectamente nas práticas e, por isso, fornecem indicações importantes ao entendimento das mesmas. A não observação das especificidades contextuais poderá ter implicações negativas no entendimento dos grupos em estudo, bem como na implementação de medidas e projectos específicos;
- d) As actividades expressivas, mais especificamente a música e a dança, e os consumos quotidianos demonstraram ser terrenos particularmente férteis para o estudo das culturas juvenis migrantes devendo ser equacionadas como dimensões importantes de observação e compreensão dos processos de posicionamento e (re)construção identitários dos mesmos.

No que respeita às **recomendações a observar** no contacto e intervenção junto de populações com um perfil próximo ao dos jovens integrados na pesquisa, os resultados do estudo sugerem a existência de três domínios importantes: o das representações sobre o “outro migrante”, o das práticas culturais expressivas e desportivas e o das práticas de consumo e a cultura material.

No **domínio das representações sobre o “outro migrante”** apresentam-se como significativas: a) a necessidade de fomentar a discussão teórica das noções de migração, identidade étnica, raça e juventude migrante junto das instituições escolares, associações culturais, associações comunitárias e demais agentes que desenvolvem acções no terreno junto das populações; b) a necessidade de reforçar as acções de formação prática integrando antropólogos e sociólogos com experiência (prática) de terreno nos contextos de intervenção

específicos; e a necessidade de criação e/ou reforço de canais de comunicação flexíveis que estimulem o diálogo directo da escola e demais instituições formais com os jovens, as suas famílias e líderes comunitários.

No **domínio das práticas culturais expressivas e desportivas** surgem como potencialmente produtivas: a) a adopção de noções *emic* no desenho de futuras políticas de juventude, nomeadamente no que se refere à área das actividades e práticas expressivas (artes plásticas, dança, música, teatro); b) a promoção duma revisão das noções normalmente reificadas que estão na base do desenvolvimento de “actividades de ocupação de tempos livres” especificamente desenhadas para um público “jovem étnico”; c) a exploração do potencial apelativo e integrador, que práticas culturais expressivas nos domínios das artes plásticas, música, dança e teatro nas escolas e nas associações comunitárias, parecem deter junto dos jovens. Explorar a hipótese da criação de apoios e incentivos à prática continuada destas actividades através de um programa de bolsas; d) a exploração do potencial apelativo e integrador de práticas desportivas diversas nas escolas e nas associações comunitárias e incentivar a sua implementação.

No **domínio do consumo e da cultura material** é de salientar: a) a necessidade de, a par com as dimensões directamente decorrentes da identidade étnica e da experiência migrante, equacionar as condições objectivas de vida (rendimentos, saberes específicos, acesso a bens e serviços) no entendimento das relações entre os jovens migrantes e a cultura material contemporânea; b) a exploração das potencialidades expressivas e criativas associadas a um conjunto de consumos específicos, nomeadamente ao nível das novas tecnologias de informação para estabelecer diálogos, experimentar novas modalidades e novos espaços e contextos de encontro intercultural e de integração social; c) a utilização do potencial que o consumo parece deter enquanto recurso identitário e enquanto prática de sociabilidade e lazer para discutir posicionamentos e pertenças sociais, práticas de gentrificação e de apropriação dos espaços públicos urbanos, objectiva e subjectivamente.

BIBLIOGRAFIA GERAL

ABRANTES, P. (2003), “Os sentidos da escola identidades juvenis e dinâmicas de escolaridade”, Oeiras: Celta Editora.

ALBA, R. e MITCHELL B., C. (1983), “A Preliminary Examination of Ethnic Identification among Whites”, in *American Sociological Review*, n.º 48, pp. 240-47.

ALBA, R. e NEE, V. (1997), “Rethinking assimilation theory for a new era of immigration”, in *International Migration Review*, vol.31, n.º 4, pp. 826-74.

ALI, S. (2003), “Mixed-Race, Post-Race — Gender, New ethnicities and cultural practices”, Oxford: Berg.

ALMEIDA, J. F. *et al.* (1996), “Jovens de hoje e de aqui — resultados do inquérito à juventude do concelho de Loures”, Loures: Câmara Municipal de Loures.

AMIT-TALAI, V. e WULFF, H. (eds.) (1995), “Youth cultures: a cross-cultural perspective”, Londres: Routledge.

APPADURAI, A. (1986), “Introduction: Commodities and the Politics of Value”, in APPADURAI, A. (ed.), *The Social Life of Things*, Cambridge: Cambridge University Press.

BARTH, E. A. T. e NOEL, D. L. (1972), “Conceptual Framework for the Analysis of Race Relations: An Evaluation, Social Forces”, n.º 50, pp. 333-48.

BARTH, F. (ed.) (1998), “Ethnic groups and boundaries: the social organization of culture difference”, Long Grove: Waveland Press.

BASTOS, J. P. e BASTOS, S. P. (1999), “Portugal Multicultural”, Lisboa: Fim de Século Edições.

BASU, P. e COLEMAN, S. (2008), "Introduction: Migrant Worlds, Material Cultures, Mobilities", vol. 3, n.º 3, pp. 313-30.

BAUMANN, G. (2003), "Contesting Culture. Discourses of Identity in Multi-Ethnic Londres", Cambridge: Cambridge University Press.

BENNETT, A. e KAHN-HARRIS, K. (eds.) (2004), "After Subculture: Critical Studies in Contemporary Youth Culture", Londres: Palgrave.

BECKER, H. (1963), "Outsiders: Studies in the Sociology of Deviance", Nova Iorque: The Free Press.

BHATTI, G. (1999), "Asian children at home and at school — an ethnographic study", Londres e Nova Iorque: Routledge.

BOLIN, G. e FORNAS, J. (eds.) (1995), "Youth culture in late modernity", Londres: Sage Publication.

BOURDIEU, P. (1979), «La Distinction, Critique Sociale du Jugement», Paris: Minuit.

BRAZIEL, J. E. e MANNUR, A. (2003), "Nation, Migration, Globalization: Points of Contention in Diaspora Studies", in J. E. BRAZIEL & A. MANNUR (eds.), *Theorizing Diaspora*, Malden: Blackwell, pp. 1-22.

BRAH, A. (1998), "Cartographies of Diaspora", Londres: Routledge.

BRETON, R. *et al.* (1990), "Ethnic Identity and Equality: Varieties of Experience in a Canadian City", Toronto: University of Toronto Press, pp. 196-255.

BRUBAKER, R. W. (2001), "The Return of Assimilation: Changing Perspectives on Immigration and its Sequels in France, Germany and the United States", *Ethnic and Racial Studies*, vol. 24, n.º 4.

BRUBAKER, R. (2004), "Ethnicity without groups", Cambridge: Harvard University Press.

CABECINHAS, R. (2002), "Racismo e etnicidade em Portugal: uma análise psicossociológica da homogeneização das minorias", Braga: Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais.

CALLAN, V. J., e GALLOIS, C. (1982), "Language attitudes of Italo-Australian and Greek-Australian bilinguals", in *International Journal of Psychology*, n.º 17, pp. 345-58.

CALLAN, V.J. e GALLOIS, C. (1983), "Ethnic stereotypes: Australian and Southern European Youth", in *Journal of Social Psychology*, n.º 119, pp. 287-88.

CARDEIRA DA SILVA, M. (1999), "Um Islão Prático. O quotidiano feminino em meio urbano popular marroquino", Oeiras: Celta

CARVALHO, M. J. (2005), "*Jovens, espaços, trajetórias e delinquências*, Sociologia — problemas e práticas", n.º 49 (Setembro-Dezembro), Oeiras: Celta.

COHEN, A. P. (1987), "The symbolic construction of community", Nova Iorque: Routledge.

COLOMBO, E., LEONINI, L. e REBUGHINI, P. (2009), "Different But Not Stranger: Everyday Collective Identifications among Adolescent Children of Immigrants in Italy", in *Journal of Ethnic and Migration Studies*, vol. 35, n.º 1, pp. 37-59.

CORREIA COMPLETO, M. (2006), "Comportamento juvenil e representação sociourbanística das áreas de residência numa periferia de Lisboa" [Texto Policopiado], Lisboa: [s.n.].

COSTA, M. (org.) (2006), "Sociabilidade Juvenil e Cultura urbana", São Paulo: PUC-SP.

DAYRELL, J. (2005), "A música entra em cena o rap e o funk na socialização da juventude", Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais.

DAVIS, S. S., e DAVIS, D. A. (1989), "Adolescence in a Moroccan town: Making Social Sense", New Brunswick: Rutgers University Press.

DAVIS, F. (1992), "Fashion, culture, and identity", Chicago: The University of Chicago Press.

DONALD, J. e RATTANSI, A. (eds.) (1997), "Race, Culture and Difference", Londres: Sage.

EPSTEIN, A. L. (1978), «Ethos and Identity: Three Studies in Ethnicity», Londres: Tavistock.

ERIKSEN, T. (1993), "Ethnicity and Nationalism — Anthropological Perspectives", Londres: Pluto Press.

ERIKSON, E. H. (1959), "Late Adolescence", in D.H. FUNKENSTEIN (ed.), *The Student and Mental Health*, Cambridge, MA: Riverside Press.

ERIKSON, E. H. (1968), "Identity: Youth and Crisis", Nova Iorque: Norton.

ERICKSON, F. (1986), "Qualitative Methods in Research on Teaching", in M. C. WITTROK (ed.), *Handbook of Research on Teaching*, New York: Macmillan, pp. 119-61.

FEATHERSTONE, M. (1991), "Consumer Culture and Postmodernism", Londres: Sage.

FEIXA, C. (1999), "De Jóvenes, Bandas y Tribus: Antropología de la Juventud", Barcelona: Editorial Ariel.

FELOUZIS, G. *et al.* (2005), "L'apartheid scolaire: enquête sur la ségrégation ethnique dans les collèges", Paris: Éditions du Seuil.

FERREIRA, P. M. (2006), "O Associativismo Juvenil e a Cidadania Política", Lisboa: Instituto Português da Juventude.

FERREIRA, V. S. (2008), “Marcas que Demarcam: Tatuagem, Body Piercing e Culturas Juvenis”, Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.

FORTIER, A. (2000), “Migrant Belongings: Memory, Space, Identity”, Oxford: Berg.

FRADIQUE, T. (1998), “Culture is in the House: o rap em Portugal, a retórica da tolerância e as políticas de definição de produtos culturais”, Lisboa: ISCTE.

FRADIQUE, Teresa (2003), “Fixar o movimento: representações da música RAP em Portugal”, Lisboa: Publicações Dom Quixote.

FREITAS, M. C. (org.) (2006), “Desigualdade Social e Diversidade Cultural na Infância e na Juventude”, São Paulo: Cortez.

FUGITA, S. S. e O'BRIEN, D. J. (1991), “Japanese American Ethnicity: The Persistence of Community”, Seattle: University of Washington Press.

FURLONG, A. (1997), “Young people and social change: individualization and risk in late modernity”, Buckingham: Open University Press.

GANS, H. J. (1979), “Symbolic Ethnicity: The Future of Ethnic Groups and Cultures in America”, in *Ethnic and Racial Studies*, n.º 2, pp.1-20.

GANS, H. J. (1997), “Toward a reconciliation of «assimilation» and «pluralism»: the interplay of acculturation and ethnic retention”, in *International Migration Review*, vol. 31, n.º 4, pp. 875-92.

GRAMSCI, A. (1971), “Selections from the Prison Notebooks of Antonio Gramsci”, traduzido por Hoare, Q. e Smith, G. N. (eds.), N.I.: International Publishers.

GILBERT, N. (2008), “Researching social life”, Londres: Sage Publications, pp.163-284.

GILES, H., TAYLOR, D. M., LAMBERT, W. E., e ALBERT, G. (1976), “Dimensions of ethnic identity: An example from Northern Maine”, in *Journal of Social Psychology*, n.º 100, pp. 11-19.

GLAZER, N. e MOYNIHAN, D. P. (1970), “Beyond the Melting Pot: The Negroes, Puerto Ricans, Jews, Italians, and Irish of New York City”, Second Edition, Cambridge, MA: MIT Press.

GOETZ, J. e LeCOMPTE, M. D. (1984), “Ethnography and Qualitative Design in Education Research”, San Diego: Academic Press.

GOMES, M. L. (2002), “Crescer em comunidade: estratégias de educação não formal à descoberta de culturas juvenis”, in *Sociologia — Problemas e Práticas*, n.º 49 (Setembro-Dezembro), Oeiras: Celta.

GOTTDIENER, M. e HUTCHISON, R. (2006), “The new urban sociology”, Boulder: Westview Press.

GREELEY, A. M. (1976), “The Ethnic Miracle”, in *The Public Interest*, n.º45, pp. 20-36.

GRILLO, R.D. (2001), “Transnational Migration and Multiculturalism in Europe”, Oxford: ESRC Transnational Communities Working Paper WPTC-01-08.

GRILLO, R. D. (2003), “Cultural essentialism and cultural anxiety”, in *Anthropological Theory*, n.º 3, pp. 157-73.

GUSMÃO, N. (2004), “Os filhos da África em Portugal — Antropologia, Multiculturalidade e Educação”, Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.

HALL S., JEFFERSON T. (eds.) (1976), “Resistance through Rituals”, Londres: Hutchinson.

HALL, S. (2000), "Who Needs Identity?", in P. Du GAY, J. EVANS, e P. REDMAN (eds.), *Identity: A Reader*, Londres: Sage, pp. 15-30.

HALL, S. (2003), "Cultural Identity and Diaspora", in BRAZIEL, J. E. & A. MANNUR (eds.), *Theorizing Diaspora*, Londres: Blackwell.

HANDLIN, O. (1973), "The Uprooted", Boston: Little, Brown and Company.

HANNERZ, U. (1999), "Reflections on varieties of culturespeak", in *European Journal of Cultural Studies*, vol. 2, n.º 3, pp. 393-407.

HANNERZ, U. (1998) [1996], "Transnational Connections. Culture, People, Places", Londres: Routledge.

HOLMES, R. M. (1998), "Fieldwork with children", Thousand Oakes: Sage.

HONWANA, A. M. (2005), "Makers & breakers children & youth in postcolonial Africa", Oxford: James Currey.

HOWES, D. (1996) (ed.), "Cross Cultural Consumption. Global Markets Local Realities", Londres: Routledge.

JENKINS, R. (1983) "Lads, Citizens and Ordinary Kids: Working-class Youth Life-Styles in Belfast", Londres: Routledge and Kegan Paul.

LAVIE, S. e SWEDENBURG, T. (1996), "Displacement, Diaspora, and Geographies of Identity", Durham: Duke University Press.

LEAL, A. (2004), "Identidades e estratégias de integração social dos jovens portugueses de origem africana: factores para a compreensão da integração social das minorias étnicas e imigrantes africanas em Portugal", [Texto policopiado], Lisboa: [s.n.].

LEWIS, J. (1992), “The Road to Romance and Ruin, Teen Films and Youth Culture”, Nova Iorque: Routledge.

LONGHURST, B. e SAVAGE, M. (1996), “Social Class, Consumption and the Influence of Bourdieu: Some Critical Issues”, in EDGELL, S., HETHERINGTON, K. e WARDE, A. (eds.), *Consumption Matters*, Oxford: Blackwell, pp. 274-301.

LOPES, J. T. (1995), “As escolas urbanas como cenários de interação um estudo sobre práticas culturais estudantis”, *Sociologia I*, Vol. V, Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras.

MACHADO, F. L. (1994), “Luso-africanos em Portugal — nas margens da etnicidade”, in *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 16, pp. 111-34.

MACHADO, F. L. (2002), “Contrastes e continuidades: migração, etnicidade e integração dos guineenses em Portugal”, Oeiras: Celta Editora.

MACHADO, F. L. e MATIAS, A. R. (2006), “Descendentes de Imigrantes nas Sociedades de Acolhimento: Linhas de Identificação Sociológica”, CIES e-Working Paper n.º 13/2006, Lisboa: CIES-ISCTE.

MACKAY, H. (ed.) (1997), “Consumption and Everyday Life”, Londres: Sage/The Open University.

MAFFESOLI, M. (1996), “The Time of the Tribes: The Decline of Individualism in Mass Society”, Londres: Sage Publication.

MARTINS, A. M. (1993), “A problemática da juventude em Portugal e as funções da escola enquanto instituição”, Aveiro: Universidade de Aveiro.

MARTINS, H. (1997), “Ami cunhá cumpadri Pitécu: uma etnografia da linguagem e da cultura juvenil luso-africana em dois contextos suburbanos de Lisboa”, Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.

MARGOLIS, E. e ROMERO, M. (eds.) (2005), "The Blackwell Companion to Social Inequalities", Malden: Blackwell Publishing.

MATZA, D. e SYKES, G. (1961), "Juvenile Delinquency and Subterranean Values", *American Sociological Review*, vol. 26, n.º 5, pp. 712-19.

McROBBIE, A., GARBER, J. (1976), "Girls and subcultures", in HALL, S. e JEFFERSON, T. (eds.) *Resistance through Rituals: youth subcultures in post-war Britain*, Londres: Hutchinson.

MERTON, R. K. (1957), "Social Theory and Social Structure", Nova Iorque: Free Press of Glencoe.

MILLER, D., (1998), "Why Some Things Matter", in MILLER, D. (ed.), *Material Cultures: Why Some Things Matter*, Londres: The University of Chicago Press, pp. 3-21.

MILLER, D. (2001a), "Behind Closed Doors", in Miller, D. (ed.), *Home Possessions. Material Culture Behind Closed Doors*, Oxford: Berg, pp. 1-19.

Miller, D. (2001b), "Possessions", in MILLER, D. (ed.), *Home Possessions. Material Culture Behind Closed Doors*, Oxford: Berg, pp. 107-121.

MILLER, D. (2008), "The Comfort of Things", Londres: Polity Press.

MORLEY, D. (2000), "Home Territories: Media, Mobility and Identity", Londres: Routledge.

MOURO, C. (2003), "Estratégias de gestão da identidade e percepção de variabilidade intragrupal em adolescentes portugueses de origem cabo-verdiana", Lisboa: ISCTE.

MUDIMBE, V. Y. (1997), "Nations, identities, cultures", Durham: Duke University Press.

MUGGLETON, D. L. (2000), "Inside Subculture: The Postmodern Meaning of Style", Oxford: Berg.

NAVA, M. (1992), “Changing cultures: feminism, youth and consumerism”, Londres: Sage Publications.

O'DONNELL, M. e SHARPE, S. (2000), “Uncertain masculinities: youth, ethnicity and class in contemporary Britain”, Londres: Routledge.

PAIS, J. M. ([1993] 2003), “Culturas Juvenis”, Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

PARK, R. E. (1922), “The Immigrant Press and Its Control”, Nova Iorque: Harper and Brothers Publishers.

PARK, R. E. e MILLER H. (1921), “Old World Traits Transplanted”, Nova Iorque: Harper and Brothers Publishers.

PATO, I. (2006), “Políticas públicas e construção de identidade territoriais urbanas — Reflexões a partir do espaço vivido”, Lisboa: Centro de Estudos Geográficos.

PIRES, R. P. (2003), “Migrações e integração: teoria e aplicações à sociedade portuguesa”, [Texto policopiado], Tese de Doutoramento, Lisboa: [s.n.].

POLHEMUS, T. (1997), “In the supermarket of style”, in REDHEAD, S., WYNNE, D. e O'CONNOR, J. (eds.), *The Clubcultures Reader — readings in Popular Cultural studies*, Oxford: Blackwell.

PORTES, A. (1995), “Children of Immigrants: Segmented Assimilation and Its Determinants”, in PORTES, A. (ed.), *The Economic Sociology of Immigration: Essays on Networks, Ethnicity and Entrepreneurship*, Nova Iorque: Russell Sage Foundation, pp. 248-79.

PORTES, A. (ed.) (1996), “The New Second Generation”, Nova Iorque: Russell Sage Foundation.

PORTES, A. (2006), “Estudos sobre Migrações Contemporâneas: Transnacionalismo, Empreendedorismo e a Segunda geração”, Lisboa: Fim de Século, pp. 47-84.

PORTES, A. e RUMBAUT, R. (eds.) (2001), “Ethnicities: children of immigrants in America”, Berkeley: University of California Press.

PORTES, A. e RUMBAUT, R. (2001), “Legacies”, Berkeley: University of California Press & Russell Sage Foundation.

PORTES, Alejandro e ZHOU, M. (1993), “The New Second Generation: Segmented Assimilation and Its Variants”, in *Annals of the American Academy of Political and Social Science*, n.º 530, pp. 74-96.

PUJADAS, J. J. (1993), “Etnicidad: identidad cultural de los pueblos”, Madrid: Eudema.

RAPOSO, O. (2007), “Representa Red Eyes Gang: das redes de amizade ao hip-hop”, [Texto policopiado], Lisboa: [s.n.].

ROACH-HIGGINS, M. E., EICHER, J. B. e K. P. JOHNSON, K. (eds.) (1995), “Dress and identity”, Nova Iorque: Fairchild Publications.

ROCHA, E. (org.) (2006), “Comunicação, consumo e espaço urbano — novas sensibilidades nas culturas jovens”, Rio de Janeiro: PUC.

SATO, I. (1991), “Kamikaze biker: parody and anomy in affluent Japan”, Londres, Chicago: University of Chicago Press.

SEABRA, T. (1999), “Educação nas famílias: etnicidade e classes sociais”, Lisboa: Instituto da Inovação Educação.

SIMÕES, J. A. (ed.) (2002), “Globalização e diferenciação Cultural: Hegemonia e Hibridismo na construção das (Sub) Culturas Juvenis”, in *Globalização e diferenciação cultural*, Fórum Sociológico n.º 7/8, Lisboa: FCSH — UNL.

SPENCER, Stephen (2006), "Race and ethnicity: culture, identity and representation", Londres: Routledge.

STOLCKE, V. (1995), "Talking Culture: New Boundaries, New Rhetoric's of Exclusion in Europe", in *Current Anthropology*, vol. 36, n.º 1, pp. 1-24.

STRAW, W. (1991), "Systems of Articulation, Logics of Change: Scenes and Communities", in *Popular Music, Cultural Studies*, vol. 5, n.º 3, pp. 361-375.

RAPPORT, N., DAWSON, A. (eds.) (1998), "Migrants of Identity. Perceptions of Home in a World of Movement", Oxford: Berg.

REITZ, J. G. (1980), "The Survival of Ethnic Group", Toronto: McGraw-Hill Ryerson.

ROSENTHAL, D. A., HRYNEVICH, C. (1985), "Ethnicity and ethnic identity: A comparative study of Greek-, Italian-, and Anglo-Australian adolescents", in *International Journal of Psychology*, vol. 20, n.º 6, pp. 723-42.

ROSENTHAL, D. (1987), "Ethnic identity development in adolescents", in J. S. PHINNEY & M. ROTHERAM (eds.), *Children's ethnic socialization: Pluralism and development*, Beverly Hills: Sage.

THOMAS, W. I. e ZNANIECKI, F. (1927), "The Polish Peasant in Europe and America", Nova Iorque: Alfred Knopf.

THOMSON, M. e CRUL, M. (2007), "The Second Generation in Europe and the United States: How is the Transatlantic Debate Relevant for Further Research on the European Second Generation?", in *Journal of Ethnic and Migration Studies*, vol. 33, n.º 7, pp. 1025-1041.

TIZARD, B. (1993), "Black, white or mixed race? Race and Racism in the lives of young people of mixed parentage", Londres: Routledge.

TODD, E. (1994), "Le destin des immigrés: assimilation et ségrégation dans les démocraties occidentales", Paris: Éditions du Seuil.

TODOROV, T. (1993), “Nós e os outros. A reflexão francesa sobre a diversidade humana”, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

TOMLINSON, A. (1994), “Consumption identity and style — Marketing, meanings and the packaging of pleasure”, Londres: Routledge.

VALA, J.(org.) (2003), “Simetrias e identidades — jovens negros em Portugal”, Oeiras: Celta Editora.

VERMEULEN, H. (2001), “Imigração, integração e a dimensão política da cultura”, Lisboa: Edições Colibri.

YINGER, J. M. (1981), “Towards a Theory of Assimilation and Dissimilation”, in *Ethnic and Racial Studies*, vol. 4, pp. 249-64.

WIEVIORKA, M. (2001), “La différence”, Paris: Éditions Balland.

WIRTH, L. (1928), “The Ghetto”, Chicago: University of Chicago Press.

WOODWARD, K. (ed.) (2004), “Questioning identity: gender, class, ethnicity”, Londres: Routledge.

WALDINGER, R. e PERLMAN, J. (1998), “Second generations: past, present, future”, in *Journal of Ethnic and Migration Studies*, vol. 24, n.º 1, pp. 5-25.

ZHOU, M. (1997), “Segmented Assimilation: Issues, Controversies, and Recent Research on the New Second Generation”, in *International Migration Review*, vol. 31, n.º 4, (Special Issue: Immigrant Adaptation and Native-Born Responses in the Making of Americans), pp. 975-1008.

ZWEIG, F. (1961), “The Worker in an Affluent Society: Family Life and Industry”, Londres: Heinemann.

BIBLIOGRAFIA COMENTADA

Juventude

ABRANTES, Pedro (2003), *Os sentidos da escola identidades juvenis e dinâmicas de escolaridade*, Oeiras: Celta Editora.

Nesta obra faz-se a interligação das dinâmicas presentes quer na sociologia da educação quer na sociologia da juventude. Neste contexto, é estudada uma escola secundária da área suburbana de Lisboa e os jovens que a frequentam. Tem como ponto de partida a análise das relações que se formam entre este espaço como instituição e as perspectivas e posicionamentos dos próprios jovens enquanto indivíduos. A vivência quotidiana, a formação de grupos de pares, e as identidades específicas que se constroem, entre outros pontos apresentados pelo autor, são a base da análise aqui proposta.

ALI, Suki (2003), *Mixed-Race, Post-Race — Gender, New ethnicities and cultural practices*, Oxford: Berg.

Este trabalho discute o modo como a temática da etnicidade pode ser abordada de uma perspectiva que relaciona diferentes culturas de forma dinâmica e não estanque. Descreve e comenta um trabalho empírico realizado com crianças, acerca das suas representações e construções do *self*. As conclusões da autora vão no sentido de que estas se baseiam, e informam, na identidade étnica de cada criança em conjunto com o conhecimento que a mesma detém acerca da existência de outras culturas.

ALMEIDA, João Ferreira de *et al.* (1996), *Jovens de hoje e de aqui — resultados do inquérito à juventude do concelho de Loures*, Loures: Câmara Municipal de Loures.

Este livro apresenta os resultados de um inquérito realizado a jovens entre os 14 e os 29 anos, residentes no actual concelho de Odivelas (concelho de Loures, na altura da publicação). Tem como objectivo compreender os seus posicionamentos face ao contexto social que integram, tomando as redes de sociabilidade destes jovens como ponto de partida para os mesmos. Observam-se entre estes as atitudes em relação às “minorias étnicas”.

BHATTI, Ghazala (1999), *Asian Children at Home and at School — An Ethnographic Study*, Londres e Nova Iorque: Routledge.

Ghazala Bhatti realiza um trabalho maioritariamente etnográfico com crianças e jovens asiáticos descendentes de imigrantes e residentes numa cidade inglesa. Atendendo ao contexto específico em que vivem, observa os modos como os jovens percebem a realidade confrontando-os com o posicionamento dos seus pais e professores. A ligação entre a casa e a escola foi especialmente explorada e permitiu compreender como as negociações entre práticas e representações diferenciadas nos dois contextos podem ser complexas e, por vezes, mesmo colidir. Para além das rotinas que se estabelecem nestes dois contextos, o autor descreve-nos ainda as interações existentes ao nível dos grupos de pares e o modo como estas marcam as identidades juvenis e os seus modelos de relacionamento com as instituições sociais vigentes.

CARVALHO, Maria João Leote de (2005), *Jovens, espaços, trajetórias e delinquências*, in *Sociologia — problemas e práticas*, n.º 49, Oeiras: Celta Editora/ISCTE.

Neste trabalho é analisada a temática do desvio e da delinquência a partir de um trabalho realizado junto de jovens internados em estabelecimentos de reinserção social. As principais conclusões que nos mostra são que as populações jovens em causa provêm maioritariamente de meios familiares marcados pela violência e/ou pelo absentismo parental e por condições socioeconómicas muito frágeis. Mostra-se como os mecanismos de reprodução social são poderosos e, muitas vezes, determinantes para o desenvolvimento das trajetórias futuras das gerações mais novas.

CORREIA COMPLETO, Maria de Lurdes (2006), *Comportamento juvenil e representação sócio-urbanística das áreas de residência numa periferia de Lisboa*, [Texto policopiado], Lisboa: [s.n.].

As representações juvenis dos espaços suburbanos são o objecto deste trabalho que se debruçou, mais especificamente, nas áreas urbanas desqualificadas. As suas principais hipóteses de trabalho exploram a existência de uma ligação entre o meio urbano onde os

jovens residem e as modalidades a partir das quais constroem as suas identidades juvenis. Mais especificamente, observa-se como as representações sobre a realidade são influenciadas pelos contextos familiares e escolares e promovem, em conjunto com as representações sobre o espaço, uma identidade de Bairro. A autora conclui que as representações individuais e colectivas existentes sobre um território espacial determinado influenciam os modos como os indivíduos se sentem e pensam, não só o seu espaço de pertença (seja ele a casa, a escola ou o bairro), mas também os demais espaços.

COSTA, Márcia (org.) (2006), *Sociabilidade Juvenil e Cultura urbana*, São Paulo: PUC — SP.

No trabalho de Márcia Costa explora-se a relação histórica existente entre os estudos sobre culturas juvenis realizados no Brasil e acontecimentos específicos como a formação de *gangs*. A autora argumenta como os *gangs* surgem em contextos marginalizados em que grupos de jovens se organizam de modo a defenderem-se do sistema vigente, tendo por vezes comportamentos violentos.

DAYRELL, Juarez (2005), *A Música Entra em Cena. O Rap e o Funk na Socialização da Juventude*, Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais.

O autor reflecte sobre as especificidades dos dois géneros musicais enquanto instrumentos de integração e negociação sociais. Complementarmente, descreve e discute os quotidianos juvenis para além da escola e chama a atenção para a necessidade de os contextualizar no quadro das relações sociais, familiares e de trabalho, pois a descrição dos jovens e da produção de estilos musicais não permite, por si só, uma compreensão global das *culturas juvenis*.

FREITAS, Marcos Cezar (org.) (2006), *Desigualdade social e diversidade cultural na infância e na juventude*, São Paulo: Cortez.

A organização destes textos tem por base compreender os jovens enquanto inseridos em sistemas sociais onde a infância e a juventude têm como contexto a desigualdade e/ou a diversidade cultural. Assim, as disparidades económicas são apresentadas como um

factor que determina a formação dos jovens, a par dos processos migratórios que permitem uma grande heterogeneidade de “juventudes”, pois estas vivências e as formas como são apreendidas posicionam identitariamente os jovens e as crianças perante o seu contexto sócio-histórico.

GUSMÃO, Neusa (2004), *Os filhos da África em Portugal — Antropologia, multiculturalidade e educação*, Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.

Este trabalho tem por objectivo compreender os posicionamentos específicos dos “negros luso-africanos” perante o “branco” e perante si, em diversos contextos e enunciar as diferentes visões do mundo que daí advêm. Neste sentido, o trabalho estrutura-se em torno de questões ligadas à integração das populações africanas e dos seus filhos em Portugal. A escola, enquanto contexto central na vida dos jovens em análise, assume um papel central na dinamização e gestão dos encontros com a diferença e com a multiculturalidade podendo, por vezes, desempenhar um papel conflituoso com outros agentes de socialização, como a família, por não partilharem das mesmas representações culturais.

HONWANA, Alcinda Manuel (2005), *Makers & Breakers. Children & Youth in Postcolonial Africa*, Oxford: James Currey.

Este texto fala especificamente de contextos africanos e não trata directamente a temática da imigração. Contudo, é importante no sentido em que mostra como a juventude em África é encarada de formas muito diferentes das dos países ocidentais. Discute-se particularmente a temática da reprodução das estruturas sociais existentes e as estratégias para as contrariar levadas a cabo pelos jovens.

LOPES, João Teixeira (1995), *As escolas urbanas como cenários de interacção: um estudo sobre práticas culturais estudantis*, in *Sociologia I*, Vol. V, Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras.

Este artigo tem por objectivo refutar o conceito de “juventude homogénea”, reflectindo sobre a importância do espaço na estruturação da diferenciação, confronta-o com a

agencialidade dos indivíduos e com o seu posicionamento perante as instituições sociais, nomeadamente a escola. De acordo com o autor, as concepções do espaço devem ter por base uma perspectiva integrativa do mesmo enquanto lugar geográfico e enquanto lugar social, isto é, um conceito que tenha em atenção as especificidades do espaço enquanto local com representações sociais próprias e integradas num contexto alargado. A escola aparece definida neste trabalho como um espaço que impõe limites à acção mas que, por outro lado, permite aos indivíduos formas diferenciadas e dinâmicas de apropriação.

O'DONNELL, Mike e SHARPE, Sue (2000), *Uncertain masculinities: youth, ethnicity and class in contemporary Britain*, Londres: Routledge.

Este livro é o resultado de uma investigação levada a cabo durante a década de 1990, entre rapazes de quatro escolas secundárias londrinas, e cuja grelha de análise privilegia a construção da sua masculinidade. A discussão acerca do género é cruzada com as especificidades da classe, etnia e geração destes rapazes na tentativa de alcançar um entendimento multidimensional da construção das suas identidades. Ao longo dos cinco capítulos os autores dão voz aos protagonistas, a partir dos dados recolhidos em questionários e entrevistas realizadas aos mesmos, analisando a relação das temáticas centrais da investigação com os vários contextos do seu quotidiano: da escola ao bairro, passando pelos grupos e cultura de pares, até à família, ao trabalho e ao lazer.

PATO, Isabel (2007), *Políticas públicas e construção de identidade territoriais urbanas — Reflexões a partir do espaço vivido*, Lisboa: Centro de Estudos Geográficos.

O principal objectivo do estudo passa por compreender as dinâmicas pelas quais se pautam as vivências no território suburbano. Estas são determinadas e determinantes no acesso dos jovens às instituições e à construção específica de representações sobre esses mesmos espaços. A escola é trabalhada como um contexto dual no qual se pode fomentar a integração dos sujeitos mas, simultaneamente, desmobilizar essas mesmas integrações devido a questões relacionadas com a pertença étnica.

ROCHA, Everardo (org.) (2006), *Comunicação, consumo e espaço urbano — novas sensibilidades nas culturas jovens*, Rio de Janeiro: PUC — Rio Mauad.

Este livro apresenta a forma como os jovens lidam com questões ligadas ao consumo. São analisados os conteúdos de diversas campanhas de marketing com o intuito de perceber como esta forma de comunicação generalizada impõe sistemas específicos de identificação e promove modalidades determinadas de apropriação dos espaços urbanos e de gestão das vivências quotidianas.

SANTOS, Fernando Augusto de Sá Neves dos (2005), *Juventude, consumo e globalização*, Lisboa. Tese de Doutoramento, Lisboa: ISCTE, policopiado.

Esta tese pretende discutir a temática da globalização, dos fluxos e dos contactos entre diferentes culturas na contemporaneidade. Para isso, analisa o consumo enquanto actividade que se encontra dependente de diversos factores sociais, económicos e culturais, próprios de cada contexto socio-histórico. Este facto condiciona as estratégias de consumo juvenis as quais, segundo o autor, apresentam uma grande heterogeneidade, muito embora as novas tecnologias permitam estabelecer identificações entre grupos espacial e culturalmente distantes. Reforça-se o argumento da importância de atender à agencialidade dos sujeitos no que se refere a esta temática.

Culturas juvenis

AMIT-TALAI, Vered & Wulff, Helena (eds.) (1995), *Youth cultures: a cross-cultural perspective*, Londres: Routledge.

Neste conjunto de textos faz-se uma exposição da historicidade dos conceitos e perspectivas em torno das “culturas juvenis”. Assim, começa por apresentar algumas perspectivas dos estudos clássicos que estudaram a juventude como um processo de passagem à idade adulta. Dá-se atenção à Escola de Birmingham e aos seus estudos sobre jovens e lutas de classe de uma perspectiva marxista, num primeiro momento. Seguidamente, aos trabalhos que assumem uma posição sobre o desvio e a delinquência procurando soluções

e explicações para o facto. E posteriormente, discute-se o papel da agencialidade dos indivíduos na reprodução cultural a partir de vários pontos dinâmicos (estruturais), com as evidentes restrições geracionais e de idade, como a escola, o trabalho, a família, entre outros, leva à construção de um conjunto único de situações que promovem a formação de grupos com características próprias dentro de um só sistema cultural.

BOLIN, Goran e FORNAS, Johan (eds.) (1995), *Youth culture in late modernity*, Londres: Sage.

A organização de vários textos em torno da temática da juventude, cultura e modernidade levou estes autores a colocarem questões sobre os significados da juventude. O futuro aparece equacionado como questão fundamental na análise dos discursos juvenis. Paralelamente, promove-se uma discussão em torno dos conceitos de juventude, cultura e modernidade, das interligações existentes entre eles e da necessidade de desenvolver uma abordagem multidisciplinar acerca das mesmas.

FERREIRA, Vitor Sérgio (2008), *Marcas que demarcam: tatuagem, body piercing e culturas juvenis*, Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.

Este trabalho pretende discutir o aumento da visibilidade da tatuagem e do *body piercing* na sociedade contemporânea e sua ligação às identidades juvenis. Argumenta-se que a juventude encontra nestas práticas uma forma de expressão que, por vezes, vai contra a ordem social vigente. A homogeneização da amostra foi uma das preocupações do autor que procurou, sempre possível, evitar testemunhos de sujeitos pertencentes a redes de sociabilidade muito próximas.

HEBDIGE, Dick (1988), *Hiding in the light: on images and things*, Londres: Routledge.

Esta publicação comporta uma série de artigos e trabalhos publicados ao longo de vários anos, em que são apresentadas diversas perspectivas, tentando manter passo a passo a coerência conceptual. Assim, o livro tem por base duas perspectivas sobre a juventude, analisando-a por um lado como um problema e por outro como forma de divertimento. A partir destas concepções estereotipadas, tal como refere o autor, desenvolvem-se os vários

textos que procuram compreender os comportamentos dos jovens perante movimentos como o *punk*, a apropriação de determinados bens de consumo pela sociedade britânica no pós-guerra, ou ainda a apropriação e manipulação da imagem na contemporaneidade. Para o projecto em questão, as principais contribuições deste livro são as duas perspectivas pelas quais o autor analisa a juventude e a formação das culturas juvenis, e mostra que estas podem ser vistas como ameaçadoras para o contexto social em que se inserem.

MARTINS, Humberto (1997), *Ami cunhá cumpadri Pitécu: uma etnografia da linguagem e da cultura juvenil luso-africana em dois contextos suburbanos de Lisboa*, Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.

A tese de Humberto Martins pretende desconstruir a imagem de senso comum de que os bairros degradados são constituídos na sua maioria por indivíduos de origem africana, com uma identidade e cultura únicas e com um forte sentido de pertença aos mesmos. Para isso, o autor trabalhou com jovens brancos que vivem nos mesmos locais degradados e que se identificam com as “microculturas juvenis” que aí se formam.

PAIS, José Machado (2003), *Culturas Juvenis*, Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

A definição de juventude apresentada pelo autor explora a grande heterogeneidade de sentidos ligada ao termo “juventude”. O conceito é abordado a partir de uma perspectiva que sublinha a sua porosidade e interconexão com outros conceitos. A importância de contextualizar o uso do conceito sai reforçada neste trabalho que constitui leitura obrigatória e propedêutica para a generalidade dos projectos sobre a temática.

O’ DONNELL, MIKE e SHARPE, Sue (2000), *Uncertain masculinities: youth, ethnicity and class in contemporary Britain*, Londres: Routledge.

Este livro é o resultado de uma investigação levada a cabo durante a década de 1990, entre rapazes de quatro escolas secundárias londrinas, e cuja grelha de análise privilegia a construção da sua masculinidade. A discussão acerca do género é cruzada com as especificidades da classe, etnia e geração destes rapazes na tentativa de alcançar um entendimento multidimensional da construção das suas identidades. Ao longo dos cinco

capítulos, os autores dão voz aos protagonistas, a partir dos dados recolhidos em questionários e entrevistas realizadas aos mesmos, analisando a relação das temáticas centrais da investigação com os vários contextos do seu quotidiano: da escola ao bairro, passando pelos grupos e cultura de pares, até à família, ao trabalho e ao lazer.

Etnicidade

BARTH, Fredrik (ed.) (1998), *Ethnic groups and boundaries: the social organization of cultural difference*, Long Grove: Waveland Press.

Esta publicação editada por Barth marcou uma viragem importante na teorização acerca da etnicidade em antropologia. A partir de um entendimento mais processual da cultura vigente até à época, os autores que contribuem para este volume seguem a linha de análise que Barth propõe na introdução, discutindo a natureza das fronteiras étnicas, sua manutenção e importância nos processos de identidade grupal. Propõe-se um conceito de etnicidade que não reifique os grupos culturais nem os tome como unidades isoladas e estáticas, deslocando a análise do foco no conteúdo cultural distinto de cada grupo para a problematização da manutenção da identidade e sua relação com as fronteiras sociais entre grupos.

BAUMANN, Gerd (2003), *Contesting Culture. Discourses of identity in Multi-Ethnic*, Londres, Cambridge: Cambridge University Press.

A investigação que deu origem a este livro teve como objecto de estudo a população jovem de um bairro de população maioritariamente imigrante em Londres. A partir dos dados recolhidos, o autor apresenta uma crítica do conceito de cultura que mostra como os actores sociais da amostra participam na construção da sua identidade, contestando o discurso dominante acerca de si. Os vários grupos étnicos adoptam diferentes estratégias e formas de reinventar e transformar a sua cultura, definir ou fundir fronteiras comunitárias e identitárias contrariando a ideia muitas vezes presente no senso comum, mas também em algumas leituras académicas, de que a identidade cultural é determinada pela pertença a uma etnia específica com fronteiras pré-determinadas e estáticas.

BRUBAKER, Rogers (2004), *Ethnicity without groups*, Cambridge (Mass.), Harvard University Press.

Este livro é constituído por uma selecção de artigos do autor que traçam o seu percurso na aproximação a temas como a raça, a identidade étnica ou o nacionalismo, mas que pretendem também marcar uma nova direcção no seu trabalho. Esta é caracterizada por uma preocupação com contextos de acção mais micro e com as dinâmicas quotidianas da etnicidade. Subjacente está ainda uma viragem para uma perspectiva mais relacional e dinâmica que permite ultrapassar um tipo de análise centrado nos grupos enquanto entidades definidas a partir das suas fronteiras e de uma “substância” própria.

CABECINHAS, Rosa (2002), *Racismo e etnicidade em Portugal: uma análise psicossociológica da homogeneização das minorias*, Braga: Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais.

Este trabalho é o resultado de uma investigação que teve como objecto os processos cognitivos relacionados com a discriminação social. Apesar de se situar no campo teórico da Psicologia esta abordagem mostra-se mais rica pois articula processos psicológicos com factores sócio-históricos, particularmente os relativos ao estatuto social dos grupos analisados e sua influência nas estratégias identitárias adoptadas por esses grupos. A partir de uma metodologia que combinou diversos tipos de recolha e tratamento dos dados, a autora chega à evidência da importância da categorização grupal nas práticas de racismo actuais.

DONALD, JAMES e RATTANSI, Ali (eds.) (1997), *Race, culture and difference*, Londres: Sage.

Neste volume, que condensa artigos de autores de variadas áreas, faz-se a ponte entre os estudos culturais e a análise política discutindo conceitos como etnicidade, comunidade e identidade na análise contemporânea dos debates acerca do racismo. O que se pretende é que a análise dos usos da raça, enquanto categoria social e política, se realize a partir de uma crítica ao conceito de cultura que seja capaz de repensar a diversidade étnica sem deixar de estar atenta às limitações dos argumentos multiculturalistas e anti-racistas.

ERIKSEN, Thomas (1993), *Ethnicity and Nationalism — Anthropological Perspectives*, Londres: Boulder Pluto Press Cop.

Este livro constitui um útil manual que condensa muito do saber antropológico acerca da etnicidade e nacionalismo, discutindo de forma extensa os desenvolvimentos destes temas por relação a uma série de outros subtemas com estes directamente relacionados. Assim, podemos ver abordadas questões como a do espaço urbano e imigração, a comunicação intercultural, a negociação identitária, fronteiras, sociedades plurais, história e ideologia, colonialismo, etc. No decorrer desta discussão vão sendo ainda apresentados vários quadros metodológicos e exemplos etnográficos que ilustram os debates clássicos, bem como os seus desenvolvimentos contemporâneos, que a Antropologia e a Sociologia têm vindo a desenvolver acerca destes assuntos.

LAVIE, SMADAR e SWEDENBURG, Ted (1996), *Displacement, Diaspora, and Geographies of Identity*, Durham: Duke University Press.

Este livro trabalha um conceito dinâmico de identidade em que as noções de cultura e nação são questionadas e trabalhadas a partir de uma perspectiva que toma as suas fronteiras como porosas e flexíveis. O conjunto de textos que o compõem abordam temas como o transnacionalismo, a fronteira, os processos de hibridismo e as diásporas, num quadro que tem em conta as discussões pós-modernas, pós-coloniais e dos “cultural studies”, levantando questões problematizantes, de forma construtiva, da metodologia etnográfica.

MACHADO, Fernando Luís (2002), *Contrastes e continuidades: migração, etnicidade e integração dos guineenses em Portugal*, Oeiras: Celta Editora.

O autor discute a importância da pertença étnica entre guineenses residentes em Portugal e seus espaços de integração na sociedade portuguesa. A partir de um modelo de análise que parte de dois eixos maioritários, o social e o cultural, que se decompõem em dimensões como a classe ou a religião, são encontrados variados padrões de integração que mostram como a etnicidade não é, por si, sinónimo de desadaptação. Os resultados desta investigação apontam sim para uma correlação entre as posições na hierarquia social e o nível de integração dos sujeitos migrantes

SPENCER, Stephen (2006), *Race and ethnicity: culture, identity and representation*, Londres: Routledge.

A partir de contributos da Sociologia, Antropologia e estudos culturais, Spencer aborda as questões da raça e da etnicidade de forma rica ao pegar numa série de exemplos etnográficos de culturas diversas à volta do globo e discutindo todas as grandes teorias que ao longo da história foram cunhando os sentidos destes conceitos. Temáticas como a do multiculturalismo, refugiados e requerentes de asilo, bem como as suas implicações ao nível das políticas públicas são aqui tratadas olhando para casos específicos como o do México, Malásia ou Inglaterra. A questão da representação identitária da etnicidade, através de imagens veiculadas pelos *media* e por outras formas de cultura popular, é analisada a par das políticas de aceção da raça e da etnicidade, e cruzada com os debates coloniais e pós-coloniais.

VALA, Jorge (2004), *Processos identitários e gestão da diversidade*, Actas do I Congresso Imigração em Portugal: Diversidade-Cidadania-Integração.

Neste texto, Vala analisa as contradições entre o discurso de senso comum, que tende a reproduzir a crescente preocupação política com os direitos e integração dos imigrantes protegendo-os da discriminação, e as práticas efectivas de racismo e xenofobia. Chama ainda a atenção para a pouca visibilidade destas nos órgãos de comunicação social, relacionando estas contradições com a ideia luso-tropicalista, presente na sociedade portuguesa, de que o povo português está naturalmente predisposto para o convívio multicultural e é intrinsecamente tolerante. O autor advoga a necessidade de reconhecimento destas contradições para que se comece a agir reflexivamente no sentido de uma evolução positiva nas normas sociais de interacção com os imigrantes.

São também discutidos uma série de conceitos teóricos úteis para pensar estas questões de forma não essencialista e plural.

WOODWARD, Kath (ed.) (2004), *Questioning identity: gender, class, ethnicity*, Londres: Routledge.

Este livro problematiza a questão da identidade na contemporaneidade e sua importância enquanto conceito fundamental na abordagem das ciências sociais às especificidades do mundo actual. Partindo de uma perspectiva multidisciplinar, os autores tentam perceber de que forma as identificações de género, de classe e étnicas entram em jogo na forma como os indivíduos criam alianças significativas para a construção de si e dos seus posicionamentos sociais.

Segunda geração

CASIMIRO, Elsa (2008), *Percursos escolares de descendentes de imigrantes de origem cabo-verdiana em Lisboa e Roterdão*, Colecção Teses do Observatório, Lisboa: ACIDI.

Esta publicação constitui uma dissertação de mestrado que analisa comparativamente o contexto português e holandês, no que diz respeito à inserção escolar e social de estudantes cabo-verdianos. Através da observação directa destes jovens, no seu contexto escolar em Lisboa e Roterdão, da realização de entrevistas e inquéritos e ainda de uma pesquisa documental aprofundada, a autora dá conta das diferenças entre os dois contextos e das soluções de adaptação que os jovens encontram em cada um deles. Estas são analisadas a partir de dois principais tipos de processos: o que respeita aos elementos que os imigrantes transportam desde a origem e sua realocização nos contextos de acolhimento; e o relativo aos resultados finais do percurso dos estudantes, relacionados com os contextos locais e a mobilidade social.

COLOMBO, Enzo, LEONINI, LUISA e REBUGHINI, Paola (2009), *Different But Not Stranger: Everyday Collective Identifications among Adolescent Children of Immigrants in Italy*, in *Journal of Ethnic and Migration Studies*, n.º 35.

Neste artigo é abordada a questão do futuro das segundas gerações em Itália, a partir de uma primeira discussão acerca das teorias existentes neste campo. O material empírico

recolhido para pensar este assunto é relativo a entrevistas realizadas entre jovens filhos de imigrantes em Milão e servem aos autores para definir seis modos de incorporação na sociedade italiana, mostrando como a adaptação destes jovens é complexa e variada. Os autores concluem argumentando que esta complexidade necessita ser incorporada na análise das segundas gerações, de forma a melhor se compreenderem as condições e contextos sociais.

CARVALHO, Francisco (2005), *Filhos de Imigrantes Cabo-Verdianos em Portugal: a Questão Identitária*, Lisboa: Socinova.

Carvalho problematiza os posicionamentos identitários, a partir da análise do conceito de identidade social, de jovens descendentes de imigrantes cabo-verdianos. As dinâmicas entre país de origem dos pais, nacionalidade dos jovens e relações transnacionais da diáspora cabo-verdiana são exploradas na sua complexidade, discutindo-se a sua influência nos processos relativos à construção da identidade. O autor realiza ainda uma revisão crítica do conceito de “segunda geração”.

CONTADOR, António Concorde (2001), *Cultura Juvenil Negra em Portugal*, Oeiras: Celta.

A partir de uma recolha empírica entre descendentes de imigrantes africanos em Portugal, o autor analisa as suas opções estéticas e musicais, relacionando-as com os posicionamentos identitários dos mesmos. Mostra como as referências a partir dos quais estes posicionamentos se fazem são múltiplos e propõe o uso de uma categoria terminológica capaz de os espelhar: a de jovens negros portugueses.

MACHADO, Fernando Luís e MATIAS, Ana Raquel (2006), *Jovens descendentes de imigrantes nas sociedades de acolhimento: linhas de identificação sociológica*, Lisboa: CIES-ISCTE.

Este artigo discute a questão da integração dos descendentes de imigrantes nas sociedades de acolhimento partindo de uma análise que privilegia as modalidades de transição para a vida adulta destes jovens. Assim, procedem à crítica do conceito de “segunda geração”, mostrando como os filhos de imigrantes têm de ser pensados também enquanto jovens como

quaisquer outros, de modo a que a classificação de “filhos de imigrantes” não condicione *a priori* a forma de olhar para estes. A diversidade da juventude na contemporaneidade e a importância da etnicidade são também discutidas, defendendo-se uma perspectiva multidimensional, processual e contextual das identidades juvenis dos filhos de imigrantes.

MACHADO, Fernando Luís (2008), *Filhos de imigrantes africanos no mercado de trabalho: acessos, perfis e trajectos*, in *Migrações* n.º 2 — Mercado de Trabalho, Lisboa: ACIDI.

Este artigo analisa a inserção dos jovens descendentes de imigrantes africanos na região de Lisboa e Vale do Tejo, comparando-a com os padrões laborais dos seus progenitores e ainda dos jovens portugueses em geral. As conclusões apontam no sentido de um distanciamento das condições laborais mais comuns entre os seus pais, diversificando-se as situações e percursos profissionais, e no sentido da semelhança com os seus pares de pais não imigrantes, não sendo as soluções laborais encontradas por uns significativamente diferentes dos outros, em condições sociais semelhantes.

MOURO, Carla (2003), *Estratégias de gestão da identidade e percepção de variabilidade intragrupal em adolescentes portugueses de origem cabo-verdiana*, Lisboa: ISCTE.

Este trabalho, do campo da psicologia social, tenta perceber qual a relação entre a identidade social, percepções da variabilidade intragrupal e estratégias identitárias a partir da análise das mesmas entre jovens portugueses com origem cabo-verdiana de classes baixas.

PORTES, Alejandro e RUMBAUT, Rubén G. (eds.) (2001), *Ethnicities: Children of immigrants in America*, Berkeley: University of California Press.

Nesta edição, Portes e Rumbaut juntam uma série de contributos para a investigação acerca da etnicidade entre os filhos dos imigrantes na sociedade norte-americana. A partir da análise dos diferentes trajectos de grupos étnicos distintos, como os mexicanos, filipinos, ou jamaicanos, os autores que contribuem para este volume discutem padrões de integração também eles diferenciados tentando identificar as condições que permitem a alguns destes entrar em processos de mobilidade ascendente, enquanto outros vêm o seu

futuro ensombrado pela posição nas franjas mais baixas da hierarquia social. O capítulo final põe em diálogo todos os artigos, tentando daqui retirar conclusões úteis no avanço da investigação acerca das segundas gerações migrantes.

PORTES, Alejandro e RUMBAUT, Rubén G. (2001), *Legacies*, Berkeley: University of California Press & Russell Sage Foundation.

A partir de um rico conjunto de dados relativos a comunidades imigrantes nos Estados Unidos, como a mexicana, a cubana e a chinesa, entre outras, Portes e Rumbaut apresentam nesta obra uma análise aprofundada dos padrões de adaptação dos jovens destas comunidades. Esta é realizada tendo em conta várias dimensões das suas vidas, discutindo-se a influência de factores relativos à vida escolar e familiar, às percepções de discriminação, perspectivas de futuro ou às culturas de pares, no lugar que ocupam na estrutura social e económica norte americana.

PORTES, Alejandro (ed.) (1996), *The new second generation*, Nova Iorque: Russell Sage Foundation.

Nesta publicação é apresentado o conceito de assimilação segmentada como instrumento teórico capaz de explicar as diferentes formas de adaptação dos jovens filhos de imigrantes nos Estados Unidos. Através dos resultados obtidos em diversos estudos de caso, ao autores apresentam uma tipologia dos diferentes modos de incorporação encontrados e que reflectem os vários contextos que estes jovens encontram e com os quais têm de lidar, durante o seu crescimento num país que não o de origem dos seus pais.

THOMSON, Mark e CRUL, Maurice (2007), *The Second Generation in Europe and the United States: How is the Transatlantic Debate Relevant for Further Research on the European Second Generation?*, in *Journal of Ethnic and Migration Studies*, vol. 33, n.º 7.

Neste artigo questiona-se o significado do conceito de integração nos debates contemporâneos acerca da imigração e propõe-se um diálogo entre as teorizações norte-americanas e europeias. Desta forma os autores pretendem tornar mais rica a investigação acerca dos

diferentes padrões de integração das segundas gerações em contextos nacionais também eles diferentes. A abordagem aqui realizada torna-se ainda mais rica pela chamada de atenção para indicadores tradicionalmente não incluídos na análise e que têm a ver com aspectos menos quantificáveis da vida social destes jovens, como a cidadania, a identidade étnica ou a religião.

VALA, Jorge; FERREIRA, Vítor Sérgio; EUGÉNIO LIMA, Marcus e LOPES, Diniz (2003), *Simetrias e Identidades. Jovens Negros em Portugal*, Oeiras: Celta.

Este trabalho aborda um universo de 400 jovens descendentes de imigrantes provenientes das ex-colónias portuguesas em África, analisando os seus posicionamentos sociais e percepções de justiça, as suas identidades, as formas de transição entre escola e trabalho e o exercício da sua cidadania. Ao mesmo tempo discutem-se as imagens que a sociedade portuguesa faz dos mesmos criando categorias que diferenciam e que são por estes jovens incorporadas, mas também negadas e transformadas.

ZHOU, Min (1997), *Segmented Assimilation: Issues, Controversies, and Recent Research on the New Second Generation*, in *International Migration Review*, vol. 31, n.º 4, *Special Issue: Immigrant Adaptation and Native-Born Responses in the Making of Americans*.

Este artigo faz uma revisão da teoria da assimilação segmentada, apresentando as principais polémicas em torno da sua discussão e justificando o seu afastamento em relação à teoria assimilacionista clássica, bem como aos argumentos estruturalistas e multiculturalistas. A autora expõe a assimilação segmentada como moldura conceptual alternativa, capaz de preencher as lacunas deixadas por aquela no que diz respeito à análise da adaptação imigrante em toda a sua complexidade. Com base nesta, explicita os diferentes tipos de factores que contribuem para delinear os percursos dos jovens de segunda geração na integração na cultura de acolhimento, passando pelos constrangimentos estruturais da mesma, pelas questões relativas à classe e raça e às comunidades étnicas.

ANEXOS

1. GUIÃO DAS ENTREVISTAS

	Objectivos específicos	Questões-tipo
Ligação à cultura de origem	- Compreender como a cultura de origem dos pais/familiares é transmitida e se esta ligação pode ser mais ou menos rígida de acordo com o posicionamento dos próprios familiares no contexto de acolhimento. - Compreender de que forma a transmissão de determinadas especificidades da cultura de origem é mais ou menos selectiva conforme um posicionamento individual de quem a transmite. Perceber o porquê dessa selectividade, quais as especificidades que são passadas e quais são efectivamente mostradas. - Apreender quais as decisões dos jovens no que concerne a escolher as características da origem a valorizar e a desvalorizar. A questão do grupo e dos pais podem ser factores tidos aqui em conta pelos jovens. - Compreender o grau de pressão que, num primeiro nível, a família exerce como mediadora.	Que contacto tens com o país de origem : com a família, com os amigos? E é por carta, é através de telefonemas, e-mail? Fazes viagens ao país de origem e os teus familiares fazem viagens a Portugal?
		Que produtos africanos (da origem) costumam usar? Música, comida; roupa? E são comprados em Portugal ou encomendados? Onde? Quem traz as coisas encomendadas? A família, os amigos?
		Qual a influência dos teus pais, tios e outros familiares no teu contacto com o país de origem? Tens curiosidade e iniciativa própria para procurar e conhecê-lo?
		Quando te falam desse país como é que te apresentam? Quais são as características; valorização de determinados pontos em vez de outros?
		Que símbolos (culturais) são valorizados e por quem?
		Em alguma situação costumam usar trajes tradicionais? E gostas? Porquê?
		Costumas participar em actividades relacionadas com o país africano de origem dos teus pais? Porquê?

	Objectivos específicos	Questões-tipo
Quotidianos juvenis	- Compreender a importância dos espaços – associações; cafés; centros comerciais; bares; discotecas –, nos quotidianos dos jovens e o tempo que é dedicado a esses espaços. - Compreender a forma como as sociabilidades se relacionam com os espaços e a necessidade (ou não) de associações e da pertença a estas. - Compreender como os ritmos quotidianos se organizam em volta dos espaços da casa, da escola, das associações, etc. - Perceber quanto é importante a ligação à escola e às redes de sociabilidade que são construídas.	Tens TV Cabo ou Satélite? Que canais costumavas ver?
		Quanto tempo ficas a ver televisão por dia?
		O que costumavas fazer quando saís da escola? E ao fim-de-semana?
		Conheces muita gente noutros sítios? De onde?
		E como conheceste essas pessoas?
		Passas muito tempo com os teus amigos?
		Onde se costumam encontrar?
		Quais são os locais que frequentam? Porquê?
		Com que frequência costumavas sair? Para onde? Vais geralmente com as pessoas da escola (com quem costumavas estar habitualmente)?
Consumos	- Compreender quais os principais consumos dos jovens nos contextos em causa. - Perceber quais as identificações e a importância dada a esses consumos. - Compreender a importância de determinados objectos em detrimento de outros, importância das marcas.	O que gostas de ouvir (música); onde a vais buscar? E a tua família, as pessoas que moram contigo, o que gostam de ouvir?
		Os teus pais influenciam a roupa que compras? És tu que escolhes? Compram-te normalmente o que pedes?
		E usas programas da Internet para conhecer pessoas?
		Depois de as conheceres costumavas sair com elas?
		Como é que mantêm o contacto depois?
		Usas muito o telemóvel? Como é que escolheste a rede de telefone? Porquê?
		Que roupa costumavas usar?
		Que marcas preferes? Porquê? O que é que significam para ti? Costumavas usá-las?

	Objectivos específicos	Questões-tipo
Expressividades	- Compreender a efectividade de determinadas actividades no quotidiano dos indivíduos em questão. - Compreender a forma como essas actividades são expressividades, no sentido em que expressam a identidade individual e grupal nos contextos aqui em estudo.	Pertences a algum grupo de dança ou desporto? Qual? Porquê?
		Porque é que escolheste esse grupo? Quanto tempo por semana dedicas a esse grupo?
		Tens amigos nesse grupo? Foi a partir deles que entraste para o grupo?
		Quais as principais actividades do grupo?
		Quais as características desse grupo com que gostas mais? E menos?
Expectativas/Perspectivas de futuro	- Perceber as heterogeneidades e homogeneidades dos grupos e a forma como podem identificar-se pelas expectativas e perspectivas de futuro, no sentido em que alguns grupos são formados por pessoas das mesmas turmas da escola, ou dos grupos de dança: questão profissional e localidade. - Compreender como é que a localidade influencia as perspectivas e expectativas de futuros individuais.	O que pensas fazer a seguir à escolaridade obrigatória?
		Pensas ficar aqui? Porquê?
		O que pensas de sair de Portugal?
		Para onde gostarias de te mudar?
		Conheces pessoas que residam fora de Portugal? Onde?

